

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNESP – CÂMPUS DE BAURU

SILVIA CAVALCANTE VICENTIN

**PERCEPÇÕES DE MÃES E CRIANÇAS DAS RELAÇÕES
FAMILIARES PERMEADAS POR VIOLÊNCIA SEXUAL DO
PAI CONTRA A FILHA: ANÁLISE DE VARIÁVEIS.**

Bauru

2007

SILVIA CAVALCANTE VICENTIN

**PERCEPÇÕES DE MÃES E CRIANÇAS DAS RELAÇÕES
FAMILIARES PERMEADAS POR VIOLÊNCIA SEXUAL DO
PAI CONTRA A FILHA: ANÁLISE DE VARIÁVEIS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências, Bauru, SP, como parte dos registros para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Desenvolvimento: comportamento e saúde.

Orientadora: Prof. Dra. Tânia Gracy Martins do Valle.

Bauru

2007

SILVIA CAVALCANTE VICENTIN

**PERCEPÇÕES DE MÃES E CRIANÇAS DAS RELAÇÕES FAMILIARES
PERMEADAS POR VIOLÊNCIA SEXUAL DO PAI CONTRA A FILHA:
ANÁLISE DE VARIÁVEIS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Bauru. Área de Concentração: Desenvolvimento: comportamento e saúde.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dra. Tânia Gracy Martins do Valle – UNESP Bauru
Orientadora - Presidente da banca

Dra. Sandra Regina Gimeniz-Paschoal – UNESP Marília
2º. Examinadora

Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues – UNESP Bauru
3º. Examinadora

Dissertação defendida e aprovada em: 15 / 06 / 2007.

*“Feliz quem achou a sabedoria e alcançou o entendimento!
Pois adquiri-la vale mais que ter prata
E seu rendimento supera o ouro fino.
É mais preciosa que o coral e nada
do que se pode desejar a iguala.
Longos dias há à sua direita;
à sua esquerda, riqueza e glória.
Seus caminhos são caminhos de deleite
e todas as suas sendas, prosperidade.
Árvore da vida ela é para os que a abraçam e são felizes os que as retêm.
O Senhor fundou a terra com a sabedoria,
consolidando os céus com a razão.
Por sua ciência é que se abriram os abismos
e as nuvens destilaram chuva mansa.”*

(Provérbios, 3:4)

A Deus, que tornou tudo isso possível. À Santa Rita de Cássia, por mais esta graça alcançada...

DEDICATÓRIA

*Amor, carinho, companheirismo, afeto, compreensão, renúncia, apoio, incentivo,
amizade, colaboração...*

*Mesmo nos momentos mais difíceis...
Sempre nos bons momentos...*

*Mesmo quando eu estava de mau-humor...
Junto comigo no sorriso...*

*Mesmo longe de casa...
Sempre perto do coração...*

*Mesmo quando eu achei tudo isso impossível...
Todos os dias ajudando a tornar possível...*

*Ainda que tudo desse errado, que as idéias não fluíssem mais, que o computador
desse problema, que eu estivesse doente, com saudades da família...*

Mesmo assim, você sempre esteve lá e foi apoio em todas as horas.

Hoje, você compartilha comigo esta vitória e eu te dou de retorno todas as experiências boas que ela me trouxe e ainda me trará.

Hoje, mais do que tudo, eu te dou de retorno, o meu grande amor...

Fábio, a você eu dedico este trabalho.

iv

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Josefa e Moacir eu agradeço o apoio incondicional, o amor, o carinho, às abdições para que esta conquista fosse possível. Vocês sonharam tudo isso junto comigo e acreditaram que era possível. Vocês são parte desta vitória, obrigada por existirem na minha vida! Amo vocês!

Aos meus irmãos, Silmara e Gilmar, que, como irmãos mais velhos, tiveram a difícil tarefa de serem modelos para mim. Parabéns, vocês fizeram isso com sucesso e agora colhem os frutos do apoio e responsabilidade com que me fizeram encarar o mundo. Vocês são luz na minha vida...

Aos meus cunhados e cunhadas, em especial ao André, pela valiosa contribuição ao meu trabalho. Aos meus sogros, Neli e José Lucas, pelo apoio e compreensão.

À minha orientadora, profa. Tânia, agradeço pelo carinho, dedicação e competência com que conduziu este trabalho.

Às professoras Olga e Sandra, pelas preciosas contribuições, compromisso e seriedade com o desenvolvimento desta pesquisa.

À equipe do Programa Sentinela: Têlcia, Silvana, Viviane, Alessandra, Cristina e Maria Inês. Vocês são mais que ex-companheiras de trabalho, vocês são amigas, cúmplices das minhas mudanças de vida e dos bons e maus momentos destas vivências. Vocês são, acima de tudo, generosas, porque permitiram que este trabalho se realizasse e confiaram na minha competência. A vocês, o meu muito obrigada!

Às minhas amigas que acompanharam todo este processo e àquelas amigas mais do que especiais que eu encontrei durante esta pós-graduação, o meu muito obrigada.

Às crianças e mães participantes, por permitirem que este estudo acontecesse e acima de tudo por confiarem no meu compromisso com ele. Vocês são verdadeiras guerreiras...

RESUMO

Estudos sobre a incidência da violência sexual contra crianças têm revelado que este tipo de problemática atinge principalmente as meninas, na faixa etária de 6 a 14 anos, sendo o pai o principal autor. Nas famílias onde acontece a violência sexual é comum haver inversão de papéis entre seus integrantes, desorganizando a dinâmica e o funcionamento do grupo. Advindo o fato, estas famílias frequentemente vivenciam conflitos e sentimentos que influenciam negativamente as relações grupais e individuais de cada membro. Este estudo teve como objetivo identificar variáveis que podem comprometer os processos funcionais da dinâmica de famílias permeadas por violência sexual praticada pelo pai contra a filha. A “Teoria Sistêmica” foi o referencial teórico utilizado para este estudo, modelo que entende a família como uma rede de padrões interacionais e onde se espera comunicação e integração entre seus membros. Este estudo foi composto por 15 crianças do sexo feminino e suas respectivas mães, somando 30 participantes. As crianças tinham faixa etária entre 6 e 10 anos e foram violentadas sexualmente por seus pais. A coleta dos dados foi realizada no “Programa Sentinela” de um município do estado

do Paraná, serviço responsável pelo atendimento psicossocial a crianças vítimas de violência sexual. Foi utilizado para coleta dos dados uma entrevista, realizada com as mães das 15 crianças alvo da pesquisa e o “Teste do Desenho em Cores da Família”, utilizado tanto com as 15 mães, como com as 15 crianças. Categorização das variáveis para análises específicas e protocolos de avaliação pertinentes aos instrumentos foram utilizados para análise dos dados, com base em pesquisas similares envolvendo famílias. Os resultados demonstraram que em termos gerais, as famílias objeto de análise apresentaram problemas relacionados à competição, sentimentos de inferioridade, desvalorização de si mesmas, necessidade de apoio, depressão, insegurança, entre outros. Concluiu-se que a problemática se manifestou em um ambiente familiar que se tornou mais individualizado e com muitos conflitos, depois da violência, demonstrando desorganização nos subsistemas familiares, bloqueios e afastamento entre os membros do grupo, prejudicando a comunicação, os papéis e a integração dos mesmos. Além disso, sentimentos de rivalidade e ciúmes foram evidenciados, impedindo atitudes de afeto e rebaixando a auto-estima dos integrantes do grupo familiar. Somados, estes problemas podem acabar tornando difícil a superação do problema e a reorganização da família.

Palavras-chave: crime sexual; crime contra a criança; violência familiar; famílias com problemas.

ABSTRACT

Several studies regarding sexual abuse of children have shown that this type of occurrence is mainly aimed at female youth, aging from 6 to 14 years old, being the father the main responsible for the sexual abuse. Is common the occurrence of an inversion in the people's role within the families where the sexual harassment is reported and, therefore, disorganization in the dynamics and functioning of the group. Due to this fact, these families often deal with conflicts and feelings which negatively influence the group and individual relationships of each member. This piece of research aimed at the identification of variables which could damage the functional processes of the dynamics of families where sexual abuse of daughters was inflicted by their fathers. The “Systemic Theory” was the main theoretic reference used in this piece of research. This model sees the family as a net of standards of interaction where communication among their members is expected. This piece of research was designed with 15 female children and their respective mothers, totalizing 30 people. The children aged 6 to 10 years and were sexually abused by their respective fathers. The data was gathered in the “Programa

Sentinela” from a city of the Paraná State. The “Programa Sentinela” stands for a public service which is responsible for the psychosocial support to the sexually abused children. Two methods of data collection were applied: a interview, applied to the mothers involved in this piece of research, and the “Teste do Desenho em Cores da Família” where both mothers and daughters were involved in the trial. Categorization of variables in order to do specific analyses and evaluation protocols concerning the methods were used for data analysis, based on similar research carried out in families. The results have shown that, in general, the studied families presented problems regarding competition, inferiority feelings, weak self image, need for support, depression and lack of confidence, among others. Conclude the subject of this piece of research was detected in familiar environments strong individuality was shown with many conflict after the sexual abuse, demonstrating disorganization within the familiar subsystems, blockades and separation among the groups’ members, affecting communication, their roles and integration. Furthermore, rivalry feelings and jealousy were detected, impairing affection and implying in weak self image of the families’ members. When all the aforementioned points are considered together, it becomes clear that overcoming the problem and reorganizing the family are complex tasks.

Key words: sexual crime; child sexual crime; domestic violence; problems families.

LISTA DE FIGURAS

Figura

Página

1. Tamanho das figuras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	47
2. Seqüência das figuras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	49
3. Posição das figuras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães(n=15)	51
4. Omissões de figuras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	53

5. Posição das figuras na página por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	55
6. Presença de barreiras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	56
7. Inclusão de outros elementos por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	57
8. Sombreados, rasuras e rabiscos por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	58
9. Ordem no desenhar das figuras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	59
10. Ênfases especiais por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	60
11. Qualidades do grafismo por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	61
12. Elaboração das figuras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	63
13. Colorido das figuras por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	66
14. Comunicação por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	68
	ix
15. Regra por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	70
16. Papéis Familiares por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	71
17. Liderança por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15).	73
18. Conflitos por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	74
19. Agressividade por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	76
20. Afeição por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	77

21. Individuação por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	78
22. Integração por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	79
23. Auto-estima por frequência relativa e por grupo de crianças e grupo de mães (n=15)	81
24. Histórico de violência sexual das mães por frequência relativa em grupo de mães (n=15)	83
25. Presença de trocas verbais sobre sexualidade, na família, por frequência relativa em grupo de mães (n=15)	85
26. Impacto sofrido pela mãe ao receber a notícia da violência sexual da filha, por frequência relativa em grupo de mães (n=15)	86
27. Mudanças interacionais entre o grupo familiar após a violência sexual, por frequência relativa em grupo de mães (n=15)	87
28. Figura familiar escolhida pela criança para a revelação da violência sexual, por frequência relativa em grupo de mães (n=15)	88

LISTA DE QUADROS

Quadro

Página

1. Dados sócio-demográficos das crianças, das mães e de suas famílias,	37
--	----

x

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS	13
1.2 A TEORIA SISTÊMICA	21

1.3 TÉCNICAS DE EXAME PSICOLÓGICO E SUAS APLICAÇÕES NOS TRABALHOS COM FAMÍLIAS

27

2 OBJETIVOS 34

3 MÉTODO 35

3.1 PARTICIPANTES 35

3.2 LOCAL 38

3.3 MATERIAIS 38

3.4 PROCEDIMENTO 42

3.5 ANÁLISE DOS DADOS 43

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES 45

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES 89

5.1 CONCLUSÕES 89

5.2 RECOMENDAÇÕES 92

REFERÊNCIAS 93

APÊNDICES

102

ANEXOS 138

1 INTRODUÇÃO

O problema pelo qual se justifica a realização desta pesquisa se fundamenta nas dificuldades sócio-emocionais observadas nas interações familiares de crianças que são expostas à violência sexual. Derivado deste interesse, a prática profissional da pesquisadora como psicóloga do “Programa Sentinela”, em um município do estado do Paraná, motivou a pesquisa pelo tema abordado. O Programa é de caráter federal e realiza atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Desde a sua implantação no município, em janeiro de 2002, o programa já atendeu quase 700 vítimas deste tipo de violência e os dados coletados pelo serviço, desde então, revelam que a maior parte delas possuem entre 7 e 14 anos, sendo a maioria meninas e o agressor, em sua prevalência, o pai.

Estes dados apontam para a violência sexual intrafamiliar como um fenômeno diretamente relacionado à dinâmica das famílias nas quais a violência acontece e, neste sentido, seus membros devem ser entendidos como participantes de relações que em algum momento deixaram de acontecer de uma maneira “saúdável”. A intervenção do psicólogo no atendimento e/ou no estudo das relações familiares permeadas pela violência sexual contra a criança e o adolescente é importante para auxiliar a família a compreender como se dá essa dinâmica e dessa forma poder modificá-la, com vistas a interromper a violência. A pesquisa científica funciona como subsídio para que este fenômeno seja compreendido e avaliado por meio de parâmetros que ultrapassem os valores do senso comum, auxiliando na busca pela melhor qualidade de intervenção com estas famílias. Outro aspecto deste estudo que merece destaque diz respeito à relevância social da compreensão da violência sexual intrafamiliar, porque a pesquisa pode fomentar aspectos preventivos importantes para minimizar este fenômeno, problema que envolve profissionais de saúde, educação, assistência social, segurança pública, além da própria comunidade.

1.1 VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS

A violência sexual contra crianças, além de ser um problema internacional, é o delito menos denunciado em nossa sociedade (WILLIAMS, 2002). Vários autores concordam que, embora a violência sexual contra a criança possa ser de natureza variada (incluindo desde a carícia íntima, passando pela pornografia, até a penetração vaginal, anal ou oral), a principal característica do fenômeno parece ser o fato de envolver sempre um adulto em posição de autoridade e uma criança que, devido à fase de desenvolvimento em que se encontra, é incapaz de entender a natureza deste contato sexual (AMAZARRAY; KOLLER, 1998, BRINO; WILLIAMS, 2002, PADILHA; GOMIDE, 2004 e DUARTE; ARBOLEDA, 2005).

Também Day e cols. (2003) conceituam a violência sexual contra crianças como toda ação na qual um adulto, em situação de poder, obriga a mesma à realização de práticas sexuais, utilizando força física, influência psicológica ou uso de armas ou drogas.

Para Langberg (2002) existem várias formas de violência sexual contra a criança. A violência sexual verbal pode incluir ameaças sexuais, comentários sexuais sobre o corpo da vítima, observações lascivas, molestamento ou comentários sugestivos. A violência sexual visual inclui ver material pornográfico, exibicionismo e voyeurismo. Já a violência sexual física se trata da relação sexual completa ou incompleta, sodomia, penetração digital, masturbação, carícias dos seios e órgãos genitais até a exposição do corpo da vítima a outros.

Sejam quais forem as definições empregadas pelos autores aqui citados, há uma convergência quanto ao entendimento de como se conceitua a violência sexual contra a criança. A guisa de manter uma uniformidade para a fundamentação teórica deste trabalho, será considerada violência sexual praticada pelo pai contra a filha em qualquer uma das três formas propostas por Langberg (2002).

Apesar de a literatura permitir explorar o assunto no que diz respeito à conceituação, sintomas e conseqüências da violência sexual contra crianças, os dados epidemiológicos, no Brasil, têm sido de difícil acesso ou tão pouca divulgação (conforme WILLIAMS, 2002) que são considerados praticamente nulos, prevalecendo alguns levantamentos menos recentes.

A dificuldade em encontrar dados epidemiológicos em relação à violência sexual contra crianças remete à cautela ao se analisar estes dados, pois muitas vezes eles podem ter sido coletados em condições metodológicas questionáveis. Além disso, muitos dos dados disponíveis são estimativas, não confirmadas, dos números.

Os estudos de Sulca; Schirmer (2006) podem exemplificar tais limitações com a precisão dos dados alcançados em pesquisas nesta área. Eles asseveram que a violência sexual contra meninas e meninos peruanos é difícil de quantificar porque grande parte dela ocorre no interior dos lares e, em ampla maioria, os agressores são membros da família ou conhecidos próximos, tornando o crime mais difícil de ser denunciado. Segundo os autores, menos de 10% dos casos de violência sexual chegam às delegacias e estima-se que entre 40 e 60% dos casos de violência sexual ocorrem em mulheres menores de 16 anos. Os autores apontam, ainda, que estudos realizados em 18 países diferentes indicam que a violência sexual atinge cerca de 34% das meninas e de 29% dos meninos em todo o mundo.

Dados recentes de Pfeiffer; Salvagni (2005) apontam para o estudo da violência sexual contra crianças em diferentes partes do mundo, sugerindo que até 36% das meninas e 29% dos meninos já sofreram violência sexual. As mesmas autoras destacam pesquisas européias que indicam um número de 36% de meninas em situação de violência sexual e 15% de meninos na mesma situação, ambos antes dos 16 anos.

Ferreira (2005) pesquisou alguns dados americanos no ano 2000 e constatou que de cada mil crianças, 12 foram vítimas de algum tipo de violência, e, destas, quase 20% se referem à violência sexual.

Também Caminha (2002) destaca a média das estatísticas internacionais, indicando que 18% da população feminina do mundo já foi afetada por alguma forma de violência sexual, tratando-se, porém, de estimativas. No Brasil, o mesmo autor aponta para uma inferência de que cerca de 20% da população feminina já tenha vivenciado algum episódio de violência sexual.

A ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) levantou no ano de 1997 dados sobre a violência sexual contra crianças no país, apontando que nove em cada cem denúncias de maus-tratos contra crianças e adolescentes são referentes à violência sexual.

A epidemiologia da violência sexual, em suma, sugere que, de acordo com os dados globais, uma em cada três mulheres sofre alguma forma de violência desta natureza durante a vida (SULLCA; SCHIRMER, 2006). Ademais, os autores consideram a violência sexual como um dos principais indicadores da discriminação de gênero contra a mulher, afirmando que a violência sexual pode se iniciar desde a infância e perdurar até a vida adulta.

Embora os dados apontem para uma diversidade de números e levantamentos, eles nem sempre descrevem os procedimentos metodológicos e alguns deles são pouco recentes. Porém, os números que se fazem disponíveis na literatura ainda são a melhor maneira de observar a prevalência do fenômeno da violência sexual contra crianças.

Estudos sugerem a faixa etária entre 6 e 14 anos como a de maior prevalência do fenômeno da violência sexual contra crianças. Bee (1997) realizou alguns levantamentos de dados nos Estados Unidos (onde segundo a autora aproximadamente 3% das crianças sofre de negligência, violência física ou sexual) e encontrou que a idade média em que se iniciam as violações sexuais é aos sete anos.

Já Langberg (2002) aponta para a idade dos seis aos doze anos como a de maior ocorrência do fenômeno da violência sexual, enquanto Azevedo; Guerra (2003) em suas pesquisas no Laboratório de Estudos da Criança da Universidade de São Paulo, apontam para a faixa etária dos sete aos quatorze anos como a de maior prevalência para a violência sexual intrafamiliar no Brasil. As autoras afirmam que quanto menor a idade cronológica da criança, maior a possibilidade de se tornar vítima da violência sexual, por não compreender o real significado da ação do agressor contra ela.

Chama atenção no fenômeno da violência sexual contra crianças não somente o fato de a maior parte das vítimas serem agredidas no próprio ambiente familiar, mas também o tipo de vínculo entre vítima e agressor. Furniss (1993) e Williams (2002) destacam que a figura do pai aparece como a mais comum na agressão sexual de crianças. Também Padilha; Williams (2005) apontam para o pai como o agressor mais freqüente nestes casos (42,31%), seguido pelo padrasto (16,92%). Os estudos de Ferreira (2005) confirmam a presença do pai como principal autor da

violência sexual contra crianças, seguido de alta incidência de outros familiares envolvidos, como o padrasto.

Na consulta específica de Amazarray; Koller (1998), Azevedo; Guerra (2003), Furniss (1993), Langberg (2002), Padilha; Williams (2005) e Williams (2002) fica evidenciado que na violência sexual intrafamiliar o pai aparece como principal agressor. A autoridade conferida ao pai, a vivência no mesmo lar da criança, a crença por parte delas de que atitudes com intenção sexual entre pais e filhos são “normais”, entre outros aspectos, podem explicar, em parte, essa prevalência.

Flores; Caminha (1994) apontam algumas características familiares sugestivas de violência sexual intrafamiliar, como pai e/ou mãe violentados ou negligenciados em suas famílias de origem, pai alcoolista ou autoritário demais, mães muito passivas e ausentes, pais que acariciam inadequadamente os filhos, filhas desempenhando papel de mãe ou com comportamento promíscuo, entre outros.

Também o uso e abuso de substâncias psicoativas, por parte do agressor, pode facilitar a ocorrência da violência sexual intrafamiliar. Como sugerem Zilberman; Blume (2005), o uso deste tipo de substância pode fazer com que a violência intrafamiliar se torne constante e pode, também, agravá-la.

Outro aspecto relevante do tema em questão foi estudado por Furniss (1993), crianças que sofreram violência sexual freqüentemente são obrigadas pelo agressor a não revelar para outras pessoas dentro da família ou fora dela. O autor da agressão pode conseguir o segredo da criança por meio de violência, ameaças, castigos, chantagem, entre outros, onde o ganho secundário do suborno é um tratamento especial à criança (presentes ou regalias), que acaba por estabelecer uma espécie de “pacto de silêncio” com o agressor, dificultando que a violência sexual seja revelada e a família assistida.

Como evitação de consequências negativas, imediatas ou futuras, da revelação da violência para a vítima ou para a família, as crianças podem mentir sobre a violência sexual por medo de serem castigadas, não acreditadas e não protegidas. Charam (1997) afirma que a violência pode permanecer um segredo de família até mesmo depois de uma clara revelação e inclusive quando as ameaças legais e estatutárias há muito tempo já foram removidas. O autor enfatiza que a

violência sexual revelada que não obtém nenhuma ajuda somada a reações negativas dos pais (castigo, acusações, descrença ou negação) e respostas institucionais ineficientes ou estigmatizantes também podem assumir características prejudiciais na vida das vítimas. O mesmo pesquisador também assevera parecer mais prejudicial a violência sexual que acontece com frequência e que tem longa duração, do que o contrário, e afirma que quanto mais intimamente ligados estão o agressor e a vítima, tanto pior as consequências.

A vítima pode vivenciar, então, uma confusão nos papéis e funções familiares, porque a violência pode vir acompanhada por atos de sedução e carinho que mascaram a conduta abusiva do agressor. Nos estudos de Day (2003) ficou evidente que tais comportamentos tendem a deixar as crianças confusas e, dependendo do tipo de relação que elas mantêm com o agressor, as vítimas podem oscilar entre calar ou denunciar tais atos, praticados por alguém que, por obrigação, deveria lhes dispensar cuidado e proteção.

Araújo (2002) considera que quando o autor da violência sexual é o pai biológico, ele trai a confiança da criança e se aproveita da sua vulnerabilidade ou imaturidade, garantindo o silêncio da vítima seja com promessas, chantagens ou ameaças, freqüentemente se beneficiando da convivência ou da não percepção da mãe e dos outros membros da família. A autora complementa que a vítima vive uma situação traumática e conflituosa, permeada por diferentes sentimentos, como medo, raiva, prazer, culpa e desamparo. Pode haver raiva dirigida à mãe, por não protegê-la, o que retro-alimenta o medo de revelar a violência devido ao receio de que não acreditem nela (vítima) ou a considerem culpada.

Neste contexto, Araújo (2002) considera que a mãe vive uma situação de conflito e ambigüidade diante da suspeita ou constatação de que o marido violenta sexualmente sua filha. É freqüente que as mães neguem a situação, mesmo quando há muitas evidências, recusando-se a aceitar a realidade. A mãe pode vivenciar sensações ambivalentes em relação à filha, sentindo raiva e ciúme, mas também culpa por não protegê-la. O mesmo autor classifica estas mães como “vítimas secundárias” da violência familiar e afirma que o fato de elas negarem ou desacreditarem no relato da filha e até mesmo culpá-las pela sedução seja uma forma de suportar o impacto da violência e a ameaça de separação com o parceiro.

Por isso, no processo de revelação e tratamento da criança vítima de violência sexual, a presença da mãe como figura de proteção, afeto e amparo à criança é fundamental. O mais importante talvez seja o fato de a mãe oferecer apoio à criança e dar credibilidade à revelação da violência, ainda que o fato seja demasiado doloroso para as mesmas e muitas vezes a mãe se sinta traída, paralisada, desafiada. Por isso, é necessário que a díade mãe-criança receba atenção integral dos serviços de proteção e tratamento, apoiando a ambas e favorecendo o equilíbrio de seus respectivos papéis no grupo familiar.

Azevedo; Guerra (2003) consideram fundamental a conduta da mãe frente à violência para dimensionar o risco potencial que a criança vítima e as demais crianças correm na presença do agressor e sugerem, para esta avaliação, a investigação da história de vida da mãe, incluindo histórico de violência e características da família de origem da mesma.

Cole; Cole (2003) asseveram que as crianças vítimas, quando do tratamento inadequado que recebem diretamente de seus pares, podem apresentar várias dificuldades sociais e de relacionamento com o próprio sistema familiar. Araújo (2002), Azevedo; Guerra (2003) e Duarte; Arboleda (2005) consideram que o apoio oferecido pela mãe à criança em situação de violência sexual intrafamiliar pode ser fundamental para a superação do trauma, enquanto Williams (2002) indica a necessidade de ações terapêuticas para toda a família, incluindo o agressor.

Autores como Dessen; Silva (2005) referem que crianças que sofrem algum dos tipos de violência (físico, sexual ou psicológico) estão expostas a que todos os tipos aconteçam e isso pode ocorrer durante todo o período de sua infância. Os efeitos provocados pela violência, conforme autoras, dependem do estágio de desenvolvimento da criança, da vulnerabilidade da mesma, bem como de sua família, podendo ter como consequência atrasos no desenvolvimento e na afetividade das crianças, depressão, irritação, passividade, baixa tolerância à frustração, raiva, entre outros. Além disso, estas crianças podem, quando adolescentes ou adultas, apresentar atitude materna negativa em relação à gravidez, altos níveis de estresse social e infelicidade nos eventos da vida.

Araújo (2002), Williams (2002), Azevedo; Guerra (2003), Padilha; Gomide (2004) e Duarte; Arboleda (2005) afirmam que crianças que sofreram violência sexual estão mais expostas a sofrer danos psicológicos do que aquelas que não

tenham vivenciado tal agressão. Estes “danos psicológicos” incluem: sintomas de depressão, transtorno de estresse pós-traumático, comportamentos desadaptativos, autodestrutivos, sintomas como culpa, medo, vergonha, crianças isoladas e retraídas, com poucos amigos, crianças que apresentam comportamento sexual inadequado para sua etapa de desenvolvimento, entre outros.

Também Day (2003) aponta algumas das consequências da violência sexual contra crianças para a vítima e inclui: atividade masturbatória compulsiva, distúrbios do sono, distúrbios de aprendizagem, distúrbios alimentares, conduta isolada, sintomas psicóticos, quadros ansiosos, obsessivo-compulsivos, depressão, sentimentos de rejeição, confusão, humilhação, vergonha e medo.

Conforme Faúndes e cols. (2006) as consequências psicológicas da violência sexual infantil são muito variáveis, já que cada criança responde de forma diferente ao fato. Entretanto, é possível observar nas vítimas diversos transtornos psicológicos, incluindo depressão, fobias, ansiedade, uso de drogas, tentativa de suicídio e o transtorno de estresse pós-traumático. O autor relata ainda outras seqüelas psicológicas que se observam com muita frequência nestes casos e podem expressar-se de muitas formas: cefaléia crônica, fadiga, transtornos do sono, pesadelos, transtornos do apetite, alterações menstruais, dor pélvica crônica e disfunções sexuais, quando adultas.

Sullca; Schirmer (2006) complementam que a violência sexual produz seqüelas físicas e psicológicas e que as vítimas ficam mais vulneráveis a outros tipos de violência, à prostituição, ao uso de drogas, às doenças sexualmente transmissíveis, às doenças ginecológicas, aos distúrbios sexuais, à depressão e ao suicídio.

No Brasil, a Norma Técnica de Atenção à Violência Sexual, do Ministério da Saúde, orienta os cuidados oferecidos a mulheres vítimas de violência sexual e estipula a profilaxia de Doenças Sexualmente Transmissíveis, AIDS e gravidez indesejada para todos os casos. A mulher deve procurar um serviço, se possível especializado, até 72 horas após a ocorrência do fato e tem direito ao aborto legal se estiver grávida. Desde 1989 começaram a surgir serviços especializados no atendimento das vítimas da violência sexual em nosso país, mas eles só cresceram e se intensificaram nos últimos dez anos (SCHRAIBER et al., 2005).

É importante notar que não se sabe o quanto da reação traumática de estresse ou de problemas emocionais é causado pela violência sexual e o quanto é causado pelo contexto disfuncional da família, que muitas vezes é emocionalmente carente, e, outras vezes, negligente, fomentando a prática da violência (LANGBERG, 2002). Esta autora atenta para algumas estatísticas que indicam que meninas pequenas são alvo muito mais freqüente de violência sexual do que os meninos, sendo eles alvo maior da violência física. A mesma pesquisadora sugere ainda que quando a violência sexual contra crianças acontece numa idade muito jovem e quanto mais violenta e repetida a agressão parecer, é provável que o fato tenha como consequência a difícil superação na fase adulta.

1.2 A TEORIA SISTÊMICA

A Teoria Sistêmica começou a estruturar-se a partir da segunda metade do século passado e, desde então, um crescente número de profissionais da Psicologia, especializados em famílias, vêm orientando seus estudos a partir deste referencial teórico. O modelo sistêmico é entendido como uma rede de estruturas, configurações e delimitações de um dado contexto social. No mesmo, prevê-se comunicação e interdependência entre seus membros e principalmente, o conceito de “homeostase”, que é entendido como a estabilidade dos padrões interacionais, modelados por uma determinada unidade social quando ocorre um desequilíbrio pela interferência de estímulos internos ou externos (VALLE, 2000).

A família, à luz da Teoria Sistêmica, conforme estudos de Valle (2000), leva em consideração a *estrutura*, o *funcionamento* (ou dinâmica) e as *interações* de todo o grupo familiar, sejam seus aspectos adequados ou não. Dessa maneira, alterações (sem planejamento e compreensão) nas funções de pai, mãe e filhos, mesmo que temporariamente, desestabilizam o equilíbrio do grupo necessitando de reorganização para manter as relações saudáveis, fundamentais no desenvolvimento infantil.

Em consonância, Minuchim (1982) define a concepção sistêmica da família por meio da *estrutura* e do *funcionamento* do grupo familiar. A *estrutura* permite compreender a sistemática de um grupo, por meio daquilo que o autor chama de “subsistemas”. Os subsistemas poderiam ser comparados a unidades menores, dentro de uma unidade maior chamada família, com regras e posicionamentos próprios, denominados: subsistema conjugal (o casal – homem e mulher), subsistema parental (o casal atuando como pai e mãe), subsistema filial (filhos) e subsistema fraternal (os irmãos). Os subsistemas auxiliam na compreensão dos papéis de cada membro do grupo familiar dentro do sistema.

Outro conceito básico da Teoria Sistêmica é o que Minuchim (1982) chamou de *funcionamento*. Este consiste na dinâmica das relações interacionais entre os membros de um grupo familiar, priorizando o equilíbrio ou “homeostase” e os limites ou “fronteiras” entre os mesmos.

Macedo (1998) explica que o conceito de “homeostase” é fundamental para a compreensão do funcionamento da família, porque é entendida como o equilíbrio interno de um grupo familiar no todo e, também, entre os subsistemas. Quando a

família perde este equilíbrio, certas estratégias são usadas na tentativa de buscar novamente uma acomodação, principalmente quando a hierarquia entre os subsistemas é desafiada. É neste momento que a figura de liderança familiar deve entrar em atuação, para restabelecer o equilíbrio perdido.

Mas a homeostase não parece tão simples de ser atingida. Parece que há uma relação entre as estratégias de acomodação de um possível desequilíbrio familiar e a maneira como a família estabelece as “fronteiras” para que o líder do grupo possa atuar.

As “fronteiras” compreendem lineamentos físicos e psicológicos que configuram tanto a família, como os subsistemas e também a maneira como cada membro se comporta em relação ao outro no contexto familiar. Estes limites devem ser abertos e flexíveis para facilitar trocas internas e externas nas relações familiares, mas o ideal é que cada membro da família tenha seu papel bem definido, regras norteadoras de suas ações, comunicação clara e objetiva, além de posicionamentos próprios, que somados, constituem o que os autores denominam de fronteiras bem estabelecidas (MINUCHIM, 1985, MINUCHIM; FISHMAN, 1990, HOFFMAN, 1995 e MACEDO, 1998).

Quando uma família consegue organizar as fronteiras satisfatoriamente, a tendência é que haja mais facilidade nos momentos em que é preciso a busca da homeostase, porque cada membro saberá como atuar neste sentido ou será orientado pela liderança do grupo. Se há equilíbrio e as fronteiras estão lineadas adequadamente, provavelmente a *circularidade das dimensões interacionais* também acontecerá mais facilmente e com melhor qualidade para os familiares (MINUCHIM, 1982).

O conceito de *circularidade* está relacionado aos padrões de interação particulares de toda a família. Carter; McGoldrick (1995) comentam que famílias interagem o tempo todo, utilizando-se da alternância das diferentes categorias interacionais disponíveis no grupo familiar, de acordo com as necessidades de cada fase do ciclo vital de seus membros, no sentido de manter o equilíbrio homeostático e, são estas interações que garantem que aconteçam feedbacks contínuos e retroalimentação dos padrões interacionais na dinâmica do grupo.

As dimensões interacionais que subsidiam a circularidade, segundo Férez-Carneiro (1996), podem variar numericamente, mas essencialmente são dez:

comunicação, regras, papéis, liderança, conflitos, agressividade, afeição, individuação, integração e auto-estima. Com base na mesma autora pode-se afirmar: **comunicação** refere-se a “Qualquer comportamento, verbal ou não verbal, manifestado por uma pessoa – o emissor – em presença de outra(s) – o(s) receptor(es)”. A comunicação, além de transmitir uma informação, define a natureza das relações entre os envolvidos, constituindo o nível de relato e a ordem como deve ser entendida, ou seja, como a comunicação se estabelece no grupo familiar e se ela se dá de maneira clara, congruente, com direcionalidade.

As **regras** familiares são entendidas como as normas que regulam o comportamento do grupo quanto aos tipos de interações permitidas entre os membros da família, devendo ser compartilhadas por pelo menos dois membros dela. A autora conclui que quanto mais explícitas, coerentes e flexíveis forem as regras, tanto melhor para o bom funcionamento da família.

Os **papéis**, também são fundamentais para a qualidade das interações no grupo familiar, promovem clareza quanto aos limites necessários às relações entre os subsistemas, já que se referem às funções de cada membro dentro do grupo a partir da posição que ele ocupa nos subsistemas conjugal, parental, filial e fraternal. Dentre estas funções, a **liderança** parece ser uma das mais relevantes. Definida como “fenômeno resultante da interação estabelecida entre os membros de um grupo, em que um dos participantes é o líder, influencia os outros mais do que é influenciado por eles, e tem funções de organizador e orientador da atividade grupal” (FÉREZ-CARNEIRO, 1996). A liderança de uma família envolve que pais e filhos aceitem que o uso diferenciado da autoridade é necessário na organização do sistema familiar, não deve ser invertida, ou seja, dirigida pelos filhos em relação aos pais, mas também não deve ser autoritária por parte dos pais.

Outra dimensão encontrada nas relações familiares, os **conflitos**, pode acontecer para promover o equilíbrio ou o desequilíbrio dos subsistemas, de modo que a família deve promover vias para a resolução dos mesmos, com o objetivo de que os conflitos possam ser expressos adequadamente, na busca de soluções construtivas para a família e nunca para promover relações destrutivas. A importância da expressão de sentimentos nos processos de interação familiar é indiscutível, mas a maneira como cada grupo cria espaços para este tipo de manifestação é que pode, ou não, se tornar um problema. Há famílias onde a

expressão da **agressividade**, dimensão integrante nas relações familiares, é reprovada, porque é ela confundida com comportamentos destrutivos. Porém, “... nas famílias que facilitam o crescimento de seus membros, a manifestação da agressividade está presente e pode ser usada de forma construtiva e com direcionalidade adequada” (FÉREZ-CARNEIRO, 1996).

A **afeição** refere-se ao contato físico entre membros de um grupo familiar. A autora assevera que esta dimensão interacional propicia o desenvolvimento do potencial afetivo de seus membros, assim como, o desenvolvimento emocional saudável de todo o grupo, permitindo trocas gratificantes para os membros do sistema e propiciando que os filhos tenham bons modelos para a formação da identidade pessoal e para a relação homem - mulher.

Apesar de uma boa interação familiar ser positiva para seus membros, configurando-os como um grupo coeso, é relevante destacar que neste processo a **individação** de cada pessoa recebe igual importância, porque “... cada membro da família mantém sua identidade, e as diferenças e discordâncias entre os membros são respeitadas, permitindo que a heterogeneidade de interesses e opiniões seja manifestada no grupo familiar” (FÉREZ-CARNEIRO, 1996). A definição da autora permite entender a importância da individuação nas interações familiares porque demanda que cada membro do grupo se comporte como ser único, e separado dos outros membros, mesmo que eles dividam o mesmo espaço físico e compartilhem emoções.

Ainda que os membros de um grupo familiar se comportem de modo a preservar, o quanto possível, a sua individualidade, é fundamental que a família também possa funcionar como um grupo integrado, agindo como um todo, formando uma identidade grupal, atuando em conjunto na solução de seus problemas e coordenando esforços para alcançar objetivos comuns. A isso tudo, Férez-Carneiro (1996) define como **integração**.

A última das categorias interacionais é a **auto-estima**. Pais que valorizam positivamente o crescimento de seus filhos e se interessam por suas realizações, promovem neles sentimentos de auto-estima. Em consequência, isso eleva a auto-estima do grupo familiar, porque promove o crescimento individual de seus membros, suscitando novas aquisições e realizações, de forma que cada membro

do grupo valoriza outro(s) membro(s), promovendo feedbacks importantes para o crescimento pessoal e emocional de todo o sistema.

Embora estas dimensões interacionais do funcionamento familiar sejam extremamente relevantes para a “saúde emocional” da família como um todo, nem sempre é possível que elas aconteçam de modo a propiciarem aquilo que as dimensões carregam de mais positivo para o sistema familiar. Famílias estão em equilíbrio e desequilíbrio o tempo todo e o que parece mais relevante, neste sentido, é a forma como a família receberá e “administrará” mudanças e desajustes nas dimensões interacionais do grupo, em decorrência das diferentes necessidades de seus membros frente à fase do seu ciclo vital.

Cunha (2003) afirma que a família “é um sistema aberto, auto-regulado, com uma história comum, que define no seu seio normas e padrões transacionais próprios” e por isso, a família modela e programa o comportamento de seus membros, de forma a crescerem e se acomodarem às mudanças da sociedade. Isso se relaciona com a maneira como a família desenvolve uma estrutura característica, um padrão bem definido e repetitivo de papéis e regras, dentro dos quais os seus membros funcionam.

Esta última autora complementa, na família saudável há regras e padrões que auxiliam ao crescimento grupal e individual, estando seus membros livres para adaptar-se e crescer sem medo e apreensão. Já nas famílias disfuncionais, as regras são usadas para reprimir a mudança e para manter o padrão já estabelecido.

As famílias disfuncionais, consideram Meira; Valle (2003), têm dificuldade em lidar com os elementos estranhos a seu equilíbrio, podendo desestabilizar os subsistemas e até mesmo o funcionamento interacional. Frente a esta problemática, pode-se citar os estudos de Minuchin; Fishman (1990), que destacam como características familiares disfuncionais, o emaranhamento ou intrusão dos membros, a superproteção de um membro em relação a outro, a rigidez entre os subsistemas e a evitação do conflito.

Características familiares funcionais e disfuncionais parecem guardar um padrão de repetição que “migra” de um membro para outro e assim para vários deles. McGoldrick e cols. (1999) afirmam que o funcionamento dos membros de uma família pode repetir-se ao longo de várias gerações, transmitindo regras e continuando padrões sintomáticos, tais como alcoolismo, incesto, violência,

sintomas físicos e suicídio. Então, se a família conseguir reconhecer essa repetição poderá ajudar a pessoa, bem como todo o grupo, a evitar que certas situações aconteçam, frustrando esse processo disfuncional e construindo relações mais saudáveis.

Meira; Valle (2003) concluem que a Teoria Sistêmica apresenta subsídios que facilitam a análise destes processos funcionais e disfuncionais de uma família a partir das características da estrutura, funcionamento e interações entre os seus membros, sobretudo quando o foco são os diferentes momentos do ciclo vital evolutivo da família, em que determinados acontecimentos a tornam mais vulnerável à desestruturação, favorecendo sua disfuncionalidade.

Considerando a meta de análise deste estudo, que envolve famílias que vivenciaram violência sexual dentro do grupo, é possível que eventos de difícil superação desestabilizem a estrutura e o funcionamento do sistema, tornando disfuncionais alguns aspectos das dez dimensões interacionais. A Teoria Sistêmica, portanto, pode auxiliar a compreensão e análise destes eventos.

1.3 TÉCNICAS DE EXAME PSICOLÓGICO E SUAS APLICAÇÕES NOS TRABALHOS COM FAMÍLIAS

Os testes e instrumentos de avaliação psicológicos surgiram com o início da ciência psicológica, marcando o transcurso do seu desenvolvimento. Nos Estados Unidos, há mais ou menos um século, várias publicações a respeito revelaram organização e aprimoramento dos instrumentos, apontando que grande parte da história da Psicologia coincide com a história dos testes psicológicos, numa época em que a principal identidade do psicólogo traduzia-se no uso de testes. No Brasil, o primeiro instrumento de avaliação foi estruturado em 1913, por Stanford-Binet, oito anos após sua publicação em seu país de origem. O fato mostra uma rápida repercussão dos testes, considerando que tal feito aconteceu no início do século passado, momento de pouca disponibilidade em recursos de comunicação (NORONHA et al., 2005).

Em concordância, Oliveira, e cols. (2005) aponta que a avaliação psicológica constitui uma prática relativamente recente na Psicologia, configurando-se como campo de produção a partir da metade do século XX. Os autores verificaram que a avaliação está presente no cotidiano de todas as pessoas, elas constantemente avaliam e são avaliadas, considerando-se que a avaliação pressupõe um julgamento com base em uma concepção explícita ou implícita. Entretanto, complementam os autores, não é possível considerar a avaliação como “algo inerente ao senso comum, mas como uma atividade que requer rigor e eficácia”, sendo ela uma atividade importante para a prática profissional do psicólogo, já que pode fornecer elementos de análise imprescindíveis para a atuação em diferentes campos.

Conforme Noronha (2002) durante muitos anos a prática do uso de testes psicológicos sofreu as consequências de um desenvolvimento conturbado, mas hoje encontra-se em um momento de modificação e consolidação. Isso não significa que a avaliação psicológica não continue a ser questionada quanto à sua necessidade pelas áreas afins do conhecimento, mas questionamentos parecem úteis e necessários, pois geram estudos e pesquisas que podem contribuir para o avanço acadêmico e para a prática profissional do psicólogo.

A “Psychological Assessment Resources” com o intuito de “frear” avaliações sem parâmetros e fidedignidade, editou um catálogo de testes com mais de 400 publicações, para utilização em áreas como avaliação da personalidade,

aconselhamento, avaliação neuropsicológica, forense, intelectual, desenvolvimento, entre outras. O catálogo contém uma breve descrição dos instrumentos e uma rápida apresentação de parâmetros psicométricos. Também a “Associação Psicológica Americana” (APA) contempla uma seção específica para a avaliação psicológica em seus documentos (NORONHA et al., 2005).

No Brasil ainda não há uma sistematização dos instrumentos de avaliação com o rigor aplicado nos Estados Unidos, mas de acordo com Noronha e cols. (2005) podem-se destacar os esforços de alguns pesquisadores na tentativa de fazê-lo, como Van Kolck (1981) e Cunha (1993, 2003). Estas autoras, em seus estudos, reuniram instrumentos, testes e técnicas e os caracterizaram: seu histórico, forma de aplicação e avaliação, faixa etária e padronização, indicações e comentários gerais, além das referências bibliográficas.

Em nosso contexto, a avaliação psicológica sofreu um descrédito nas décadas de 80 e 90 e os testes passaram a ser criticados por não serem adequados à realidade brasileira, mas esforços vêm sendo empreendidos no intuito de modificar esta realidade. Embora alguns profissionais refiram não utilizar instrumentos padronizados, a importância deles é reconhecida pela outra parte da comunidade psicológica, por isso, estes instrumentos vêm ganhando destaque em debates e eventos promovidos pelos mais diversos espaços de discussões psicológicas (NORONHA et al., 2005).

Devido aos questionamentos em relação aos métodos e técnicas de avaliação psicológica, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) começou, em 1999, a discutir os testes psicológicos e sua cientificidade, o que culminou, em 2003, na Resolução CFP 02/2003. Com a Resolução, todos os testes foram submetidos ao Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI) e dos 158 instrumentos avaliados, 83 foram aprovados para uso dos psicólogos. Entre eles, encontra-se o Teste do Desenho da Família (TDF) – Retondo (2000) adaptado para esta pesquisa.

Oliveira e cols. (2005) considera os testes psicológicos “instrumentos de medida que investigam amostras de comportamento” e, portanto, devem ser capazes de auxiliar na identificação das características de seus examinandos. Por isso, os testes devem ser construídos com base científica e pautados em parâmetros psicométricos que possam atestar a confiabilidade e a representatividade do construto que está sendo medido.

Segundo Cunha (2003) a testagem, como estratégia de avaliação psicológica, pode ser um passo importante do processo, mas constitui apenas um dos recursos de avaliação possíveis, dentre a variedade de abordagens e recursos para o processo de avaliação psicológica, destaca-se a entrevista e as técnicas projetivas.

Para Arzeno (1995) os testes projetivos são um meio para se chegar a um fim e não um objetivo em si mesmo, mostrando-se "... eficientes para coletar informações mais verdadeiras, menos disfarçadas que aquelas obtidas pela via enganosa da linguagem". Por esta razão, os testes oferecem maior confiabilidade que a linguagem verbal, pois segundo a autora, a linguagem seria uma aquisição mais tardia e, portanto, pode ser mais submetida ao controle do indivíduo.

Borges; Loureiro (1990), Macedo (1998), Peçanha (1997), Retondo (2000), Valle (2000) e Meira; Valle (2003) concordam que esta fase de valoração dos testes e técnicas psicológicas justifica-se pela importância dos mesmos em serem instrumentos de coletas de dados objetivos e sistematizados na realização de pesquisas científicas. Os testes projetivos, além destas funções, têm sido muito utilizados como recurso adicional para o psicodiagnóstico e intervenção clínica, infantil ou de adultos, com as mais diferenciadas queixas. Os mesmos autores afirmam que, em trabalhos acadêmicos, assim como na clínica, instrumentos projetivos permitem identificar áreas de conflitos em crianças ou adultos e têm sido amplamente utilizados em estudos diversos, incluindo aqueles cuja temática se refere às dinâmicas familiares. Entre estes conflitos, encontra-se o mote deste trabalho, que trata das relações abusivas do pai contra a filha e suas implicações na dinâmica familiar.

A relevância em investigar eventos traumáticos na infância fez com que pesquisadores questionassem se perguntas como: "Você foi abusado sexualmente?" tinham confiabilidade e se não seriam muito incisivas e pouco sensíveis à problemática, emergindo a necessidade de ampliar os instrumentos de avaliação para este fenômeno, quer utilizando aqueles já existentes, quer construindo outros mais adequados (GRASSI-OLIVEIRA et al., 2006).

As revisões bibliográficas realizadas para a escolha dos instrumentos mais adequados na avaliação do estudo em questão, mostraram a inexistência de instrumento específico para mensurar fenômenos envolvendo a violência sexual

contra crianças e adolescentes. A escolha por um teste projetivo levou em consideração o fato de este tipo de instrumento ter alto grau de fidedignidade, ser acessível às pessoas de baixo nível de escolaridade e/ou com dificuldades de expressão oral, além de ter grande utilidade com crianças pequenas, mas que já possuem um nível de simbolização. Além disso, sua administração é simples e econômica (ARZENO, 1995).

O traço e as figuras contempladas nos testes projetivos oferecem recursos para que o psicólogo “acesse” expressões menos controladas da personalidade do sujeito, porque a linguagem gráfica estaria mais próxima daqueles aspectos aos quais somente o próprio indivíduo tem acesso.

Diante desta realidade, o “Teste do Desenho da Família” – TDF, de acordo com Retondo (2000) foi selecionado como uma das formas de coleta de dados, por se tratar de instrumento que permite analisar aspectos psicodinâmicos que auxiliam o pesquisador na compreensão da percepção que as crianças e/ou os adultos têm de si mesmos e como percebem suas famílias, incluindo a expressão de seus sentimentos e atitudes em relação aos diferentes membros do grupo familiar.

Cunha (2003) descreve o Teste do Desenho da Família - TDF como uma técnica gráfica que pode ser aplicada tanto com crianças como com adultos, de forma simples e lúdica, com o uso de materiais de fácil manuseio, como: uma folha de papel, lápis preto e borracha, mediante instrução que atenda o objetivo de trabalho do psicólogo ou pesquisador. A forma de administração pode ser individual ou coletiva e o tempo de administração do teste é variável, embora seja recomendável que não ultrapasse uma hora. A autora complementa que apesar de terem sido propostos vários sistemas de escores para a interpretação do desenho, a avaliação dinâmica será privilegiada, principalmente para investigação das relações familiares, atitudes e sentimentos do examinando para com ele e para com o grupo familiar, e, ainda, o lugar que o examinando percebe ocupar nesta dinâmica.

Os estudos de Peçanha (1997), Valle (2000) e Meira; Valle (2003) justificam a Teoria Sistêmica como fundamentação teórica para a análise da reciprocidade interacional entre os membros de uma mesma família e também o uso da cor na aplicação do Teste do Desenho em Cores da Família – TDCF, bem como a formulação de perguntas sobre as cores utilizadas no mesmo, incluindo-as no questionário que faz parte deste teste projetivo, com perguntas elucidativas das

figuras realizadas, obtendo como resposta comum para estes estudos as cores rejeitadas, nas figuras que denotam rivalidade e conflito e as cores preferidas para as figuras de vínculo afetivo.

As pesquisas de Maggi (1970) registram na literatura brasileira o uso da cor no Teste do Desenho da Família, no qual a análise das emoções dos sujeitos alvo de estudo estava fundamentada nos parâmetros propostos pelo teste psicológico das “Pirâmides Coloridas de Pfister”, no tocante à análise das emoções. Mas foi a partir da década de 90 que houve maior número de estudos sobre o uso da cor no TDCF, analisada segundo as justificativas do examinando no questionário (CUNHA, 2003 e VALLE, 2000).

Hammer (1991) faz a complementação dos desenhos acromáticos com uma fase cromática. Conforme autor, a cor constitui um recurso para explorar “camadas mais profundas da personalidade”, permitindo obter um quadro “da hierarquia de conflitos e defesas do paciente”.

No referente ao desenho da família, Hammer (1991) aponta alguns aspectos que considera importante demarcar. Entre eles está o tamanho de cada figura representada em relação a outras figuras da família, denotando, por exemplo, energia e expansão vital, quando maior, e inibição, quando menor; a distância das figuras entre si, indicando, por exemplo, dificuldade nas relações pessoais; a posição de cada figura em relação ao grupo familiar, apontando que quanto mais distantes uma figura da outra, mais desunido o grupo familiar, representando pouca troca emocional entre seus membros.

Além destes aspectos, Hammer (1991) atenta para a omissão da figura do examinando ou de figuras de familiares como representativo de sentimento de não pertinência; a seqüência com que o examinando desenha as figuras familiares, indicando como cada figura se relaciona com os demais, individualmente, e, por último, a localização das figuras na folha (superior – expressão de fantasia, inferior – ausência de fantasia, direita - futuro, esquerda - passado, central – equilíbrio).

Entre os aspectos que dizem respeito à avaliação dos sinais gráficos e das respostas ao TDCF, foram selecionados para a presente investigação científica, aqueles aplicáveis à estrutura familiar, o seu funcionamento e as suas interações.

Como já abordado, testes psicológicos são recursos que auxiliam na coleta de dados em pesquisas com os mais diferentes objetivos, como neste caso, estudar membros do grupo familiar, mas os testes não são o único meio para tal. A “Entrevista de Anamnese” constitui-se em mais um instrumento para a obtenção dos dados, porque ela permite a coleta de importantes fatores com referência a antecedentes e o estado atual do examinado, bem como dados sobre seu ambiente sócio-familiar (CUNHA, 2003). Em trabalhos acadêmicos, a modalidade mais comum de entrevistas é a semidirigida, porque facilita o controle e a objetividade dos dados coletados e com este propósito, empregam-se roteiros específicos (CUNHA, 2003 e TAVARES, 2000). Ocampo e cols. (2001) considera uma entrevista semidirigida quando o examinando tem liberdade para expor seus problemas e incluir o que desejar, aumentando o leque de análise do pesquisador.

Nesta perspectiva, Cunha (2003) classifica a entrevista como “... um conjunto de técnicas de investigação, de tempo delimitado, dirigido por um entrevistador treinado (...) com o objetivo de descrever e avaliar aspectos pessoais, relacionais ou sistêmicos (indivíduo, casal, família, rede social)”. A autora considera que os objetivos primordiais da entrevista são descrever e avaliar, testar os limites de aparentes contradições e tornar explícitas características indicadas pelos instrumentos padronizados, dando a eles validade.

Arzeno (1995) pontua alguns aspectos a se considerar na entrevista familiar: se os papéis pais-filhos, pai-mãe, feminino-masculino, etc. aparecem e estão bem discriminados; se estes papéis são fixos ou são intercambiáveis; quem exerce a liderança familiar; quais identificações predominam; se há limites na família; regras familiares encobertas pela rotina do funcionamento do grupo. Além disso, a autora atenta para o fato de se examinar cada entrevista de maneira única, pois cada membro da família expressará à sua maneira certos padrões de conduta próprios e de sua família.

Valle (2000) assevera que a “Entrevista de Anamnese” é um instrumento com evidentes vantagens como técnica integrante de um psicodiagnóstico familiar e também como procedimento de coleta de dados em pesquisas no gênero. Neste estudo foi aplicada a entrevista elaborada e amplamente utilizada por Azevedo; Guerra (2003) em seus estudos no Laboratório de Estudos da Criança, na USP de São Paulo. O instrumento tem a característica de semidirigido, é voltado para

adultos envolvidos na problemática e aplicado geralmente com os pais e/ou as mães. A entrevista é composta por cinco partes, que investigam aspectos relacionados à história de vida do examinando e à história de violência sexual contra a criança envolvida. Para análise dos dados coletados, um roteiro foi proposto e examinado cuidadosamente.

Espera-se que os resultados desta investigação científica contribuam para a promoção de maiores conhecimentos na área de estudos da violência sexual intrafamiliar, com vistas a auxiliar os profissionais que trabalham com esta demanda.

2 OBJETIVO GERAL

Identificar e descrever variáveis, resultantes da violência sexual praticada pelo pai contra a filha, que podem comprometer os processos funcionais da dinâmica familiar.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Avaliar as percepções das inter-relações entre a criança e seu contexto familiar e assim também as percepções das mães no mesmo contexto;
- b) Analisar as dimensões disfuncionais da dinâmica da família exposta à violência sexual do pai contra a filha.
- c) Identificar e comparar as percepções da mãe em relação à figura do marido e da criança em relação à figura do pai.

3 MÉTODO

3.1 PARTICIPANTES

Para a seleção da amostra que compõe este estudo (15 crianças e suas respectivas mães biológicas, somando um total de 30 participantes), alguns critérios foram estabelecidos, considerando a prevalência dos estudos referentes à área, quer sejam:

- que as crianças estudadas fossem vítimas de violência sexual;
- que a violência sexual não tivesse acontecido há mais de um ano;
- que os agressores sexuais das crianças fossem seus pais biológicos;
- que as crianças fossem do sexo feminino e estivessem na faixa etária entre 6 e 10 anos;
- que as crianças tivessem moradia fixa na cidade e residissem com as mães biológicas;
- que as mães estivessem informadas sobre o objetivo do trabalho a ser realizado e em concordância com ele, por meio de um termo assinado pelas mesmas;
- que não fossem as mães biológicas também agressoras sexuais de suas filhas;
- que as crianças fossem atendidas pelo Programa Sentinela.

Foram selecionados 22 pares (mãe-criança) com as características necessárias. Dois pares participaram do estudo piloto, dois pares não compareceram depois do segundo agendamento e um par não compareceu na primeira solicitação, mesmo depois da segunda tentativa. Além disso, dois pares foram descartados, porque as mães se recusaram a responder a entrevista, alegando que a violência sexual das filhas não era verdadeira. Foram selecionados, então, 15 pares (mãe-criança) que participaram do estudo.

O Quadro 1 demonstra o perfil sócio demográfico dos participantes a partir das seguintes variáveis: da criança - gênero, idade, escolaridade e ordem na família; com relação à mãe - idade, nível de instrução e ocupação; sobre o pai - idade, nível de instrução e ocupação; outras informações - gênero dos irmãos da criança e número total de irmãos na família. Estas informações foram obtidas por meio dos prontuários da criança e da mãe, na ocasião da coleta de dados.

Observa-se, com relação às crianças: 13,33% delas com 6 anos de idade, 13,33% com 7 anos, 20% com 8 anos, 13,33% com 9 anos e 40% com 10 anos de idade, sendo a média de idade entre elas de 8 anos e seis meses. A escolaridade variou do Pré (educação infantil) até a 4ª. série, enquanto a ordem de nascimento da criança na família foi a seguinte: 40% são as primogênicas, 20% são as segundas filhas e também 40% das crianças são as caçulas.

Em relação às mães as idades variaram entre 26 e 52 anos e o nível de instrução apresentou poucas variações: 6,67% das mães têm o ensino médio completo e 93,33% das mães não concluíram o ensino fundamental. Cursou somente a 1ª. série 6,67% das mães, cursou a 2ª. série também 6,67% das mães, enquanto 26,67% delas cursaram até a 3ª. série, 6,67% cursou até a 4ª. série, 20% cursaram até a 5ª. série, 13,33% cursaram até a 6ª. série e 13,33% cursaram até 7ª. série. A ocupação das mães: 46,67% delas em cargo que exige ensino fundamental e 53,33% delas são donas de casa.

Os dados dos pais constam de algumas informações faltantes, indicadas no quadro pela abreviação SD (sem dados), o que se justifica pelo fato de a instituição onde os dados foram coletados (Programa Sentinela), não contemplar, em seus documentos sobre cada caso, as referidas informações. Por ocasião da coleta de dados, quatro dos pais (27%) já estavam falecidos.

As informações referentes aos pais indicaram que a idade deles variou entre 26 e 65 anos, enquanto que o nível de instrução apontou 26,67% deles com ensino médio, 46,67% com ensino fundamental incompleto e para o restante (26,67%), não foi possível o acesso a estes dados. Na ocupação dos pais, a ausência de informações prejudicou a compilação dos dados, revelando, apenas em 26,67% deles, cargos relativos ao ensino fundamental.

Para os irmãos, no que tange ao gênero, a maior parte é do sexo feminino (de uma amostra de 48 crianças e adolescentes, 32 são meninas) e no referente à variável número de irmãos, houve semelhança para 46,67% das famílias, sendo quatro irmãos para cada uma. No restante, 53,33% das famílias, houve variação entre um e seis filhos, o que indica para uma média de 3,3 filhos para cada família.

Quadro 1 – Dados sócio-demográficos das crianças, das mães e de suas famílias.

Díades		D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D	D
Variáveis		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Criança	Sexo	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f
	Idade	10	7	10	6	8	8	10	10	10	9	9	6	8	10	7
	Escolaridade	efi 4 ^a	efi 2 ^a	efi 2 ^a	efi 1 ^a	efi 3 ^a	efi 3 ^a	efi 4 ^a	efi 4 ^a	efi 3 ^a	efi 3 ^a	efi 2 ^a	ei pré	efi 3 ^a	efi 4 ^a	efi 2 ^a
	Ordem na Família	3 ^a	1 ^a	1 ^a	1 ^a	3 ^a	3 ^a	1 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a	3 ^a	2 ^a	3 ^a	1 ^a	2 ^a
Mãe	Idade	40	41	26	34	35	35	28	37	50	50	35	52	38	34	34
	N I Mãe	efi 2 ^a	efi 6 ^a	efi 3 ^a	em	efi 7 ^a	efi 7 ^a	efi 5 ^a	efi 6 ^a	efi 3 ^a	efi 3 ^a	efi 1 ^a	efi 3 ^a	efi 4 ^a	efi 5 ^a	efi 5 ^a
	Ocup Mãe	B	B	B	A	A	A	B	B	B	A	B	B	B	A	A
Pai	Idade	52	45	41	65	35 +	35 +	45	40	48	48	SD +	SD	SD	26 +	45
	N I Pai	efi	em	efi	em	efi	efi	efi	SD	efi	efi	SD	SD	SD	SD	em
	Ocup Pai	SD	A	A	SD	SD	SD	A	A	SD	SD	SD	SD	SD	SD	SD
Filhos	Sexo	2f 1m	1f	3f 3m	1f	2f 2m	2f 2m	1f 3m	3f 1m	4f	4f	2f 2m	1f 1m	1f 2m	3f	3f
	Nº Filhos	3	1	6	1	4	4	4	4	4	4	4	2	3	3	3

Escolaridade / Nível de Instrução (NI) pais e ças:

ei – Educ. Infantil

relativos ao ef

ef - Ens. Fundamental

efi – Ens. Fundamental Incompleto

em – Ens. Médio

+: falecido

f: feminino / m: masculino

No. de filhos: soma total de crianças na família

SD: sem dados

Ocupações (pais):

A – cargos

B – do lar

3.2 LOCAL

O Programa Sentinela, de onde procedem os participantes deste estudo, situa-se em uma cidade do interior do Paraná e funciona desde janeiro de 2002. É um serviço público formado pela parceria entre o município e o governo federal, cuja especialidade é o atendimento psicossocial de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual.

O Programa presta apoio emocional e social às crianças vítimas, bem como às suas famílias, além de realizar todos os acompanhamentos necessários para cada caso: médico, jurídico, educacional, encaminhamentos a projetos sociais e de geração de renda, além de outros. As crianças são encaminhadas pelo Conselho Tutelar da cidade, sendo que a equipe realiza também o atendimento psicossocial de crianças e adolescentes acusados de cometerem violência sexual contra familiares ou contra terceiros.

3.3 MATERIAIS

As técnicas utilizadas para a coleta dos dados abrangeram o emprego de instrumentos psicológicos destinados a avaliar aspectos relacionados às percepções da criança e da mãe quanto às inter-relações contidas nos relacionamentos do seu grupo familiar, dada a situação de violência sexual neste contexto. Para a criança, o instrumento utilizado foi o “Teste do Desenho em Cores da Família” (TDCF), e para a mãe, além do TDCF, foi realizada uma “Entrevista de Anamnese”. A mãe também assinou um documento de consentimento (Apêndice A), autorizando a realização da pesquisa com ela e com a criança.

Considerando que o projeto da presente pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP Bauru (Anexo G), todos os componentes do item materiais foram submetidos à avaliação para posterior aplicação.

3.3.1 Teste do Desenho em Cores da Família – TDCF

O Teste do Desenho em Cores da Família, em nossa realidade, foi utilizado com base no desenvolvido por Retondo (2000), com inclusão do uso da cor. O instrumento objetiva a expressão, por meio do desenho, das áreas de conflitos e a facilitação da expressão da percepção dos participantes às disfunções interacionais do seu grupo familiar.

Este teste se faz útil à presente pesquisa por estar relacionado, de acordo com Retondo (2000) à expressão de situações atuais ou passadas, mas geralmente impactantes para a criança, que perpassa o relato verbal e o possível comportamento de esquiva das crianças e de seus familiares, cientes do ocorrido, frente às entrevistas que abordam os fatos da violência sexual. O TDCF é composto pelos itens que se seguem.

A. Ficha de Identificação:

A ficha é preenchida junto ao examinando e contém nome, sexo, profissão, data da aplicação, data de nascimento, idade e grau de instrução, além da idade e grau de instrução de todas as outras crianças da família (Anexo A).

B. Questionário sobre o Desenho Realizado:

O questionário é composto por 27 questões, baseadas em Valle (2000) referentes ao desenho realizado pelo examinando, com o objetivo de levantar algumas

informações sobre a identificação das figuras desenhadas, a ordem ao desenhar, o relacionamento entre as figuras, as figuras preferidas e preteridas, hierarquia entre as figuras e algumas situações cotidianas envolvendo as figuras (Anexo B).

C. Formulário de Observação do Comportamento do Examinando no TDCF (desenho e questionário):

O formulário é composto por um quadro com quatro itens, referentes ao desenho, quer sejam: ordem nas figuras; retocagem e complementação; vários ensaios e rabiscção, conforme Valle (2000). Os itens se relacionam à representação que o examinando faz, por meio do desenho, da sua própria figura, além das figuras: da criança (no caso da mãe), da mãe (no caso da criança), do pai, dos irmãos e outros.

O formulário contempla ainda outros oito itens que se referem à observação do comportamento da criança, ou da mãe, durante a prova: cumprimento das ordens, insegurança, inibição, cooperação, agitação, motivação, distração e dependência (Anexo C).

D. Quadro Referencial para Análise do TDCF:

O quadro é composto por treze itens, conforme Valle (2000) que avaliam: tamanho da figura; seqüência das figuras; posição das figuras entre si; omissões; posição da figura na página; barreiras; inclusão de outros elementos; sombreados, rasuras e rabiscos; ordem no desenhar das figuras; ênfases especiais; qualidades do grafismo; elaboração das figuras e colorido das figuras (Anexo D).

Para cada item, há um correspondente que indica comportamentos, sentimentos, ou características do relacionamento familiar do examinando.

E. Roteiro de Critérios Objetivos do TDCF em Função das Dimensões Interacionais da Família:

Integram os critérios comparativos do teste do desenho, 10 itens: comunicação; regras; papéis; liderança; conflitos; agressividade; afeição; individuação; integração e auto-estima (VALLE, 2000).

O tipo de resposta dada ao questionário é fundamental para apontar as variáveis relativas à dinâmica familiar, tendo no conteúdo gráfico suporte e elucidação das verbalizações do examinando (Anexo E).

3.3.2 Entrevista de Anamnese

O instrumento é composto por cinco partes: história de vida / sua família / a violência sexual intrafamiliar / a revelação da violência sexual intrafamiliar / os efeitos da violência sexual intrafamiliar (Anexo F – adaptado de AZEVEDO; GUERRA, 2003).

A entrevista teve o objetivo de levantar dados sobre o contexto da violência sexual das crianças estudadas, conforme o entendimento das mães, enfocando: história de violência sexual das mães; como a sexualidade é tratada pela família; o impacto da violência sexual para as mães; os efeitos da revelação da violência sexual para a criança, para a mãe e para a família.

3.4 PROCEDIMENTO

A seleção das crianças e das mães, alvos da pesquisa, foi realizada pela pesquisadora, em conjunto com as psicólogas do Programa Sentinela, por meio da seleção dos prontuários das crianças com o perfil descrito. Foi realizado contato telefônico, na residência, ou nas escolas das crianças, para o agendamento das avaliações.

Os instrumentos de coletas de dados foram aplicados de forma individual com as 30 participantes. Foram feitas cerca de quatro coletas por dia, agendando-se dois pares mãe-criança por período (manhã e tarde).

Primeiramente, a criança era chamada pela pesquisadora para uma sala de atendimento individual na sede do Programa Sentinela, onde acontecia a aplicação do TDCF, enquanto a mãe esperava na recepção. Depois, a criança era conduzida à recepção e a mãe levada à sala reservada para coleta de dados, para a aplicação do TDCF e em seguida da Entrevista de Anamnese.

Na sala havia uma mesa e duas cadeiras, dispostas uma de frente para outra, de modo a facilitar a interação entre pesquisadora e examinandos. Não ocorreram interferências externas, como barulho ou interrupção de outras pessoas ao trabalho e a iluminação era adequada.

A aplicação do TDCF obedeceu ao mesmo procedimento, tanto para a criança como para a mãe. Os materiais também foram os mesmos - folha de papel sulfite branca, um lápis preto, uma borracha e uma caixa com 12 lápis de cor, assim como, a instrução para a realização da tarefa: “Desenhe a sua família com você junto”.

As crianças levavam em média quinze minutos para a realização do TDCF, e as mães de vinte a trinta minutos para o mesmo teste. A Entrevista de Anamnese variou entre trinta minutos e uma hora com as mães, dependendo da receptividade e do envolvimento de cada uma com o instrumento aplicado.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

O Teste do Desenho em Cores da Família – TDCF, foi avaliado a partir dos Anexos B, C, D e E, descritos no item 3.3.1 deste trabalho e propostos por Valle (2000), comparando os resultados obtidos por meio dos desenhos das crianças com aqueles obtidos a partir dos desenhos da mãe.

A primeira fase da análise de dados foi focada no desenho realizado, apoiado pelas informações obtidas nas respostas dadas ao questionário sobre as figuras desenhadas (Anexo B). O objetivo foi elaborar o **“Relato Integrativo do TDCF e do**

Questionário” (Anexo G – itens 7 e 15), que trata-se das inter-relações dos dados fornecidos pelo examinando na elaboração das figuras que compõem a sua família e as respostas dadas ao questionário como complemento e/ou elucidação do material gráfico projetado, com auxílio do “Formulário de Observação do Comportamento do Examinando” (Anexo C) preenchido, pelo pesquisador, durante a realização do desenho e das respostas dadas ao questionário do TDCF. Mas é a elaboração do “Quadro Referencial para Análise do TDCF” – (Anexo D), a etapa essencial desta fase de análise dos dados, onde o desenho é submetido a treze itens de análise dos traçados, entre eles: tamanho das figuras, posição das figuras entre si, sequência das figuras, com base em estudos de: BECKER (1980), BORGES (1990), CORMAN (1979), CUNHA (1993, 2003), MAGGI (1970), VALLE (2000).

O relato integrativo permitiu verificar, de forma mais ampliada, a percepção do examinando sobre os seus sentimentos e atitudes em relação aos membros da família e sobre a dinâmica familiar vivida pelas pessoas representadas nas figuras desenhadas.

A segunda fase da análise de dados se apoiou primordialmente nas respostas dadas ao questionário do TDCF – “Questionário sobre o Desenho Realizado” (Anexo B), complementado pelas informações gráficas contidas nos desenhos projetados, avaliados por meio do Anexo E – “Roteiro de Critérios Objetivos do TDCF em Função das Dimensões Interacionais da Família”.

Esta etapa configurou-se com a análise das verbalizações que compunham as respostas ao questionário e as possíveis relações com as dez categorias interacionais, fundamentadas na Teoria Sistêmica.

Para avaliação do Anexo E – “Roteiro de Critérios Objetivos do TDCF em Função das Dimensões Interacionais da Família”, as respostas dadas ao “Questionário sobre o desenho realizado” (Anexo B), eram subsídios para apontarem as variáveis relativas à dinâmica familiar em suas correlações com as dez dimensões interacionais sistêmicas: comunicação; regras; papéis familiares; liderança; conflitos; agressividade; afeição; individuação; integração e auto-estima.

Para análise das respostas das mães à **Entrevista de Anamnese**, foram considerados aqueles assuntos que mais contribuíam com o tema em questão: história de violência sexual da mãe; interações familiares sobre o tema sexualidade; impacto da violência para a mãe; efeitos do fato sobre as relações familiares; figura familiar de revelação da violência por parte da criança.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os itens que seguem referem-se ao tratamento dos dados coletados e sua interpretação quantitativa e qualitativa. Inicialmente, são apresentados os dados e as discussões relativos ao Teste do Desenho em Cores da Família (TDCF), descritos e representados graficamente. Os dados e discussões relativos à interpretação conforme a Teoria Sistêmica são expostos posteriormente, seguidos dos dados anamnésicos, sendo, também estes dois, descritos e representados graficamente. Compondo os anexos, há um caso exemplo da análise dos dados (Anexo G).

4.1 TESTE DO DESENHO EM CORES DA FAMÍLIA – TDCF

A interpretação deste instrumento advém da análise de determinados sinais gráficos e de respostas significativas ao questionário do TDCF – Teste do Desenho em Cores da Família, apoiando-se no “Formulário de Observação do Examinando durante a Prova” (Anexo C), e no “Quadro Referencial para Análise do TDCF” (Anexo D).

A seguir, são descritas as figuras que contêm as variáveis pertinentes aos desenhos realizados, quer sejam: tamanho das figuras; seqüência das figuras; posição das figuras; omissões; posição na página; barreiras; inclusão de outros elementos; sombreados, rasuras e rabiscos; ordem no desenhar das figuras; ênfases especiais; qualidades do grafismo; elaboração das figuras e colorido das figuras.

Evidencia-se que nas variáveis: seqüências de figuras; omissões; posição na página; ordem no desenhar das figuras; ênfases especiais; qualidades do grafismo e colorido, o examinando pode atingir mais de um item de análise. Por exemplo: a variável “qualidades do grafismo”, apresenta oito itens possíveis de serem atingidos pelo examinando, como por exemplo: linha grossa, traço contínuo, rabiscos, entre outros.

A interpretação de cada variável está pautada no “Quadro Referencial para Análise do TDCF” (anexo D), que relaciona os aspectos gráficos do desenho com sua referente interpretação.

TAMANHO DAS FIGURAS

A variável “Tamanho das Figuras” refere-se à proporção com que o examinando desenha a própria figura em relação ao tamanho das demais figuras da família e contempla três itens de comparação: figura E. (examinando) **maior** do que as demais figuras quanto ao tamanho, figura E. **igual** às demais figuras quanto ao tamanho e figura E. **menor** que as demais figuras quanto ao tamanho.

A Figura 1 representa a variável “Tamanho das Figuras” e demonstra que a maior parte das crianças (8 crianças – 53,33%) desenhou a própria figura igual em relação às outras figuras da família, seguido pelo desenho de tamanho maior às demais (6 crianças – 40%) e depois pelo desenho menor da própria figura (1 criança – 6,67%) em relação aos familiares. Já as mães, aparecem com a maioria dos desenhos de sua própria figura maiores do que os desenhos representativos dos demais membros da família (9 mães – 60%) seguidos pelo desenho de tamanho igual da própria figura em relação aos demais familiares (6 mães – 40%) não ocorrendo desenho onde a figura materna fosse menor que os demais integrantes do grupo familiar.

Os resultados referentes às crianças indicam que a maioria delas (53,33%) representa as figuras do grupo familiar a partir de uma singularidade no relacionamento (figura E. igual às demais), o que pode significar, de acordo com Cunha (2003), Hammer (1991) e Retondo (2000) competição entre a criança e outros familiares. Este dado é seguido por aquelas crianças que, ao se desenharem maiores até mesmo que os adultos da família, desejam ser valorizadas, dados que corroboram com os resultados das pesquisas de Valle (2000). Uma criança (6,67%) desenhou a figura E. menor (de forma irreal, menor do que irmãos mais novos) que as demais, significando, ainda de acordo com Valle (2000), sentimento de inferioridade e baixa auto-estima.

Os traçados gráficos aqui representados pelas crianças e suas análises estão em concordância com a literatura sobre violência sexual, onde os estudiosos: Araújo (2002), Brino; Williams (2005), Caminha (2002), Charam (1997), afirmam que não é

raro encontrar crianças e outros familiares competindo entre si para obter a atenção do pai, em especial quando a situação de violência sexual ainda não foi revelada, mas é uma percepção errada da intenção da atenção, não sendo compreensível o porquê da atenção paterna dirigida somente àquela criança.

Quanto às mães, a maioria delas (60%) realizou o desenho da própria figura (figura E.) maior do que o desenho de outras figuras da família, apontando para a inter-relação entre a percepção das mães com as projeções de si próprias como figuras de autoridade, conforme Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000), seja no sentido de “comandar” o grupo familiar, seja no sentido de “controlar” ou “reprimir” os filhos e companheiro, dados que se confirmam pelas pesquisas de Azevedo; Guerra (2003), Furniss (1993), Langberg (2002).

Um número menor de mães (40%) desenhou a figura E. igual às demais, representando, como sugerido por Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000) e assim como encontrado nos desenhos das crianças, competição no grupo familiar, neste caso especialmente entre a criança vítima e a mãe. Este dado está em conformidade com os estudos de Azevedo; Guerra (2003), Caminha (2002), Zilberman; Blume (2005).

Brino; Williams (2005) não conferem status de “culpadas” para as mães que entendem que as filhas incitaram os pais a violentá-las sexualmente. As autoras lembram o fato de que estes homens tendem a apresentar um desenvolvimento emocional conturbado, e, como tal, comportam-se como dominadores, controladores, levando as esposas e a família a acreditarem que a criança é a maior responsável pelas condutas abusivas do pai.

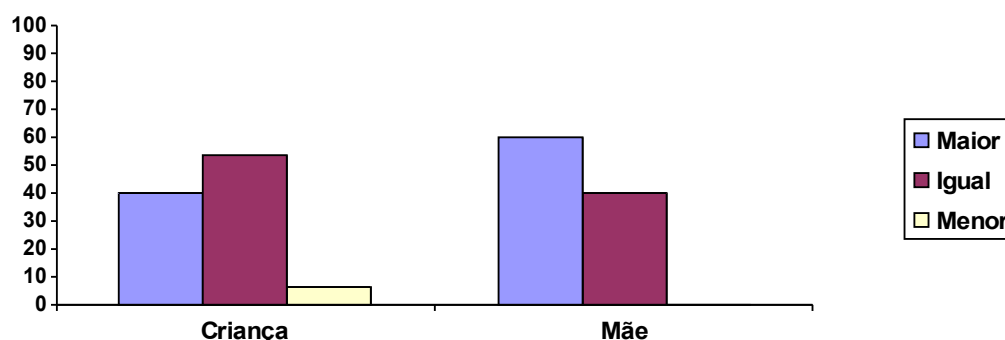


Figura 1: Tamanho das Figuras por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

SEQÜÊNCIA DAS FIGURAS

Esta variável está relacionada à seqüência com que o examinando desenha as figuras do seu grupo familiar. Contém três itens de análise: figura E. aparece em **primeiro lugar** em relação às demais figuras da família; figura E. aparece em **último lugar** em relação às demais figuras da família ou as figuras são desenhadas em **ordem invertida**, ou seja, da criança mais nova até a pessoa mais velha, com justificativas não fundamentadas à lógica do desenvolvimento humano.

A descrição da Figura 2, que corresponde à “Seqüência das Figuras”, indica que das 15 crianças, 5 delas (33,33%) se desenharam em primeiro lugar, com relação aos demais membros da família; 2 delas (13,33%) se desenharam em último lugar e 1 criança (6,67%) desenhou o grupo familiar em ordem invertida. As outras 7 crianças (46,67%) desenharam outra seqüência, que não se enquadra nestes itens de análise. Com relação às mães, 9 delas (60%) se desenharam em primeiro lugar em relação aos demais familiares; 3 delas (20%) se desenharam em último lugar e 1 mãe (6,67%) representou seu grupo familiar em seqüência invertida. Também 2 mães (13,33%) não atingiram nenhuma das classificações propostas por esta variável.

Os dados permitem compreender que o fato de a maior parte das crianças (46,67%) não ter se desenhado em seqüência que contemple um destes três itens de análise, significa que os desenhos estão em conformidade com a seqüência cronológica que tais crianças ocupam dentro da família. Ou seja, estas crianças desenharam em primeiro lugar as pessoas mais velhas da família e, não sendo elas próprias as caçulas, representaram-se em seqüência adequada no referente à ordem cronológica do grupo familiar, seqüência prevista pela literatura (CUNHA, 2003; HAMMER, 1991; RETONDO, 2000; VALLE, 2000) como o mais comum entre os sujeitos da nossa cultura.

O número de crianças (33,33%) que desenhou sua figura em primeiro lugar em relação aos demais familiares parece expressivo e pode indicar sentimento de valência afetiva negativa, ou seja, que estas crianças desejam ser amadas, valorizadas e respeitadas, conforme interpretam Valle (2000) e Meira; Valle (2003). Em situação de violência sexual, explicam os autores: Flores; Caminha (1994), Furniss (1993), Langberg (2002), Pfeiffer; Salvagni (2005), Williams (2002), é previsível que as crianças vítimas sintam-se desvalorizadas, desrespeitadas e rejeitadas pelo agressor ou pela família toda, fazendo até mesmo que, por vezes, estas crianças se sintam culpadas ou até mesmo se punam pela violência.

Duas crianças (13,33%) representaram suas figuras em último lugar na sequência familiar, mas isso aconteceu com as caçulas, estando os desenhos, como já referendado pelos escritos de Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000), adequados ao contexto dos examinandos. Apenas uma criança (6,67%) representou seu grupo em ordem invertida.

A maior parte das mães (60%) representou sua própria figura em primeiro lugar, o que pode, no contexto de estudo desta pesquisa, estar relacionado com a liderança do grupo familiar que muitas mães se vêem expostas a assumir integralmente, já que alguns pais se afastam do lar após a descoberta da violência sexual, dado que se confirma por meio dos estudos de Azevedo; Guerra (2003), Day (2003), Duarte, Arboleda (2005).

Somente duas das mães (13,33%) desenharam sua própria figura em último lugar e uma delas (6,67%) desenhou figuras do grupo familiar em ordem invertida. Ambos os dados sugerem, em concordância com Cunha (2003), Retondo (2000) e Valle (2000), sentimentos de inferioridade e desejo em ser valorizadas.

Mesmo que em números distintos, crianças e mães demonstraram sentirem-se desvalorizadas e inferiorizadas devido às condutas do agressor em relação à criança. Estes homens, afirmam Azevedo; Guerra (2003) e Brino; Williams (2005) muitas vezes não utilizam violência física com as esposas e filhas, mas, podem desdenhar, humilhar ou simplesmente ignorar as primeiras, fazendo com que se sintam desprezadas e pressionar as segundas a mostrarem-se mais queridas do que as mães, de maneira que as crianças sentem-se diminuídas e

constrangidas por serem vítimas de sentimentos equivocados de seus pais por elas.

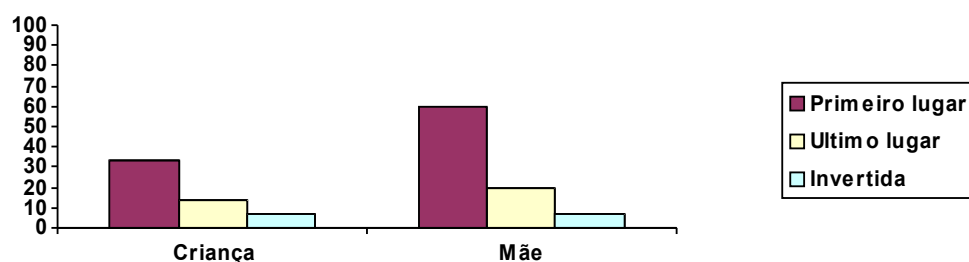


Figura 2: Seqüência das Figuras por freqüência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

POSIÇÃO DAS FIGURAS

A variável “Posição das Figuras” tem relação com a maneira como o examinando representa aproximações ou distanciamentos entre a sua figura e a(s) figura(s) do grupo familiar. Para tal, quatro itens são considerados: **distanciamento** entre todas as figuras do grupo familiar; **distanciamento** entre a figura E. e o grupo familiar; **aproximação** entre a figura E. e outras figuras e **ligação** entre duas ou mais figuras.

Avaliando a Figura 3, que demonstra a variável “Posição das Figuras”, percebe-se que há distanciamento entre todas as figuras da família nos desenhos de 4 crianças (26,67%); 1 desenho (6,67%) representa o distanciamento entre a figura E. e os demais integrantes da sua família; há aproximação da figura representativa do examinando (fig E.) em relação às demais figuras da família nos desenhos de 6 crianças (40%) e em 4 desenhos (26,67%) as figuras representativas do grupo familiar estão ligadas. Quanto às mães, 2 delas (13,33%) desenharam as figuras familiares todas distantes umas das outras; 3 delas (20%) representaram graficamente a própria figura distanciada dos outros membros da família; 6 mães (40%) se desenharam próximas às demais figuras da família e 4 mães (26,67%) se desenharam ligadas aos membros do grupo familiar.

Parece positivo o fato de a maior parte das crianças (40%) ter representado a própria figura próxima às demais figuras da família, porque indica identificação da criança com os familiares, em consonância com os estudos de Cunha (2003), fazendo com que a criança se sinta apoiada em momentos de crise.

O mesmo número de crianças (26,67%) desenhou figuras familiares ligadas e figuras familiares distanciadas, fato que sugere, na primeira situação: com base nos estudos de Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000), que pode haver falta de liberdade individual e interdependência entre os familiares (figuras ligadas). Isso está relacionado, segundo Amazzaray; Koller (1998), Azevedo; Guerra (2003) e Padilha (2002), com o fato de algumas famílias tratarem a violência sexual como um segredo, tornando-se fechados e isolados de qualquer outro grupo extra-familiar, buscando encobrir o drama vivenciado. O distanciamento entre as figuras desenhadas, deixa explícita a problemática vivenciada pelas pessoas do grupo, de forma que a desunião, o distanciamento físico e emocional e também as dificuldades na comunicação do grupo são visíveis (VALLE, 2000).

O mesmo número de mães e crianças (40%) representou aproximação entre suas figuras e as demais, reafirmando proximidade nestas relações. Também o mesmo número de mães e crianças realizou desenhos com as figuras familiares ligadas (26,67%), significando que a interdependência e a falta de liberdade encontrada nos desenhos das crianças parecem se confirmar, dados que também encontram respaldo nos estudos de Amazzaray; Koller (1998), Azevedo; Guerra (2003), Cunha (2003), Hammer (1991) e Padilha (2002).

Somadas, cinco mães (33,33%) desenharam algum tipo de distanciamento familiar, o que aponta para desunião, exclusão e dificuldades de comunicação no grupo, ratificando a interpretação dos desenhos das crianças e a literatura citada (AMAZARRAY; KOLLER, 1998 e AZEVEDO; GUERRA, 2003).

O distanciamento entre as figuras encontrado nos desenhos destas famílias, pode ser justificado pela influência da forma de se comportar do agressor como dominante e autoritário nas relações do grupo familiar. Autores sugerem (AZEVEDO; GUERRA, 2003 e BRINO; WILLIAMS, 2005) que os agressores sexuais de crianças podem ser pessoas reservadas, solitárias, com aversão aos relacionamentos sociais, o que, somado

com a imposição do segredo familiar típico deste tipo de violência, faz com que os indivíduos de uma família tornem-se cada vez mais isolados e desunidos.

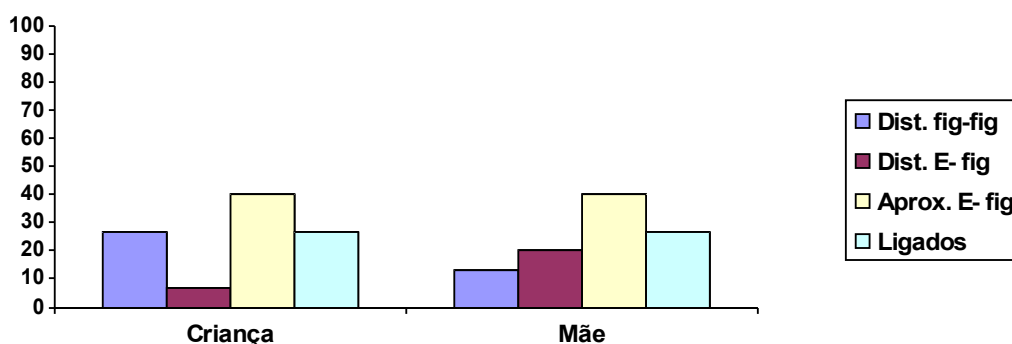


Figura 3: Posição das Figuras por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

OMISSÕES

A “omissão” de algum(s) item(s), no desenho, significa que o examinando deixou de representar graficamente **alguma(s) figura(s) considerada(s) essencial(is)** no grupo familiar, como pai, mãe ou irmãos, por exemplo. Considera-se também “omissão” a ocultação no grafismo da **própria figura do examinando** ou de **partes do corpo**, como pés, mãos, olhos, entre outros. Neste estudo é de maior relevância a omissão de si mesmo e a da figura do pai, do que de outras figuras da família, já que a primeira pode estar relacionada à baixa auto-estima e/ou fuga da situação e a segunda a conflitos por parte dos examinandos, considerando a relação abusiva a que foram expostos.

A Figura 4 representa a variável “Omissões”, na qual 1 criança (6,67%) omitiu a si mesma no desenho da família; 10 crianças (66,67%) omitiram a figura do pai e 10 crianças (66,67%) omitiram partes do seu próprio corpo, e/ou partes do corpo de outros membros da sua família. No que se refere às mães, nenhuma delas omitiu a própria

figura, 3 delas (20%) omitiram a figura do companheiro e 12 delas (80%) omitiram partes do seu próprio corpo.

Os dados referentes às omissões de figuras nos desenhos das crianças revelam que um número importante delas (66,67%) realizou o desenho da família com a omissão da figura do pai. A interpretação deste dado refere-se a conflitos entre a figura do examinando e a figura omitida, conforme estudos de Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000), aqui advinda do fato de estas crianças terem sido expostas às atitudes abusivas dos pais e omitirem suas figuras pode representar esquiva de sentimentos negativos relacionados ao mesmo (AMAZZARAY; KOLLER, 1998 e COHEN, 1997).

As mães omitiram a figura dos companheiros em menor proporção (20%) do que fizeram as crianças com os pais, o que não significa exatamente que lidem melhor do que as filhas com a violência a que o grupo familiar foi exposto. As poucas omissões das mães podem estar relacionadas à tentativa de mascarar a situação ou à resistência em acreditarem nos relatos das filhas e separarem o companheiro do grupo familiar (AZEVEDO; GUERRA, 2003, CHARAM, 1997 e LANGBERG, 2000).

Parece positivo que nenhuma das mães e somente uma das crianças tenham omitido a própria figura, não fosse o fato de um número alto delas (80% das mães e 66,67% das crianças) omitirem partes do corpo, porque isso significa, segundo Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000), que há dificuldade de relacionamento entre elas e as demais figuras do grupo familiar e também que há algum receio em encararem a problemática da violência sexual, optando por deixarem ocultos alguns sentimentos e sensações (AZEVEDO; GUERRA, 2003, CHARAM, 1997 e LANGBERG, 2002).

Há de se considerar, nesta variável, a hipótese do grande número de omissões das crianças em relação à figura do pai estar ligada ao fato de a instrução do instrumento ser: “Desenhe a sua família com você junto”, o que favorece que algumas crianças não tenham desenhado o pai simplesmente pelo fato de ele não estar mais morando com a família, como acontece em muitos dos casos deste estudo.

Apesar disso, Cunha (2003) assevera ser comum crianças ocultarem figuras representativas de conflitos, enquanto os adultos costumam desenhar essas figuras,

porém, com características diferenciadas das demais e às vezes até mesmo com deformidades.

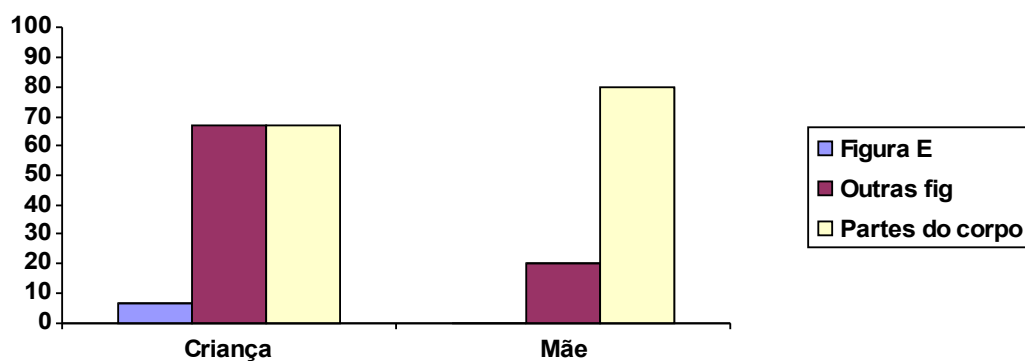


Figura 4: Omissões de figuras por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

POSIÇÃO NA PÁGINA

Para avaliar a variável “Posição na Página” o examinador divide a folha com o desenho do examinando em quatro quadrantes, de modo que cinco itens de análise sejam possíveis: desenho em posição **superior** na folha, posição **inferior**, posição **direita**, posição **esquerda** ou desenho em posição **central** na folha.

O esquema abaixo demonstra os itens de análise:

Superior esquerda

Cen tral

Superior direita

Inferior esquerda**Inferior direita**

A variável “Posição na Página”, demarcada pela Figura 5, representa que nenhuma das crianças realizou o desenho da família em posição superior na folha; 13 crianças (86,67%) realizaram o desenho na posição inferior da folha; 1 criança (6,67%) desenhou em posição direita na folha; 8 crianças (53,33%) na posição esquerda e 4 crianças (26,67%) desenharam na posição central da folha. Das 15 mães, 7 delas (46,67%) realizaram o desenho em posição superior na folha; 4 mães (26,67%), em posição inferior; 3 mães (20%), em posição direita; 9 mães (60%) realizaram o desenho em posição esquerda e 5 mães (33,33%), desenharam em posição central na folha.

A maior parte das crianças realizou o desenho das figuras da família em posição inferior (86,67%) e esquerda (53,33%) na folha, dois itens que se inter-relacionam, pois, conforme pesquisas de Campos (2002), Cunha (2003), Retondo (2000) e Valle (2000) o primeiro pode significar insegurança e sentimento de inferioridade e o segundo pode se referir à introversão e inibição, sendo estes sentimentos comumente encontrados em crianças vítimas de violência sexual (AMAZARRAY; KOLLER, 1998, DAY, 2003, FURNISS, 1993 e LANGBERG, 2002). Somente uma criança (6,67%) utilizou o quadrante direito da folha, relacionado, em consonância com os autores citados, à extroversão, para desenhar a família.

Apenas quatro crianças (26,67%) desenharam a família em posição central na página, item que se relaciona, segundo Campos (2002), Cunha (2003), Retondo (2000) e Valle (2000), à valorização do grupo representado. Apesar da problemática em que a família está envolvida, a criança vê aspectos positivos para serem evidenciados.

As mães utilizaram mais do quadrante superior da folha (46,67%) para realizarem seus desenhos do que as crianças, que não fizeram uso do mesmo. Este item se relaciona a sentimento de poder (CAMPOS, 2002, CUNHA, 2003, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000) e parece complementar ao fato de algumas genitoras representarem a família em posição central na folha, que significa, em concordância com as mesmas autoras, segurança, equilíbrio e valorização da pessoa representada. Isto não demonstra que as mães vivenciem mais sentimentos considerados positivos do que as crianças, mas pode se relacionar ao fato de terem mais maturidade para encarar situações conflituosas (DAY, 2003).

Quatro mães (26,67%) representaram a família utilizando do quadrante inferior e nove delas (60%) utilizando o quadrante esquerdo, relacionando-se o primeiro item à depressão, insegurança e sentimento de inferioridade e o segundo item a introversão e inibição (CAMPOS, 2002, CUNHA, 2003, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000), o que confirma a hipótese anterior de que as genitoras estão expostas a outros sentimentos que não somente aqueles considerados “bons”. Azevedo; Guerra (2003) apontam para a necessidade de atenção para as mães tanto quanto para as crianças, em situação de violência sexual, pois, conforme afirmam, as genitoras podem experimentar sentimentos e sensações que desequilibram o sistema familiar.

Diferentes perfis de agressores sexuais são encontrados na literatura. Ao contrário de alguns destes homens que se mostram tímidos e reservados, outros são agressivos, violentos, e assim dominam a família (DAY, 2003, PADILHA, 2002 e SCHRAIBER et al., 2005), o que justifica que crianças e mães se projetem como figuras inferiorizadas e sintam-se introvertidas e inibidas.

Três mães (20%) desenharam em quadrante direito na folha, que se relaciona à extroversão e à socialização, comportamentos desenvolvidos provavelmente pela situação de liderança do grupo familiar, já que, quando do afastamento do marido do lar, as mães geralmente assumem integralmente a liderança da família, emergindo algumas habilidades para que as genitoras desenvolvam esta função.

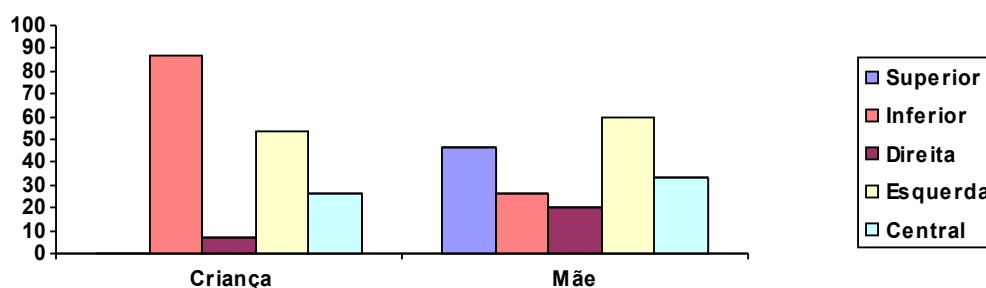


Figura 5: Posição na Página por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

BARREIRAS

As “Barreiras” significam a inclusão de elementos gráficos que sugerem algum tipo de separação entre uma ou mais figuras desenhadas. Por exemplo, figuras dentro de círculos, quadrados, atrás de um muro, ao lado de uma árvore, mas sempre separadas das demais. Um item de análise é possível nesta variável: **presença de barreiras** (figuras circunscritas).

A variável “Barreiras” está representada pela Figura 6 e indica que 3 crianças (20%) e 3 mães (20%) realizaram alguma barreira em seu desenho da família.

Esta variável se relaciona com a presença de bloqueios, afastamento e isolamento do examinando em relação ao seu grupo familiar (CUNHA, 2003, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000), características já encontradas anteriormente na variável “Posição das Figuras”. Apesar do pequeno número encontrado para a variável “Barreiras”, mas semelhante para mães e crianças, confirma-se as interpretações das mesmas autoras que apontam para isolamento grupal e dificuldade no relacionamento familiar.

Estas características encontram sustentação nos estudos de Amazzaray; Koller (1998), Azevedo; Guerra (2003) e Padilha (2002), que apontam para o fato de a violência sexual entre os membros de uma mesma família suscitar segredo e isolamento entre seus membros, tornando-lhes distanciados uns dos outros e conseqüentemente promovendo a desunião do grupo.

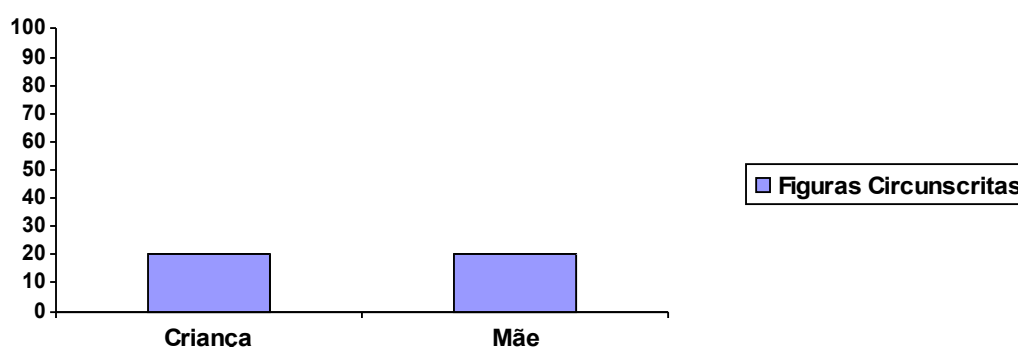


Figura 6: Presença de Barreiras por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

INCLUSÃO DE OUTROS ELEMENTOS

Esta variável contempla a inclusão de outros elementos gráficos que não aqueles que se referem às figuras da família, como casa, árvore, objetos, personagens irreais, pessoas idealizadas, entre outros.

No que se refere à Figura 7, “Inclusão de Outros Elementos”, observou-se que 9 crianças (60%) e 4 mães (26,67%) fizeram inclusão de elementos que não dizem respeito às figuras dos membros da família em seus desenhos, porém, todos os elementos de inclusão foram referentes ao cotidiano dos examinandos, como casa e elementos da natureza, de acordo com a literatura específica (CUNHA, 2000 e VALLE, 2000) são itens de contextualização e muitas vezes apenas decoração, principalmente quando estes dados são fornecidos pelo examinando em suas respostas ao questionário.

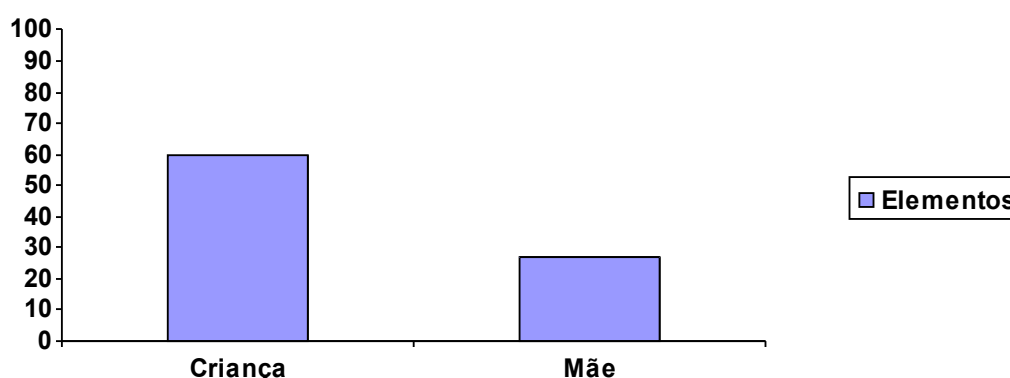


Figura 7: Inclusão de Outros Elementos por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

SOMBREADOS, RASURAS E RABISCOS

A variável “Sombreados, Rasuras e Rabiscos” é entendida como a presença de um destes três sinais gráficos, sozinhos ou em conjunto, seja em todas as figuras, seja apenas na figura do examinando.

A Figura 8 refere-se a esta variável e aponta que apenas 1 criança (6,67%) apresentou-a em seu desenho, enquanto nenhuma mãe o fez.



Figura 8: Sombreados, Rasuras e Rabiscos por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

ORDEM NO DESENHAR DAS FIGURAS

Esta variável está relacionada à posição em que o examinando desenha a figura mais envolvida com a problemática em estudo, neste caso, o pai, em relação às demais figuras do seu grupo familiar, tendo como referência dois itens de análise: **primeira figura**, quando ela é desenhada antes de outras figuras de familiares e **última figura**, quando ela é a última, no grupo familiar, a ser representada.

A descrição da Figura 9, que corresponde à variável “Ordem no Desenhar das Figuras” indica que 2 crianças (13,33%) desenharam a figura do pai como a primeira da família e nenhuma criança desenhou o pai em último lugar. Das mães, 4 (26,67%) representaram o companheiro em primeiro lugar e nenhuma os desenhou em último lugar.

O fato de nenhuma das mães e nenhuma das crianças terem desenhado a figura do pai em último lugar pode estar relacionado com questões de gênero (CUNHA, 2003, HAMMER, 1991, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000), pois, conforme

autores, comumente o homem aparece como o “líder” da família, sendo representado em desenhos geralmente em primeiro lugar.

Como grande parte das crianças (60%) omitiu a figura do pai em seus desenhos, o número daquelas crianças que desenharam o pai ficou restrito, tendo duas crianças desenhado o pai em primeiro lugar (13,33%) e também duas crianças (13,33%) desenhado a mãe em primeiro lugar. O desenho do pai, ou da mãe, em primeiro lugar, relaciona-se, tanto para crianças quanto para mães, com a representação de figuras de liderança na família, em consonância com Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000).

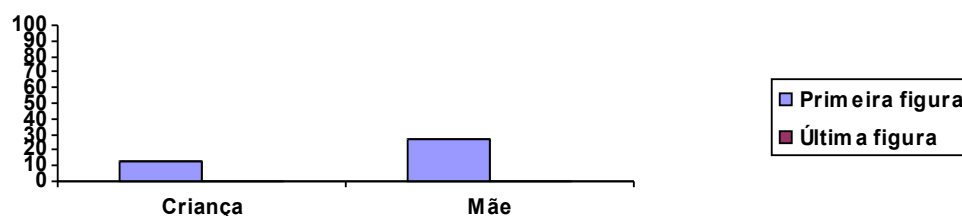


Figura 9: Ordem no Desenhar das Figuras por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

ÊNFASES ESPECIAIS

A variável “Ênfases Especiais” refere-se a destaques na figura E. ou em outras figuras (roupas com muitos detalhes, figuras da família com mais detalhes em comparação com os demais familiares desenhados, por ex. cabelo, cílios, mãos, pé, etc...) ou a desenhos descuidados de determinadas figuras.

Descrevendo a Figura 10, que demonstra a variável “Ênfases Especiais” percebe-se que 2 crianças (13,33%) desenharam sua própria figura com descuido e o mesmo número apresenta-se para as mães (13,33%). Houve ainda 1 mãe (6,67%) que desenhou algumas figuras em destaque, diferentes das demais figuras da família (figura da própria mãe e de uma filha que não estava envolvida na problemática, em contraposição às outras duas filhas). Nas figuras onde foi verificado descuido, neste caso, as próprias figuras dos examinandos, há relação com desvalorização das figuras mal desenhadas, conforme Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000), o que corrobora com a hipótese de alguns autores como Flores; Caminha

(1994), Furniss (1993), Langberg (2002), Pfeiffer; Salvagni (2005) e Williams (2002), que consideram que a violência sexual pode ocasionar, para os familiares envolvidos, sentimentos de valência afetiva negativa entre os membros do grupo e/ou por si mesmos.

Cunha (2003), Hammer (1991), Retondo (2000) e Valle (2000) fazem relação entre as figuras onde houve destaque, neste caso encontrada nos grafismos de 6,67% das mães com a valorização desta figura, mas o número reduzido de sujeitos a apresentar este tipo de elaboração parece corroborar mais com a hipótese dos autores supracitados, de que sentimentos de desvalorização sejam mais vivenciados por mães e crianças envolvidas na violência sexual do pai contra a filha do que sentimentos de valorização de si mesmo.

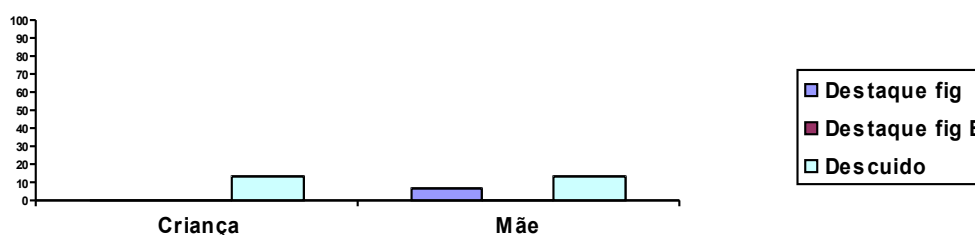


Figura 10: Ênfases Especiais por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

QUALIDADES DO GRAFISMO

Através da variável “Qualidades do Grafismo” é possível o examinador avaliar o estilo do traçado do examinando por meio de sete itens: **pressão** do lápis na folha; **consistência** do traçado; **linha grossa**; **linha fina**; **traço contínuo** ou com interrupções e **avanços e recuos** no traçado.

No que se refere à Figura 11, “Qualidades do Grafismo”, observou-se que 9 crianças (60%) utilizaram de pressão em seus desenhos; 7 crianças (46,67%) consistência no traço; 5 crianças (33,33%) utilizaram de linha grossa em seus desenhos; 1 criança (6,67%) desenhou com linha fina; 8 crianças (53,33%)

realizaram desenho com traço contínuo e 1 criança (6,67%) teve avanços e recuos em seu traçado. Das mães, 1 (6,67%) utilizou-se de pressão em seu desenho; 6 mães (40%) utilizaram consistência no traço; 2 mães (13,33%) desenharam com linha grossa; 5 mães (33,33%) com linha fina; 8 delas (53,33%) utilizaram de traço contínuo e 4 mães (26,67%) apresentaram avanços e recuos em seu traçado.

Os dados apontam que a maioria das crianças (60%) utilizou “pressão” em seus traços, mas apenas uma mãe (6,67%) o fez. A pressão está associada, segundo Campos (2002), Retondo (2000) e Valle (2000), a impulsos expressivos e expansão vital e isso significa que as crianças parecem ter mais facilidade em lidar com as situações de uma forma “lúdica” e expressiva do que as mães.

Apenas uma criança (6,67%) utilizou “linha fina” em seu traçado, bem como cinco mães (33,33%), item relacionado à insegurança e falta de autoconfiança (CAMPOS, 2002, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000) o que confirma a hipótese anterior de que as crianças possam estar disponibilizando recursos mais saudáveis (como energia e expansão vital) em suas atitudes frente ao mundo do que as mães (BRINO; KOLLER, 1999 e PADILHA; GOMIDE, 2004).

Um número semelhante de crianças e mães (40%) utilizou “consistência no traço”, item relacionado à energia e vitalidade (CAMPOS, 2002, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000). O item “linha grossa”, encontrado nos desenhos de cinco crianças (33,33%) e duas mães (13,33%) também se relaciona com energia e autoconfiança (CAMPOS, 2002, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000) e juntamente com a consistência no traço, estas interpretações parecem positivas para dar suporte a situações que demandam maior estresse.

No item “traço contínuo” houve semelhança nos números de mães e crianças (53,33%), que foram bastante expressivos, e o fato de seu significado demandar decisão e auto-afirmação (CAMPOS, 2002, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000) pode indicar, complementarmente ao item anterior, que mães e crianças possuem algumas habilidades para lidar com momentos difíceis, mas nem sempre as reconheçam ou as utilizem (HOFFMAN, 1995).

O item “avanços e recuos” foi contemplado por meio do desenho de uma criança (6,67%) e quatro mães (26,67%), e seu significado está relacionado, conforme Campos (2002), Retondo (2000) e Valle (2000), à insegurança e ansiedade,

características que se relacionam, segundo as mesmas autoras, à presença de conflitos.

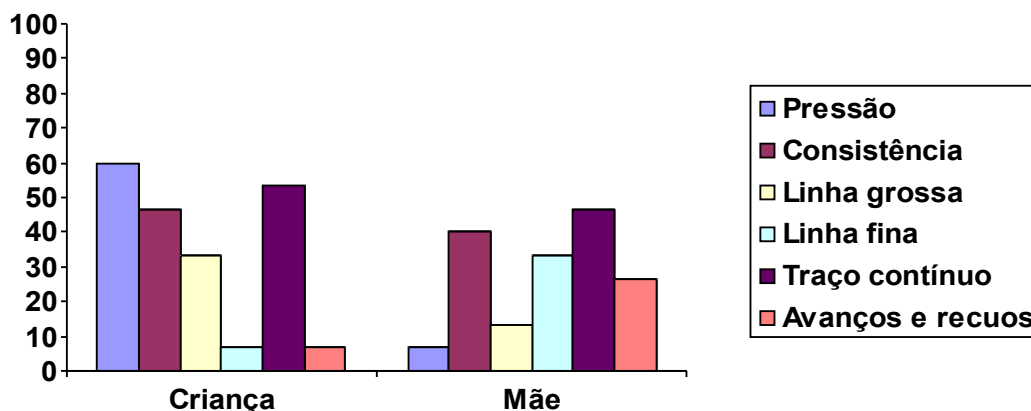


Figura 11: Qualidades do Grafismo por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

ELABORAÇÃO DAS FIGURAS

A variável “Elaboração das Figuras” demonstra se os examinandos expressam semelhanças ou diferenças na maneira como elaboram os desenhos das figuras do grupo familiar. Contempla três itens de análise: **figuras semelhantes no todo**, quando os grafismos mantêm uma uniformidade em todas as figuras; **figuras diferentes no todo ou em função do sexo**, quando os grafismos são muito diferentes entre as figuras ou semelhantes apenas no gênero e **figuras semelhantes nos subsistemas paternos e fraternos**, quando há semelhanças apenas entre determinados subsistemas.

A “Elaboração das Figuras”, representada pela Figura 12, indica que 11 crianças (73,33%) desenharam as figuras da família semelhantes no todo; 3 crianças (20%) representaram os membros de sua família diferentes no todo e 1 criança (6,67%) representou semelhanças nas figuras paternas e fraternas. Das mães, 12 (80%) desenharam as figuras familiares semelhantes no todo; 2 (13,33%) desenharam as mesmas figuras diferentes no todo e 1 mãe (6,67%) desenhou figuras semelhantes nos sistemas paternos e fraternos.

A maior parte das crianças (73,33%) e das mães (80%) desenhou as figuras semelhantes no todo, o que está associado à dificuldade na identidade pessoal (CUNHA, 2003, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000) sugerindo que o grupo não valoriza as características individuais de seus membros e dessa forma, eles se tornam muito dependentes um do outro.

Esta interpretação corrobora com o fato de três crianças (20%) e duas mães (13,33%) representarem as figuras familiares diferentes no todo, que significa busca por identidade pessoal, em consonância com a interpretação dos dados acima (CUNHA, 2003, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000).

O restante dos examinandos, uma criança (6,67%) e uma mãe (6,67%) desenharam figuras semelhantes nos subsistemas paternos e fraternos, que apontam para distinção e distanciamento dos subsistemas, ou seja, adultos e crianças, segundo Cunha (2003), Retondo (2000) e Valle (2000).

A interpretação desta variável, como um todo, apontou para as dificuldades dos examinandos em diferenciar-se de seu grupo familiar e encontrar uma identidade pessoal independente dos outros membros, mostrando que há inadequações no relacionamento familiar que não permitem o desenvolvimento individual de cada membro do grupo. Azevedo; Guerra (2003), Furniss (1993), Langberg (2002), Padilha (2002) e Wolfe (1998) apontam que nas famílias vítimas de violência sexual é comum que isso aconteça, por conta não apenas de a violência se tornar um segredo para a família, mas também porque os membros do grupo se tornam como que “cúmplices silenciosos” uns dos outros, na maior parte das vezes como consequência da dominação que o pai, enquanto agressor, exerce sobre o grupo familiar.

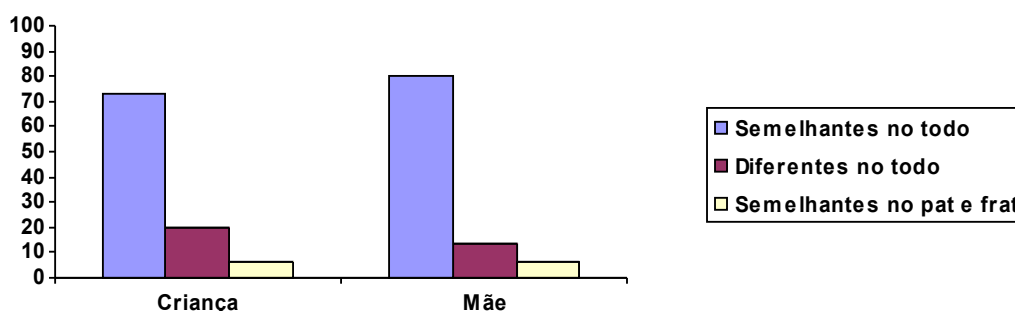


Figura 12: Elaboração das Figuras por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

COLORIDO

Esta variável diz respeito à utilização que o examinando faz das cores em seus desenhos, a partir de seis itens de análise: o examinando usa **cores diferentes** de uma figura em relação às demais; usa **cores semelhantes nas figuras paternas e fraternas**; usa **cores semelhantes nas figuras do próprio sexo**; o examinando usa as **cores preferidas** ou usa as **cores rejeitadas** no desenho e o examinando usa **cores semelhantes nas figuras envolvidas com o problema**.

A Figura 13 representa a variável “Colorido”, e sua descrição permite observar que 8 crianças (53,33%) utilizaram cores diferentes nas figuras da família; 5 crianças (33,33%) utilizaram cores semelhantes nos subsistemas paternos e fraternos; 2 crianças (13,33%) utilizaram cores semelhantes nas figuras do mesmo sexo; 5 crianças (33,33%) fizeram uso das cores preferidas, relatadas através do questionário; 6 crianças (40%) utilizaram cores que relataram no questionário não gostar (rejeitadas) e 4 crianças (26,67%) utilizaram cores semelhantes nas figuras envolvidas na problemática (criança, mãe e pai). Quanto às mães 4 delas (26,67%) utilizaram cores diferentes nas figuras da família; 8 mães (53,33%) utilizaram cores semelhantes nos subsistemas paternos e fraternos; 2 mães (13,33%) utilizaram cores semelhantes nas figuras do mesmo sexo; 5 delas (33,33%) fizeram uso das cores preferidas; 3 delas (20%) utilizaram de cores que relataram no questionário não gostar (rejeitadas) e 8 mães (53,33%) utilizaram cores semelhantes nas figuras envolvidas na problemática (mãe, criança e marido).

A utilização de cores diferentes de uma figura em relação a outras na família, significa valorização da pessoa representada (CUNHA, 2003, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000). Neste caso, as figuras representadas diferentemente das outras foram as figuras dos próprios examinandos, relacionando-se, então, positivamente com a maneira com que eles têm se identificado no grupo familiar. Porém, há de se considerar que oito crianças (53,33%) e apenas quatro mães (26,67%) preencheram este item, apontando que ainda existe um número expressivo de examinandos que não demonstrou valorização de sua própria figura.

Outro aspecto que corrobora com este item de análise é “cores semelhantes nas figuras paternas e fraternas” e “cores preferidas” utilizadas. O primeiro, referem Cunha

(2003), Retondo (2000) e Valle (2000), indica diferenciação dos subsistemas familiares (parental, conjugal, filial e fraternal), sendo importante que os subsistemas sejam diferenciados para que cada membro da família entenda seu papel no grupo e não ultrapasse algumas fronteiras necessárias ao bom relacionamento familiar. Cinco crianças (33,33%) e oito mães (53,33%) alcançaram este item de análise, o que sugere que a diferenciação dos subsistemas nas famílias estudadas ainda seja insuficiente.

O segundo, “cores preferidas”, ainda em consonância com Cunha (2003), Retondo (2000) e Valle (2000), indica valorização das pessoas representadas, mas um número maior de crianças (40%) utilizou as cores rejeitadas (que indicam desvalorização) em detrimento das cores preferidas (33,33%), o que aponta, conforme hipótese anterior, problemas na inter-relação entre os subsistemas. Com as mães, houveram mais desenhos utilizando as cores preferidas (33,33%) do que as cores rejeitadas (20%), mas os números não parecem suficientemente expressivos para contestar a mesma interpretação aferida às crianças.

Igual número de crianças e de mães (13,33%) representou com cores semelhantes às figuras do mesmo sexo, o que reforça mais uma vez a possibilidade de problemas nos subsistemas das famílias em estudo, já que este item de análise, segundo Cunha (2003), Retondo (2000) e Valle (2000) aponta para diferenciação dos subsistemas de acordo com o gênero das pessoas envolvidas no grupo familiar, o que não parece muito adequado.

Ademais, quatro crianças (26,67%) e oito mães (53,33%) representaram cores semelhantes nas figuras familiares envolvidas com a problemática, o que significa, de acordo com Cunha (2003), Retondo e Valle (2000) a presença de conflitos e neste caso reafirma hipóteses anteriores de que há problemas no grupo familiar.

O dados encontrados nesta variável indicam que as famílias avaliadas demonstraram, por meio de suas produções gráficas, problemas no relacionamento familiar e inter-pessoal, sendo os mais encontrados os sentimentos de desvalorização de si mesmos, conflitos familiares e entendimento inadequado dos papéis familiares entre os subsistemas.

Autores referem (AZEVEDO; GUERRA, 2003, CHARAM, 1997, FURNISS, 1993, LANGBERG, 2002, PADILHA, 2002 e WILLIAMS, 2002) que nas famílias permeadas pela violência sexual é comum que a criança vítima, bem como a mãe, sintam-se desvalorizadas e rejeitadas. A criança por ser a vítima direta da figura paterna, que deveria protegê-la e a mãe por sentir-se “trocada” pela filha. Os mesmos autores

asseveram que estas experiências acentuam uma série de conflitos familiares e desorganizam os subsistemas, pois limites são ultrapassados e normalmente as famílias não sabem como lidar com isso.

Pfeiffer; Salvagni (2005), Williams (2002) e Padilha; Williams (2005) afirmam que o envolvimento dos agressores em condutas abusivas durante sua infância causa, por parte deles, a avaliação incoerente dos limites que envolvem o relacionamento familiar. Estas distorções nas interações, conforme as autoras, necessitam ser avaliadas e tratadas para que se interrompa sua continuidade, evitando que a violência sexual se torne uma conduta aceita durante várias gerações destas famílias.

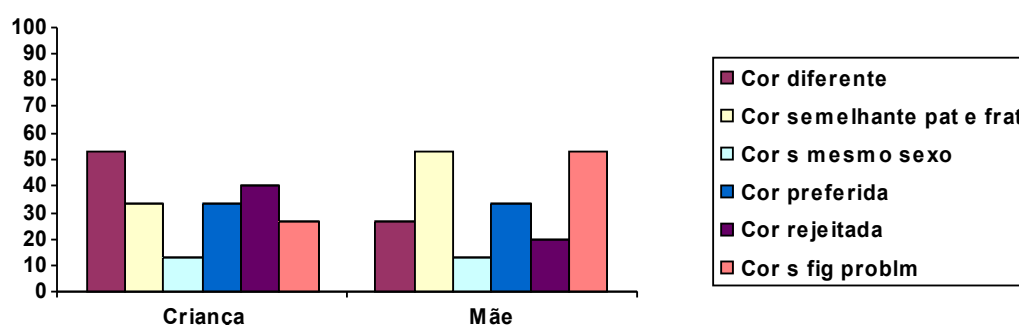


Figura 13: Colorido das figuras por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

4.2 DADOS COMPARATIVOS À TEORIA SISTÊMICA

A interpretação destes dados, assim como aqueles relacionados ao TCDF provém da análise de determinados sinais gráficos e de respostas significativas ao questionário do TDCF - Teste do Desenho em Cores da Família, apoiando-se, para tal, no “Quadro Referencial para Análise do TDCF” (Anexo D) e no “Roteiro de Critérios Objetivos do TDCF em Função das Dimensões Interacionais da Família” (Anexo E), com base na Teoria Sistêmica. A análise foi realizada a partir dos dez itens de análise propostos neste trabalho no que se refere à Teoria Sistêmica, quais sejam: comunicação,

regras, papéis, liderança, conflitos, agressividade, afeição, individuação, integração e auto-estima, interpretadas com referência ao TDCF. Os resultados estão descritos a seguir:

COMUNICAÇÃO

A Figura 14 refere-se à variável “Comunicação” e demonstra que a maior parte das crianças (53,33%) percebeu que a comunicação na família era insuficiente, enquanto 46,67% delas indicaram boa comunicação familiar. Já para as mães, 20% delas perceberam não haver problemas na comunicação familiar, mas 80% avaliaram problemas nesta área das relações familiares.

Os números elevados indicam que a comunicação nestas famílias tem se mostrado falha, o que pode comprometer o desenvolvimento emocional de seus membros, pois, segundo Férez-Carneiro (1996) e Valle (2000), a comunicação familiar, em especial dos pais para os filhos, deve ser clara, congruente, com direcionalidade e conteúdo emocional adequado de forma a promover a saúde emocional de seus membros. Quando há uma boa comunicação na família, todos os outros itens avaliados (regras, papéis, liderança, conflitos, agressividade, afeição, individuação, integração e auto-estima) tendem a se desenvolver adequadamente e o menos conflitante possível para os envolvidos.

Também Dessen; Braz (2005) consideram fundamental que a comunicação familiar seja “harmoniosa”, especialmente entre o casal, o que promove, conforme autoras, conseqüências positivas para a criança e está relacionada com estilos parentais bastante adequados.

É possível estabelecer relação entre a dificuldade na comunicação destas famílias e presença de violência sexual nas mesmas. Autores apontam (ARAÚJO, 2002, DAY, 2003, CHARAM, 1997 e FURNISS, 1993), com frequência, a conduta das famílias em tratar as atitudes abusivas do pai contra a filha como um segredo, ainda que muitas vezes até mesmo a mãe tenha conhecimento do fato. A falta de comunicação ou falhas na comunicação destas famílias parece não só facilitar que o agressor consiga

manter suas atitudes frente à criança em segredo, como também dificultar que a violência cesse.

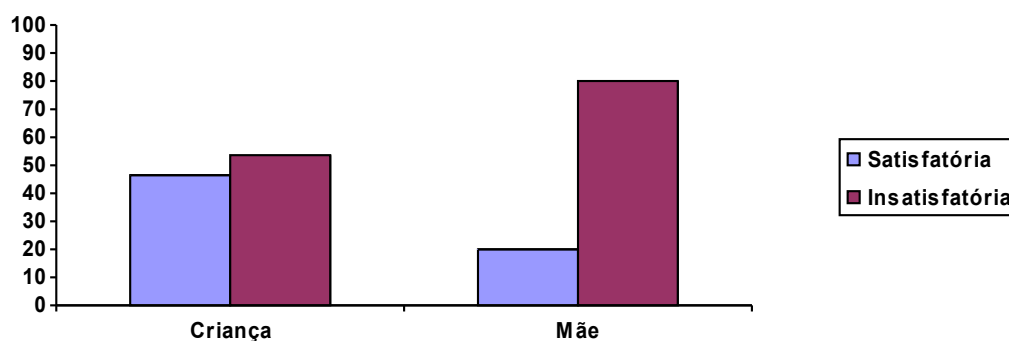


Figura 14: Variável “Comunicação” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

REGRAS

A Figura 15 trata da variável “Regras Familiares” e indica que para 53,33% das crianças as regras eram claras e consistentes e para 46,67% delas as regras foram percebidas como confusas e inconsistentes. Quanto às mães, 13,33% perceberam as regras como claras e consistentes e 86,67% as avaliaram como confusas e inconsistentes.

É interessante notar que, apesar de um número maior de crianças perceber regras claras na família (53,33%), o número de crianças que apontou o contrário foi alto (46,67%), para nossa realidade. Os números também elevados de mães que perceberam que as regras em suas famílias eram inconsistentes (86,67%) corroboram com os dados encontrados no item comunicação, pois, se uma família não se comunica bem, é provável que também não consiga estabelecer e transmitir as regras que permeiam aquele grupo.

Os pais, de acordo com Valle (2000) são os responsáveis por constituírem as regras familiares, ou seja, o conjunto de normas disciplinares para o bom andamento da família. Quando os pais não conseguem fazê-lo ou fazem inconsistentemente, não é

possível que haja, de acordo com Férrez-Carneiro (1996), uma dinâmica facilitadora do crescimento de seus membros porque não há limites ou “fronteiras”, conforme asseveram Minuchin; Fishman (1990), nas interações permitidas entre os subsistemas (conjugal, parental, filial e fraternal) de uma família e não são, portanto, estabelecidos indicadores de conduta para regular as trocas familiares.

Em famílias onde há presença de violência sexual é comum que as fronteiras interacionais estejam prejudicadas, segundo Amazzaray; Koller (1998), Azevedo; Guerra (2003), Furniss (1993), Langberg (2002), Padilha; Williams (2005) e Williams (2002), especialmente as aquelas referentes ao subsistema parental (dos pais em relação aos filhos), o que, de acordo com estes autores, estão relacionadas às inadequações dos agressores, isto se deve, provavelmente por repetirem interações abusivas vivenciadas na infância, em suas famílias de origem. A literatura referida acima, aponta não ser incomum homens vítimas de violência sexual, em seus primeiros anos de existência, repetirem o fato por toda a vida, expondo, quando adultos, crianças a este tipo de violência. O fato de estarem alterados os limites entre pai e filha podem facilitar as condutas abusivas do mesmo contra a criança e a mãe muitas vezes não consegue se impor frente à situação.

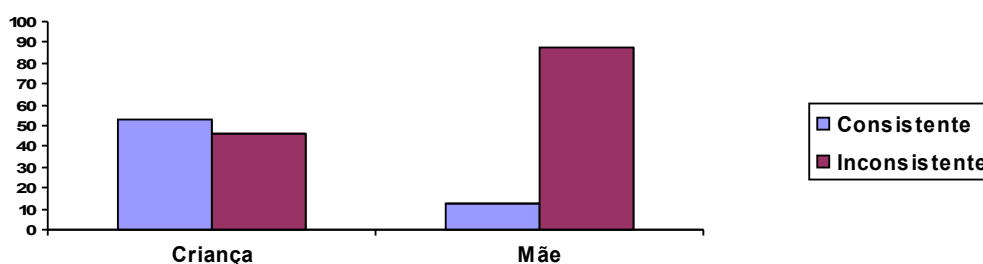


Figura 15: Variável “Regras Familiares” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

PAPÉIS

A Figura 16 demonstra a variável “Papéis Familiares” e indica que 60% das crianças tinham clareza e diferenciavam os papéis de cada membro do grupo, mas 40% das crianças não tinham clareza e não diferenciavam estes papéis. Com relação às mães, 40% delas indicaram ter clareza e diferenciavam os papéis de cada membro do grupo familiar, enquanto 60% demonstraram não ter clareza e não diferenciavam estes papéis.

Da mesma forma que na variável “Regras”, o número de crianças que não distinguem os papéis familiares (40%), mesmo que menor do que o número daquelas que os diferenciavam (60%), ainda é bastante relevante. Relacionados com os dados das mães, que apontam que a maior parte delas (60%) não tem clareza dos papéis familiares, entende-se que nestas famílias, segundo Peçanha (1997) e Valle (2000), as posições específicas dos membros no grupo não são claras ou não são respeitadas.

Complementarmente, Férez-Carneiro (1996) assevera que o desempenho das funções familiares essenciais, relacionadas aos papéis de marido, mulher, pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, depende de como a família define estes papéis e isso está relacionado com a posição que cada membro ocupa nos subsistemas parental, conjugal, fraternal e filial.

Dessen; Braz (2005) consideram que o estabelecimento de papéis, valores e crenças, por parte da família, constitui o principal ponto de contato entre a cultura social mais ampla e a cultura pessoal, exercendo influência sobre as práticas dos genitores dirigidas aos filhos.

A pouca clareza dos papéis familiares ou equívocos na maneira como são estabelecidos nas famílias parece um fator precipitante da violência sexual intrafamiliar. Estudos (ARAÚJO, 2002, DAY, 2003 e FLORES; CAMINHA, 1994) mostram que nestas famílias é comum que haja inversão de papéis, de modo que a filha, ainda criança, assume o papel de mulher, ou seja, da sua mãe na relação com o pai e isso significa, em concordância com Minuchim; Fishman (1990), um desequilíbrio nos subsistemas.

Conforme afirmam Azevedo; Guerra (2003), um dos maiores precipitantes para a ocorrência da violência sexual nas famílias é o fato de não estarem bem estabelecidos os papéis que cada membro do grupo familiar ocupa. As crianças são “utilizadas” pela figura paterna no papel sexual da mãe, comportamento mantido por algum tipo de coerção. Neste cenário, complementam as autoras, o agressor demonstra a fragilidade de

suas avaliações pessoais sobre organização familiar, provavelmente fruto de suas vivências na infância.

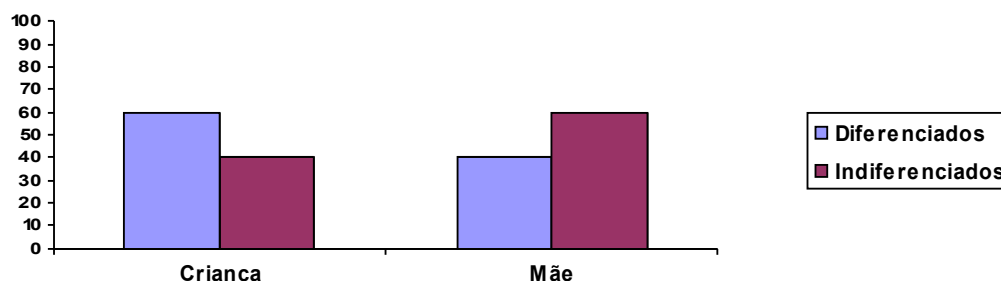


Figura 16: Variável “Papéis Familiares” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

LIDERANÇA

Por meio da Figura 17 é possível avaliar os dados referentes à variável “Liderança”. Ela indica que 60% das crianças reconheciam e respeitavam a liderança de pelo menos um adulto na família em contraposição a 40% das crianças que não reconheciam e não respeitavam a liderança da família. Quanto às mães, 46,67% delas se reconheciam como liderança na família, mas 53,33% não se identificavam como tal.

Os números referentes à identificação ou não da liderança familiar, neste contexto, parecem conservar certo equilíbrio, tanto para as crianças quanto para as mães. A literatura assevera, entretanto, que o funcionamento de uma família requer que pais e filhos aceitem o uso diferenciado da autoridade como necessário no sistema familiar (FÉREZ-CARNEIRO, 1996, MINUCHIM; FISHMAN, 1990 e VALLE, 2000). Estes autores concordam que a liderança não deve ser demasiadamente autoritária, mas também nem tanto igualitária, de forma que a liderança dos pais surja no grupo familiar e seja compartilhada com os filhos, de acordo com cada situação e de maneira democrática e diferenciada.

Dessen; Braz (2005) complementam que a rigidez na posição que alguns cônjuges ocupam enquanto líder do grupo familiar aumenta a probabilidade de

dificuldades no relacionamento marital, propiciando uma relação onde os papéis tradicionais de gênero são privilegiados. Neste caso, o homem seria sempre a figura de liderança do grupo e a mulher ficaria relegada à “obediência”.

Estas informações subsidiam a hipótese de alguns estudiosos (ARAÚJO, 2002, AZEVEDO; GUERRA, 2003, DAY, 2003, FLORES; CAMINHA, 1994 e LANGBERG, 2002) de que nas famílias vítimas da violência sexual a liderança possa assumir duas facetas: ou a liderança é concentrada na figura do pai (indicando desequilíbrio no subsistema conjugal) e, autoritária demais, de modo que criança e mãe dificilmente conseguirão romper o ciclo de violência, ou a liderança é inexistente no grupo, facilitando então a troca dos papéis familiares entre os subsistemas.

Nas famílias aqui estudadas a pouca diferença entre os valores percentuais que apontam para diferenciação da liderança familiar (60% para crianças e 46,67% para mães) e para a não diferenciação dela (40% para crianças e 53,33% para mães) indicam inadequação na liderança daquelas famílias que não percebem quem é (são) a(s) figura(s) líder (es) em seu grupo, exacerbando a possibilidade de que as fronteiras entre os subsistemas possam ser, mais facilmente, ultrapassadas, e neste contexto, isso precipitaria as condutas abusivas do pai contra a filha.

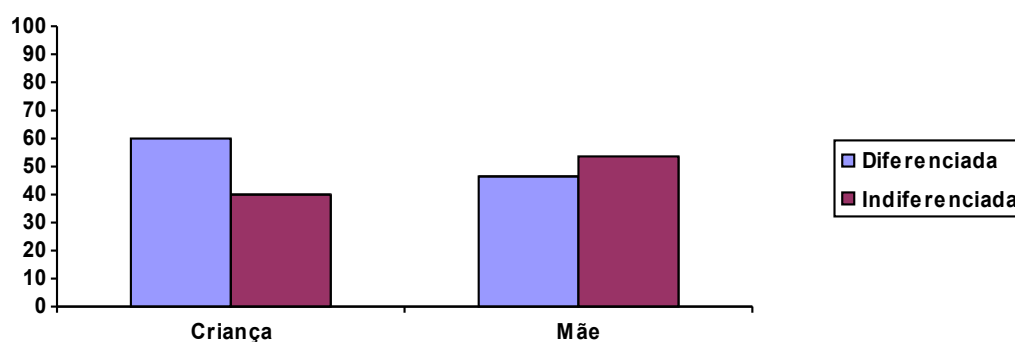


Figura 17: Variável “Liderança” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

CONFLITOS

A Figura 18 diz respeito à variável “Conflitos Familiares” e aponta que 100% de crianças e 100% de mães demonstraram a presença de conflitos familiares.

Férez-Carneiro (1996) e Macedo (1998) afirmam que os conflitos são uma dimensão importante no processo de desenvolvimento dos membros de uma família porque promovem vias de interação grupal, positivas ou negativas, que estimulam o crescimento ou predisõem ao desequilíbrio emocional. O mais importante, em concordância com Férez-Carneiro (1996) e Minuchim; Fishman (1990) é que a família procure meios de lidar com os conflitos com vistas à resolução deles, pois quando não resolvidos, os conflitos podem causar a vivência de sentimentos ruins, atitudes de agressividade destrutivas e até mesmo transtornos emocionais.

Os estudos de Dessen; Braz (2005) indicam que em situações de conflito envolvendo toda a família, normalmente um dos parceiros torna-se emocionalmente retraído e o outro parceiro persistente ou perseguidor, o que sugere, conforme dados deste estudo, que em nossa realidade a mãe seja a figura de “retração” e o pai a figura de “perseguição”.

Na ocorrência de violência sexual do pai contra a filha, é esperado que os conflitos sejam parte predominante dos dados. Vários estudos (ARAÚJO, 2002, COLE; COLE, 2003, DUARTE; ARBOLEDA, 2005, DESSEN; SILVA, 2005, FAÚNDES et al., 2005 e SULLCA; SCHIRMER, 2006) apontam para essa variável como altamente freqüente nestes casos e muitas vezes a única solução para que ele cesse é que se afaste o agressor da família, em caráter temporário ou definitivo.

Mesmo que as mães duvidem da violência sexual ou considerem as filhas culpadas por ela, não se pode perder de vista que o pai é sempre a figura causadora dos conflitos familiares, neste contexto (ARAÚJO, 2002, DAY, 2003 e FLORES; CAMINHA, 1994). Conforme os autores, os conflitos vivenciados pelos grupos familiares, advindos do fato, são de difícil resolução enquanto o pai fizer parte do mesmo lar da criança.

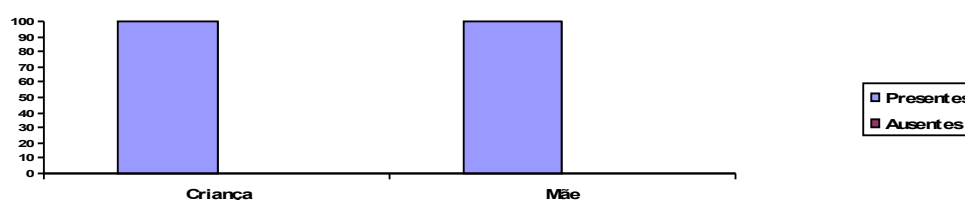


Figura 18: Variável “Conflitos” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

AGRESSIVIDADE

Por meio da análise da Figura 19, que corresponde à variável “Agressividade”, é possível observar que 33,33% das crianças e 33,33% das mães demonstraram que a família não apresentava problemas em relação à agressividade e também 66,67% de crianças e 66,67% de mães avaliou que a família apresentava problemas em relação à agressividade.

A igualdade nos números que envolvem esta variável mostra que os examinandos concordam quanto à presença ou ausência da agressividade no grupo familiar. Da mesma forma que a variável “Conflitos”, a Agressividade nem sempre é destrutiva no contexto familiar. Valle (2000) aponta que esta variável pode ser uma ameaça à integridade grupal, mas também pode promover novos estágios evolutivos para os membros de uma família, porque promove discussões sobre como o sistema vem funcionando.

Em concordância, Férez-Carneiro (1996) ressalta o papel da manifestação da agressividade no grupo familiar, pois, na interação, permite que sentimentos sejam expressos e questionados. Porém, afirma a autora, é papel dos pais conduzirem estas manifestações de agressividade de forma construtiva e com direcionalidade adequada.

Neste estudo, não é possível perder de vista que dados fornecidos por outras, destas dez variáveis em questão, indicaram problemas na comunicação, regras, papéis, liderança e ainda a presença de conflitos familiares, o que pressupõe que a agressividade esteja sendo utilizada por estas famílias de maneira destrutiva. Corroboram com esta hipótese a literatura de violência sexual contra crianças e adolescentes, principalmente nas pesquisas de (AZEVEDO; GUERRA, 2003, ARAÚJO, 2002, CHARAM, 1997, FURNISS, 1993, LANGBERG, 2002 e SCHRAIBER et al., 2005) que apontam para a presença de agressividade, reações hostis e relações destrutivas entre os membros destas famílias, dirigidas uns contra os outros ou partindo de um ou mais membros contra o agressor.

Os mesmos autores acima citados consideram importante lembrar que na maior parte das vezes a violência sexual não acontece isolada das violências física e psicológica, que normalmente fazem parte do cotidiano das famílias abusivas. A agressividade é bastante relacionada, pelos autores, à figura do pai, que geralmente detém mais força física e desta maneira sente-se dominador do grupo.

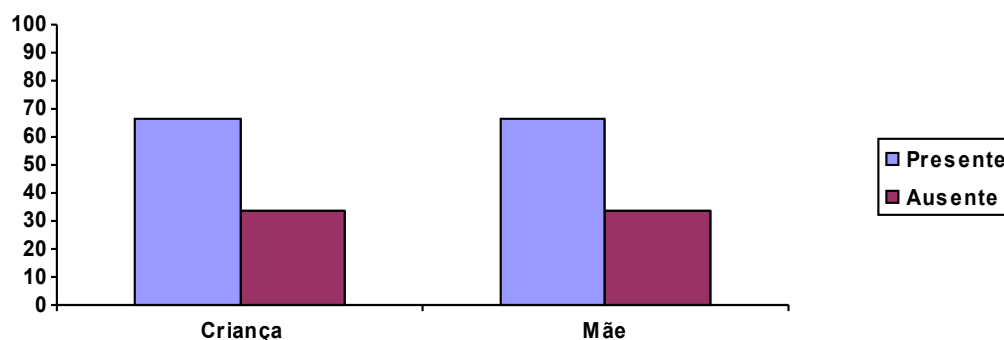


Figura 19: Variável “Agressividade” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

AFEIÇÃO

A análise da Figura 20 aponta os dados que se referem à variável “Afeição” e indica que 33,33% das crianças avaliaram reconhecer afeição nas relações familiares enquanto 66,67% delas demonstraram não reconhecê-la nas relações familiares. Das mães, 26,67% apontaram reconhecer afeição nas relações familiares e 73,33% das mães demonstraram não reconhecer afeição nestas relações.

Os altos números encontrados para afetividade não satisfatória, tanto para crianças quanto para mães, chama atenção para mais uma variável que demonstra problemas nestas famílias. Férez-Carneiro (1996) e Macedo (1998) enfatizam a importância da afeição na interação familiar e sua relação com o desenvolvimento dos membros do grupo e aponta que em muitas famílias o potencial afetivo de seus

membros não é satisfeito porque trocas físicas que demonstram afetividade são misturadas com tabus sobre sexualidade.

Caminha (2002) assevera que quando há familiaridade entre a criança e o agressor, deduz-se haver fortes laços afetivos, tanto positivos quanto negativos, entre ambos, o que colabora para que a violência sexual possua maior impacto emocional para a criança.

As afirmações dos autores auxiliam na compreensão daquilo que pode explicar, em parte, a afeição negativa nas famílias permeadas pela violência sexual. Com base na literatura específica da área (FERREIRA, 2005, FURNISS, 1993, LANGBERG, 2002, PFFEIFER; SALVAGNI, 2005, SILVARES, 2001 e WOLFE, 1998), fica claro que para estas famílias, a ocorrência de atitudes abusivas já reveladas (como no contexto deste estudo) do pai contra a filha, tende a tornar as relações de afetividade que envolvem contato físico entre os membros do grupo um pouco dificultadas, pois os envolvidos podem interpretar, pelo menos temporariamente, o fato como eliciador de novas condutas abusivas dentro da família. Pode acontecer ainda que a família fique confusa quanto aos limites necessários à relação entre o grupo, após revelação da violência sexual e prefiram afastar-se para evitar contatos que extrapolem as fronteiras entre os subsistemas.

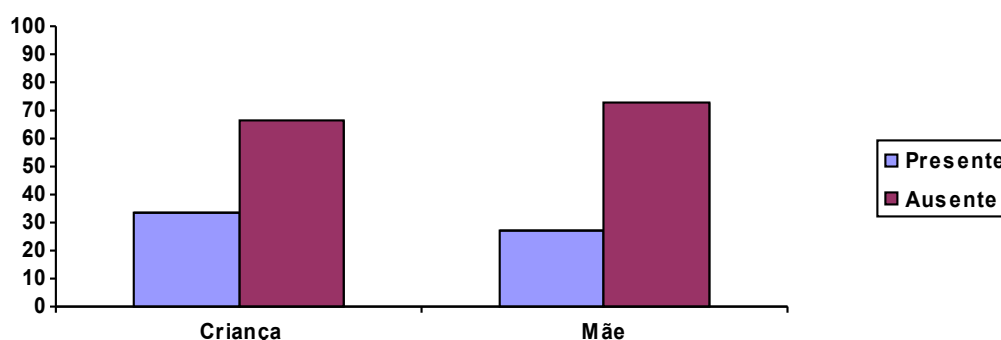


Figura 20: Variável “Afeição” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

INDIVIDUAÇÃO

A Figura 21 refere-se à variável “Individuação” e demonstra que 46,67% das crianças demonstraram boa individuação de sua figura na família, mas 53,33% das crianças não avaliaram boa individuação. Quanto às mães, os dados indicaram boa individuação para 60% delas, contra 40% que não perceberam boa individuação de sua figura na família.

Minuchim; Fishman (1990) e Valle (2000) consideram que a capacidade da pessoa expressar-se como um ser individual, ainda que esteja inserido em um grupo de pessoas a que se denomina família, de tal forma a agir (este indivíduo) de maneira independente e assumir a responsabilidade por seus atos, é aquilo que se entende por individuação, que parece fundamental para a convivência em família, pois permite que o indivíduo conviva com outros grupos extra-família e cresça com estas experiências, podendo acrescentar seu crescimento ao restante do grupo.

As relações que cada um dos pais mantém com os filhos, afirmam Dessen; Braz (2005), influenciam o desenvolvimento da criança e constituem uma rede complexa de aspectos relacionados à interação dos subsistemas familiares e o desenvolvimento de seus membros e da dinâmica familiar.

Porém, Minuchim; Fishman (1990) destacam também que para as crianças a individuação é mais difícil que para o adulto, pois o infante tem menos acesso aos grupos extra-familiares. Além disso, completa o autor, quando a família, responsável por modelar o sentido de identidade da criança falha em fazê-lo, possivelmente a individuação ficará comprometida, fatos que podem explicar porque o número de crianças deste estudo que perceberam uma boa individuação (53,33%) seja menor do que o número de mães (60%) que tiveram essa percepção sobre si mesmas.

As falhas no processo de individuação da criança estão relacionadas com o desenvolvimento de seus comportamentos por toda a vida. Neste sentido, as figuras paternas são fundamentais para a identificação da criança, como seus modelos. Pfeiffer; Salvagni (2005) afirmam que é sempre um risco, em situações de violência sexual, que a criança se identifique com o pai agressor e converta-se futuramente, em um deles, principalmente se ela não receber ajuda psicológica. Em consonância, Azevedo; Guerra (2003) chamam atenção para o entendimento do agressor como alguém que, na grande maioria dos casos foi vítima de algum tipo de violência na infância, o que reforça os cuidados com as relações estabelecidas nestas famílias.

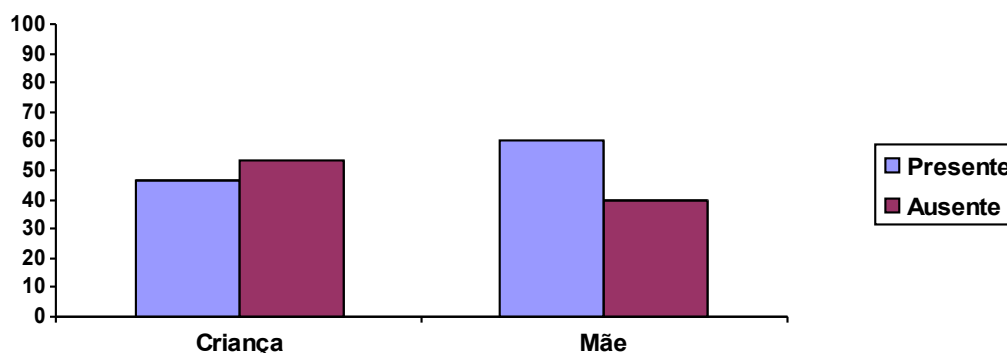


Figura 21: Variável “Individuação” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

INTEGRAÇÃO

A análise da Figura 22 diz respeito à variável “Integração” e aponta que 13,33% das crianças e também 13,33% das mães observaram boa integração familiar contra 86,67% das crianças e o mesmo número para as mães que não observaram uma boa integração familiar.

Os números são bastante relevantes para ambos os grupos em relação às falhas na integração entre os membros do grupo familiar. Isso denota uma atenção especial para como os membros das famílias em questão vêm interagindo, e sugere que o fato não seja adequado para o estabelecimento do desenvolvimento saudável das pessoas envolvidas. A percepção é confirmada por meio dos estudos de Férez-Carneiro (1996), Minuchim; Fishman (1990) e Valle (2000), pois eles asseveram que a integração é fundamental para que os elementos do grupo compartilhem esforços para alcançarem objetivos comuns, sendo capazes de atuar em conjunto para a solução de problemas e consigam obter, desta forma, um senso de grupo que lhes permitirá evoluir como pessoas.

De acordo com Dessen; Braz (2005), há três determinantes que podem integrar as relações parentais: os recursos psicológicos pessoais dos genitores, as características da criança e as fontes contextuais de estresse e suporte.

A violência sexual, fonte de estresse, parece comprometer a integração do grupo familiar, como demonstram os dados, em consonância com a literatura específica

(ARAÚJO, 2002, AZEVEDO; GUERRA, 2003, DAY, 2003, DUARTE; ARBOLEDA, 2005, FAÚNDES et al., 2006, PADILHA; GOMIDE, 2004, SULLCA; SCHIRMER, 2006 e WILLIAMS, 2002), porque ela é comumente tratada como um segredo pelos membros da família, o que não propicia o estabelecimento de suporte à criança e os isola uns dos outros, podendo causar sentimentos como raiva, frustração, ressentimento e rancor. A figura do pai, neste sentido, muitas vezes deixa de ser entendida como a grande causadora das disfunções familiares, revertendo-se o fato para a criança, que como tal, tende a se tornar cada vez mais afastada do restante do grupo e a família passa então a conviver a pouca integração de todos os membros.

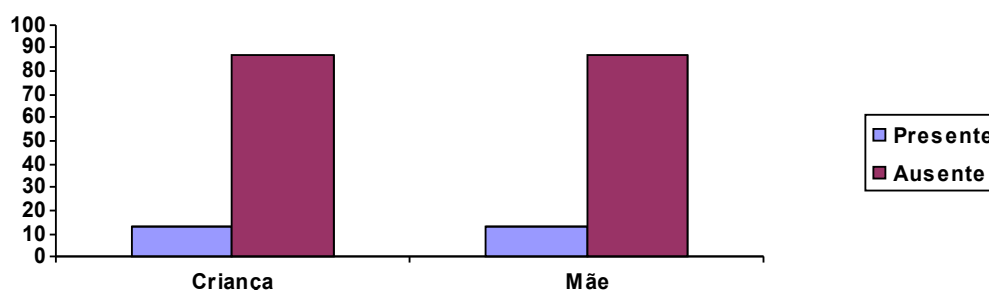


Figura 22: Variável "Integração" por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

AUTO-ESTIMA

A Figura 23 refere-se à variável "Auto-Estima" e indica que 46,67% das crianças possuíam características relacionadas à auto-estima alta, mas 53,33% das crianças possuíam características relacionadas à auto-estima baixa. Quanto às mães, os dados indicam que 33,33% delas possuíam características relacionadas à auto-estima alta e 66,67% das mães possuíam características relacionadas à baixa auto-estima.

O fato de maior parte dos examinandos ter demonstrado rebaixamento na variável auto-estima vem ao encontro de pesquisas que tratam da violência sexual contra crianças e adolescentes. A maior parte destes estudos (ARAÚJO, 2002, AZEVEDO; GUERRA, 2003, DAY, 2003, FAÚNDES et al., 2006, PADILHA; GOMIDE, 2004 e SULLCA; SCHIRMER, 2006) apontam que tanto as crianças vítimas quanto as mães e por vezes outros membros da família que não foram vítimas diretas das agressões apresentam baixa na auto-estima e sensação de menos valia.

Dessen; Braz (2005) afirmam que a percepção positiva que os indivíduos têm dos comportamentos de seus companheiros e familiares causam um efeito intenso na satisfação pessoal de cada um deles. Neste sentido, Férez-Carneiro (1996) assevera que os pais são responsáveis pela promoção da auto-estima positiva de seus filhos, validando positivamente seu crescimento, valorizando comportamentos e conquistas, dessa forma permitindo que seu desenvolvimento seja permeado por reforçadores positivos. Quando é exatamente umas dessas figuras de confiança da criança quem a expõe a uma situação perplexa como a violência sexual parece pouco provável que a criança e mesmo outros membros do grupo familiar consigam conservar alta a auto-estima.

Complementarmente, Azevedo; Guerra (2003), Brino; Williams (2005) e Charam (1997), afirmam que normalmente o agressor é um indivíduo que tem comprometida, entre muitas outras coisas, a sua auto-estima. Conforme autores, esses homens geralmente vivenciaram um ou mais tipos de violência na infância e quando adultos sentem-se desinteressantes, inferiorizados e incapazes de manterem um relacionamento satisfatório com uma mulher adulta, o que faz com que procurem crianças para a realização de sua sexualidade.

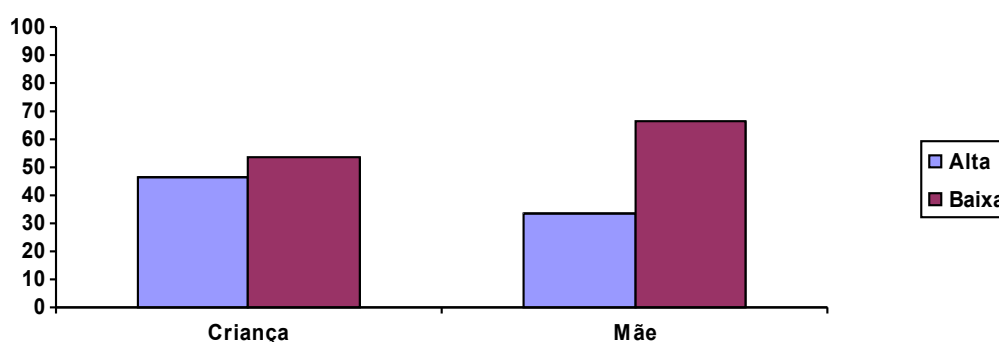


Figura 23: Variável “Auto-Estima” por frequência relativa e por grupo de crianças (n=15) e grupo de mães (n=15).

4.3 DADOS ANAMNÉSICOS

A interpretação deste instrumento advém da “Entrevista de Anamnese” (Anexo F), adaptada de Azevedo; Guerra (2003), por meio da seleção das questões consideradas mais significativas para o contexto deste estudo.

Os dados anamnésicos contemplam os seguintes itens: existência ou não de histórico de violência sexual da mãe (6,67% sim e 93,33% não); a família conversa ou não sobre sexualidade (6,67% sim e 93,33% não); qual foi o impacto da revelação da violência sexual para a mãe: houve dúvidas da mãe quanto à veracidade do fato (66,67% sim e 33,33% não) e a quem a mãe atribui culpa pelo fato (ao marido – 86,67% ou à criança – 13,33%); quais foram os efeitos da violência sexual, no entendimento da mãe, sobre as relações familiares: houve mudanças na relação da mãe com a criança (53,33% sim e 46,67% não), da mãe com o marido (73,33% sim e 26,67% não) ou mudança na relação de toda a família (53,33% sim e 46,67% não); para quem a criança fez a revelação da violência sexual: à mãe (66,67%), aos irmãos (0), à professora

(13,33%) ou a outros (20%). Os resultados estão categorizados abaixo, na ordem descrita.

HISTÓRICO DE VIOLÊNCIA SEXUAL DAS MÃES

A Figura 24 demonstra se houve episódio de violência sexual na história de vida das mães, sendo que 6,67% delas afirmaram terem enfrentado em sua história de vida pelo menos uma situação de violência sexual enquanto 93,33% das genitoras relataram não ter vivenciado tal situação.

Apesar de um pequeno número de mães (6,67%) confirmarem história de violência sexual em sua infância em comparação com o número daquelas que afirmou não terem vivenciado tal fato (93,33%), ressalta-se a literatura que trata da violência sexual intrafamiliar (AMAZARRAY; KOLLER, 1998, ARAÚJO, 2002, AZEVEDO; GUERRA, 2003, CHARAM, 1997, DAY, 2003, FLORES; CAMINHA, 1994, FURNISS, 1993, PADILHA, 2002, WILLIAMS, 2002 e WOLFE, 1998) nestes casos, referindo que a investigação da história de vida das mães indica que a maioria delas também foi vítima do mesmo tipo de violência em suas infâncias. Porém, não raro, complementam os autores, estas mães se sentem constrangidas ou temerosas em revelar esta situação, por motivos como vergonha, evitação em falar do assunto por sofrimento emocional, culpa por não conseguir proteger as filhas ou simplesmente pouca intimidade com o profissional que está lidando com o caso.

Langberg (2002) acrescenta também que os serviços públicos começaram a contemplar políticas de atendimento às vítimas de violência sexual há cerca de 10 anos, sendo que anteriormente, o que acontecia era simplesmente ocultar o assunto. Por este motivo, a autora denomina estas mulheres como “vítimas adultas” da violência sexual, porque a maioria delas nunca recebeu qualquer tipo de ajuda (principalmente psicológica) na infância, tornando difícil a superação do fato e o relato dele na atualidade.

Parece interessante considerar que em uma situação de pesquisa a condição de poucos contatos, prioritariamente investigativos, entre o pesquisador e o examinando pode contribuir para que certos aspectos sejam ocultados durante a entrevista, o que não

aconteceria em contexto de intervenção psicológica sistematizada com o mesmo examinando, por exemplo.

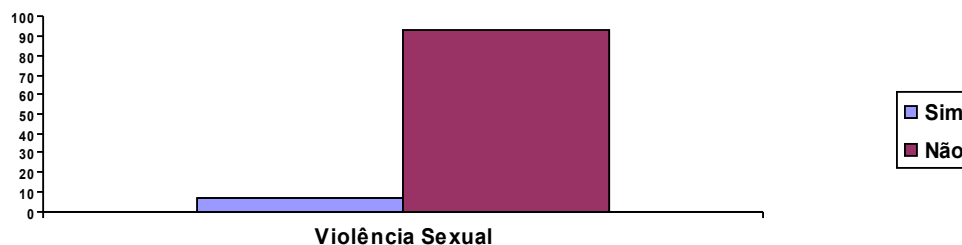


Figura 24: Presença de Violência Sexual por frequência relativa em grupo de mães (n=15).

SEXUALIDADE

A Figura 25 refere-se às trocas verbais entre os membros das famílias com relação à sexualidade. É possível perceber que 6,67% das mães disseram que a família conversava sobre sexualidade e 93,33% delas relataram que a família não conversava sobre o assunto.

Os dados corroboram com estudos relacionados à área em questão (BRINO; WILLIAMS, 2005, COHEN, 1997, FERREIRA, 2005, FURNISS, 1993, LANGBERG, 2002, PADILHA; WILLIAMS, 2005 e SILVARES, 2001). Estes autores consideram que nas famílias permeadas pela violência sexual não é comum que as mães relatem incluir o assunto sexualidade nas conversas e trocas com os filhos e este tema, que deveria ser tratado de maneira saudável por qualquer família, passa a ser evitado, muitas vezes pela crença de que falar sobre sexualidade incita práticas abusivas dentro do grupo familiar.

Pesquisadores (AMAZARRAY; KOLLER, 1998, ARAÚJO, 2002, AZEVEDO; GUERRA, 2003, DAY, 2003, FLORES; CAMINHA, 1994, FURNISS, 1993, PADILHA, 2002, PFEIFFER; SALVAGNI, 2005 e WILLIAMS, 2002) também consideram que as condutas abusivas dentro de uma família não propiciam trocas verbais sobre sexualidade, pois o assunto pode eliciar o desejo de denúncia por parte da(s) vítima(s) e deixar de ser um segredo, de maneira que, para uma família que procura ocultar a violência sexual entre seus membros, ou é coagida a fazê-lo, discutir sexualidade pode ser um caminho para a revelação da problemática.

Azevedo; Guerra (2003), Brino; Williams (2005), Charam (1997) e Williams (2002), em seus estudos sobre o pai como agressor sexual de crianças afirmam que estes homens não são “perversos” ou “doentes” como classifica o senso comum. Eles normalmente são detentores de experiências traumáticas de sexualidade na infância que culminaram no desenvolvimento de preferências sexuais deturpadas na vida adulta, como o desejo por crianças. Além disso, complementam os autores, esses homens podem ter problemas de ordem fisiológica, como ejaculação precoce e outras, que acabam por afastá-los ainda mais do relacionamento com mulheres adultas.

Considerando todo o exposto, outros autores (BUSSAB, 1999 e SILVARES, 2001) apontam ainda que a dificuldade em tratar deste assunto não é privilégio destas famílias, mas sim, que a nossa cultura não propicia ou não acha adequado este tipo de discussão. Dessen; Braz (2005) consideram que a sexualidade exerce grande importância na vida dos casais e as trocas que são feitas entre os genitores e as crianças, neste sentido, podem ser um dos determinantes das escolhas futuras dos filhos por seus próprios parceiros.

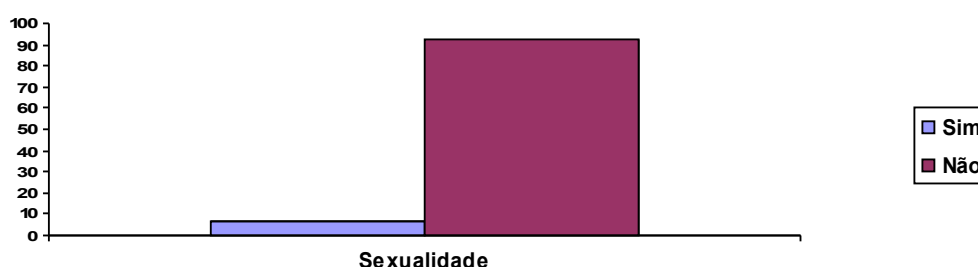


Figura 25: Presença de trocas verbais sobre Sexualidade, na família, por frequência relativa em grupo de mães (n=15).

DÚVIDAS DAS MÃES QUANTO À VIOLÊNCIA

A Figura 26 indica se houve dúvidas, por parte das mães, quanto à violência sexual das filhas, evidenciando que 66,67% das mães tiveram dúvidas quanto ao comportamento abusivo de seus companheiros em relação às filhas e 33,33% não tiveram esta dúvida. Das 15 mães entrevistadas, 86,67% atribuíram a culpa pela violência sexual ao companheiro ao passo que 13,33% delas disseram que a culpa era da criança.

A literatura informa que comumente há dúvidas das mães quanto à veracidade da violência sexual relatada pelas filhas (AZEVEDO; GUERRA, 2003, BRINO WILLIAMS, 2005, CHARAM, 1997, DAY, 2003, FLORES; CAMINHA, 1994, FURNISS, 1993, LANGBERG, 2002, PADILHA, 2002, PFEIFFER; SALVAGNI, 2005 e WILLIAMS, 2002) e também que algumas vezes as próprias crianças são consideradas, pelas mães, culpadas pelas condutas abusivas dos pais, por insinuarem-se, obter ganhos ou até mesmo sentirem prazer nesta relação. Estes autores afirmam que as genitoras usam destes argumentos para ocultarem uma situação que é evidente, mas com a qual elas não sabem ou não querem lidar.

Além disso, conforme (BRINO; WILLIAMS, 2005) a presença do pai nestas famílias, na maioria das vezes, é bastante dominadora e ele pode ser suficientemente hábil para argumentar a seu favor e colocar a criança na condição de culpada, aproveitando-se da situação de fragilidade emocional da esposa frente à problemática.

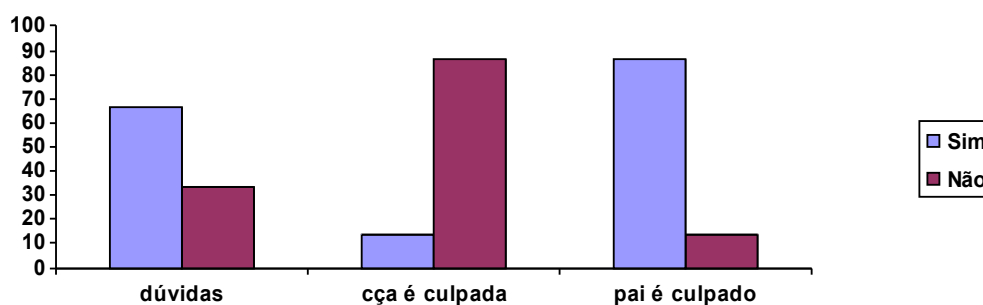


Figura 26: Impacto sofrido pela mãe ao receber a notícia da violência sexual da filha, por frequência relativa em grupo de mães (n=15).

MUDANÇAS NO GRUPO FAMILIAR

A Figura 27 aponta as mudanças observadas pelas mães, no grupo familiar, após violência sexual do pai contra a filha. As mães relataram em 53,33% dos casos, ter havido mudanças na relação mãe-criança, enquanto para 46,67% dos casos esta mudança não aconteceu. No referente ao relacionamento marido-mulher, 73,33% das mães observou mudanças nesta relação, contra 26,67% delas que não perceberam esta mudança. Além disso, 53,33% das mães relataram ter mudado a relação de toda a família enquanto 46,67% das mães descreveram não ter mudado a relação da família como um todo.

Os dados demonstram que há semelhança entre os números que apontam para percepção das mães sobre mudanças no relacionamento familiar (53,33%) e a não percepção do mesmo fato (46,67%), sugerindo, conforme Araújo (2002), Azevedo; Guerra (2003), Furniss (1993), Langberg (2002) e Williams (2002), que algumas mães não se dão conta de que algo errado venha acontecendo nas relações familiares e que outras podem perceber, mas, temerosas com as consequências da revelação, preferem ocultar a questão.

Reafirmando esta última hipótese, os números de mães que notaram mudanças nas relações entre elas e as filhas também se mantêm equiparado (53,33% notaram esta mudança contra 46,67% que relataram não ter notado a mudança), apontando, como descrito acima, para uma fatia destas mães que, ou realmente não notou a mudança na relação com as filhas, ou notou, mas preferiu não descrevê-la.

Os estudos de Dessen; Braz (2005) mostram que a satisfação marital está associada à complexidade do sistema familiar, de seus subsistemas e de seu ciclo de desenvolvimento, dependente de um processo dinâmico de adaptação a situações novas que extrapolam o espaço restrito de uma relação. Neste sentido, haveria uma tentativa das mães em mascararem possíveis conflitos associados à figura do parceiro na tentativa de manter estável o equilíbrio do grupo familiar e a falsa estabilidade da relação conjugal.

Estas informações reafirmam o fato de 73,33% das mães terem relatado mudanças no relacionamento entre elas e o marido, sugerindo, em concordância com

Amazzaray; Koller (1998), Araújo (2002), Azevedo; Guerra (2003), Flores; Caminha (1994), Furniss (1993), Langberg (2002) e Williams (2002), que as genitoras possam estar mais atentas ao relacionamento com o marido do que com as filhas ou com o restante da família, por medo de perderem o companheiro, muitas vezes fonte de apoio emocional ou financeiro do grupo.

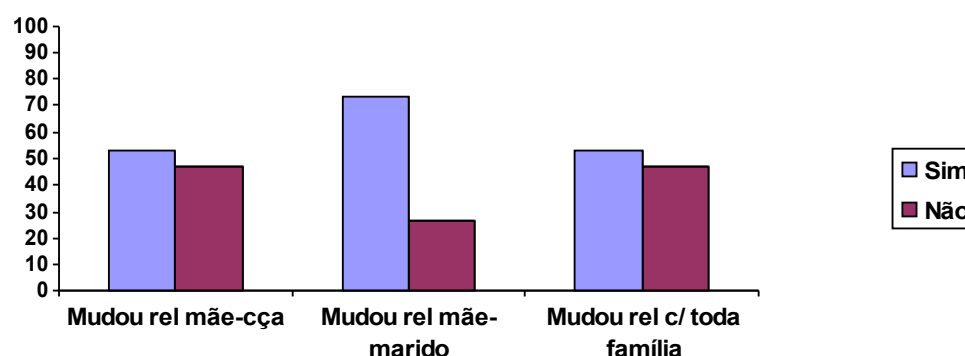


Figura 27: Mudanças Interacionais entre o grupo familiar após a violência sexual, por frequência relativa em grupo de mães (n=15).

REVELAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

A Figura 28 demonstra a pessoa para a qual a criança fez a revelação da violência. Conforme indica o gráfico, 66,67% das crianças revelaram para as mães estarem sendo vítimas de violência sexual por parte do pai; nenhuma das crianças fez a revelação para os irmãos; 13,33% delas contaram para a professora e 20% das crianças o fez para outras pessoas (Conselho Tutelar, tia, avó,...).

Estes dados estão em concordância com os estudos de (AZEVEDO; GUERRA, 2003, BRINO; WILLIAMS, 2005, FURNISS, 1993 e LANGBERG, 2002) sobre violência sexual intrafamiliar. Os autores afirmam que a mãe costuma ser a primeira pessoa para a qual a criança revela a violência, por ser tratar de uma figura de confiança e amparo para ela.

Os mesmos estudiosos complementam que, quando não há uma relação bem estabelecida entre mãe e criança, a revelação costuma ser feita para uma pessoa em quem ela confie, como avós, tios e professores, por exemplo, e ainda, se bem que menos

comum, diretamente ao Conselho Tutelar. Não parece usual que a criança denuncie o fato a desconhecidos.

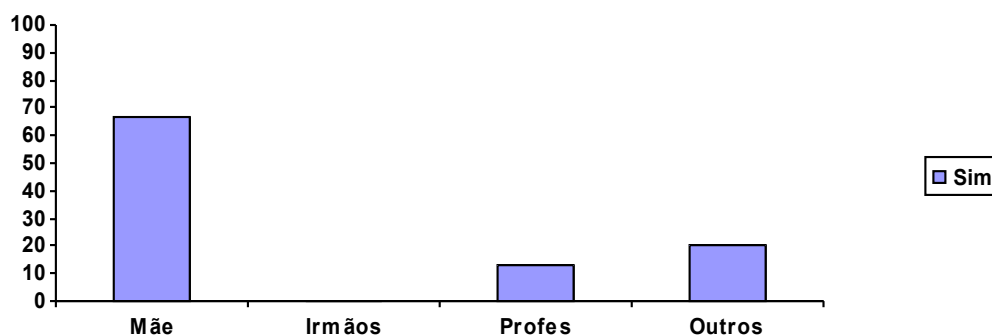


Figura 28: Figura Familiar escolhida pela criança para a revelação da violência sexual, por frequência relativa em grupo de mães (n=15).

REFERÊNCIAS

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, 1997. Disponível em: <http://www.abrapia.org.br>. Acesso em 22 jun. 2006.

ALVES, I. C. B.; ALCHIERI, J. C.; MARQUES, K. **Panorama Geral do Ensino das Técnicas de Exame Psicológico no Brasil**. In: *I Congresso de Psicologia Clínica -Programas e Resumos*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2001, p.10-11.

AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. **Alguns Aspectos Observados no Desenvolvimento de Crianças Vítimas de Abuso Sexual**. *Psicol. Reflex. Crít.*, 1998, vol. 11, nº 3, ISSN 0102-7972. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 29 jun. 2006.

ARAÚJO, M. F. **Violência e Abuso Sexual na Família**. Psicol. Estud., dez. 2002, vol 7, nº 2, ISSN 1413-7372. Disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em: 29 jun. 2006.

ARZENO, M. E. C. **Psicodiagnóstico Clínico: novas contribuições**. Porto Alegre; Artmed, 1995.

AVANCI, J.Q. et al. **Escala de Violência Psicológica contra Adolescentes**. Revista de Saúde Pública, 2005, vol. 39, n.5, São Paulo, ISSN 0034-8910. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 03 out. 2006.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. **Dossiê Diagnóstico**. Violência Sexual Doméstica Contra Crianças e Adolescentes. SP: USP, 2003.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. **Pele de Asno não é só Estória... um Estudo sobre a Vitimização Sexual de Crianças e Adolescentes em Família**. São Paulo: Editora Rocca, 1988.

BECKER, E. **Relatos e Retratos de um Convívio: Estudo Exploratório de Psicodinamismos em Famílias de Baixa Renda com um Integrante Portador de Síndrome de Down**. São Paulo, 1989. 184 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BORGES, L. A.; LOUREIRO, S. R. **O Desenho da Família como Instrumento de Avaliação Clínica de um Grupo de Crianças Encaminhadas para Atendimento Psicopedagógico**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. v.42, n.2, p.106-140, 1990.

BRINO, R. F.; KOLLER, S. H. **Desenvolvimento Humano e Redes de Apoio Social e Afetivo**. In: CARVALHO, A. M. (Org.). *O Mundo Social da Criança: Natureza e Cultura em Ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BRINO, R. F.; WILLIAMS, L. C. A. **Concepções da Professora Acerca do Abuso Sexual Infantil.** Cadernos de Pesquisa, 2002, 119, 113-128. Disponível em: <http://www.ufscar.br/%7ecech/laprev.htm>. Acesso em 05 jul. 2006.

BRINO, R. F.; WILLIAMS, L. C. A. **Prevenção Primária e Secundária do Abuso Sexual Infantil.** In: *Sobre Comportamento e Cognição*, ESETEC, vol. 16, 2005.

BUNCHRAFT, G. **Padronização do Teste Desiderativo no Contexto da Análise Transicional: Resultados Preliminares.** Psic.: Teoria e Pesquisa, 2001, vol. 17, n. 1, Brasília, ISSN 0102-3772. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 01 out. 2006.

BUSSAB, V. S. R. **Da Criança ao Adulto – o que faz do ser humano o que ele é?** In: CARVALHO, A. M. (Org.). *O Mundo Social da Criança: Natureza e Cultura em Ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CAMINHA, R. M. **Grupoterapia Cognitivo-Comportamental em Abuso Sexual Infantil.** In: *Sobre Comportamento e Cognição*, ESETEC, vol. 9, 2002.
CAMPOS, D. M. S. **O Teste do Desenho como Instrumento de Diagnóstico da Personalidade.** Petrópolis, Ed. Vozes, 2002.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. eds. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar.** 2 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

CFP – **Conselho Federal de Psicologia.** Disponível em <http://www.cfp.org.br>. Acesso em 07 mai. 2007.

CHARAM, I. **O Estupro e o Assédio Sexual: Como Não Ser a Próxima Vítima.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

COHEN, C. **O Incesto.** In: AZEVEDO, M. A. e GUERRA, V. N. A. (Orgs.). *Infância e Violência Doméstica: Fronteiras do Conhecimento* (p. 211-225). São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

COLE, M.; COLE, S. R. **Desenvolvimento da Criança e do Adolescente**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CORMAN, L. **O Teste do Desenho da Família**. São Paulo, Mestre Jou, 1979.

CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico R**, 4. ed. rev. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico V**, 5. ed. rev. - Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

DAY, V. P. **Violência Doméstica e suas Diferentes Manifestações**. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 2003, vol. 25, supl. 1, Porto Alegre, ISSN 0101-8108. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 01 out. 2006.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P **As Relações Maritais e sua Influência nas relações Parentais: Implicações para o Desenvolvimento da Criança**. In: *A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências Atuais e Perspectivas Futuras*. Porto Alegre: ARTMED, 2005. Cap. 7, p. 132-151.

DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. **Intervenção Precoce e Família: Contribuições do Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner**. In: *A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências Atuais e Perspectivas Futuras*. Porto Alegre: ARTMED, 2005. Cap. 8, p. 152-167.

DUARTE, J. C.; ARBOLEDA, M. R. C. **Sintomatologia, Avaliação e Tratamento do Abuso Sexual Infantil**. In: *Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente (Transtornos Gerais)*. São Paulo. Ed. Santos, 2005, cap10, p. 293-321.

FAÚNDES, A. et al. **Violência Sexual: Procedimentos Indicados e seus Resultados no Atendimento de Urgência de Mulheres Vítimas de Estupro**. Revista Brasileira de

Ginecologia e Obstetrícia, 2006, vol. 28, n. 2, Rio de Janeiro, ISSN 0100-7203.
Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 05 out. 2006.

FÉREZ-CARNEIRO, T. **O Papel da Família na Promoção da Saúde Mental.** Revista de Psicologia Hospitalar, v. 12, n. 2, p. 4-9, 1996.

FERREIRA, A., L. **Acompanhamento de Crianças Vítimas de Violência: Desafios para o Pediatra.** Jornal de Pediatria (RJ). 2005; 81 (5 Supl): S 173-S180.

FLORES, R. Z.; CAMINHA, R. M. **Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: Algumas Sugestões para Facilitar o Diagnóstico Correto.** Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 1994, 16, 158-167.

FRIEDRICH, W. **Behavioral Manifestations of Child Sexual Abuse.** Child Abuse and Neglect. Vol 22, no. 6, 1998.

FURNISS, T. **Abuso Sexual da Criança: Uma Abordagem Multidisciplinar.** Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
GRASSI-OLIVEIRA, R. et al. **Tradução e Validação de Conteúdo da Versão em Português do *Childhood Trauma Questionnaire*.** Revista de Saúde Pública, 2006, vol. 40, n. 2, São Paulo, ISSN 0034-8910. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 05 out. 2006.

GRUSPUN, H. **Distúrbios Neuróticos da Criança.** Atheneu, 1976.

HAMMER, E. F. **Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

HOFFMAN, M. S. **O Ciclo de Vida Familiar e a Mudança Descontínua.** In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M, eds. *As Mudanças no Ciclo de Vida familiar*. 2 ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. Cap. 4, p. 84-96.

KLEPSCH, M.; LOGIE, L. **Crianças Desenham e Comunicam**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LANGBERG, D. M. **Abuso Sexual: Aconselhando Vítimas**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Esperança, 2002.

MACEDO, R. M. S. **O Jovem e seu Mundo: Escola e Família**. In: OLIVEIRA, V. B.; BOSSA, N. A. (Orgs.). *Avaliação Psicológica do Adolescente*. Petrópolis, Vozes, 1998.

McGOLDRICK et al. **Genograms, Assesment and Intervention**. New York: Norton & Co, 1999.

MAGGI, A. **Teste do desenho em Cores da Família**. São Paulo, 1970. 64 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

MARINHO, M. L. **Orientação de Pais em Grupo: Intervenção Sobre Diferentes Queixas Comportamentais Infantis**. São Paulo, 1999, p.51. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

MEIRA, B. B. A.; VALLE, T. G. M. **Nível de Estresse das Acompanhantes de Pacientes Internados no Setor Pediátrico e os Aspectos Socioemocionais Inter-Relacionados**. In: *Psicologia da Saúde: Perspectivas Interdisciplinares*. São Carlos, ed. Rima, 2003.

MENEGHEL, S. et al. **Cotidiano Violento – Oficinas de Promoção em Saúde Mental em Porto Alegre**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 2000, vol. 5, nº 1, Rio de Janeiro, ISSN 1413-8123. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 04 out. 2006.

MINUCHIN, S. **Famílias – Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

MINUCHIN, S. **Families and Individual Development**. Child Development, 1985, v.56, p.289-302.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. C. **Técnicas de Terapia Familiar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

NORONHA, A. P. P. **Os Problemas mais Frequentes no uso dos Testes Psicológicos**. Psicol. Reflex. Crít., 2002, vol. 15, nº 1, Porto Alegre, ISSN 0102-7972. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 01 out. 2006.

NORONHA, A. P. P. et al. **Instrumentos de Avaliação mais Conhecidos / Utilizados por Psicólogos e Estudantes de Psicologia**. Psicol. Reflex. Crít., 2005, vol. 18, nº 3, Porto Alegre, ISSN 0102-7972. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 01 out. 2006.

NORONHA, A. P. P.; VENDRAMINI, C. M. M. **Parâmetros Psicométricos: Estudo Comparativo entre Testes de Inteligência e de Personalidade**. Psicol. Reflex. Crít., 2003, vol. 16, nº 1, Porto Alegre, ISSN 0102-7972. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 01 out. 2006.

OCAMPO, M. L. S. et al. **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, K. L. et al. **O Psicólogo Comportamental e a Utilização de Técnicas e Instrumentos Psicológicos**. Psicologia em Estudo, 2005, vol. 10, nº 1, Maringá, ISSN 1413-7372. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 02 out. 2006.

OTTA, E.; SOUZA, I. J. F. C. **Crianças Alfa e Crianças Ômega: um Estudo sobre Papéis Desempenhados num Grupo de Pré-escola**. In: *O Mundo Social da Criança: Natureza e Cultura em Ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PADILHA, M., G., S. **Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes: Considerações sobre os Fatores Antecedentes e sua Importância na Prevenção**. In: *Sobre Comportamento e Cognição*, ESETEC, vol. 10, 2002.

PADILHA, M. G. S.; GOMIDE, P. I. C. **Descrição de um Processo Terapêutico em Grupo para Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual**. Estudos de Psicologia, 2004, vol. 9, nº 1, Natal, ISSN 1413-2947. Disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 29 jun. 2006.

PADILHA, M., G., S.; WILLIAMS, L., C., A. **Concepções de Pais de Baixa Renda Acerca de Abuso Sexual contra Crianças.** In: *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a Variabilidade*, ESETEC, vol. 15, 2005.

PEÇANHA, D. L. **A Reciprocidade de Desenvolvimento entre a Criança com Asma e sua Família.** São Paulo, 1997. 155p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

PFEIFFER, L; SALVAGNI, E. P. **Visão Atual do Abuso Sexual na Infância e Adolescência.** *Jornal de Pediatria (RJ)*. 2005; 81 (5 Supl): S197-S204.

REICHEINHEIM, M. E.; MORAES, C. L. **Psychometric Properties of the Portuguese Version of the Conflict Tactics Scales: Parent-child Version (CTSPC) used to Identify Child Abuse.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2006, vol. 22, nº 3, Rio de Janeiro, ISSN 1516-4446. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 02 out. 2006.

RETONDO, M. F. N. G. **Manual Prático de Avaliação do HTP (Casa-Árvore-Pessoa) e Família.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SCHRAIBER, L. B. et al. **Violência Dói e não é Direito: a Violência contra a Mulher, a Saúde e os Direitos Humanos.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SCHEEFER, R. **Introdução aos Testes Psicológicos.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1968.

SILVARES, E. F. M. **Sexualidade na Infância: Quando e Como Intervir.** In: MARINHO, M. L. e CABALLO, V. E. (Orgs). *Psicologia da Saúde*, Londrina, Ed. UEL; Granada: APICSA, 2001.

SISTO, F. F. et al. **Estudo sobre a Unidimensionalidade do Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven.** Psicologia Reflexão e Crítica, 2006, vol. 19, nº1, Porto Alegre, ISSN 0102-7972. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 02 out. 2006.

SULLCA, T. F.; SCHIRMER, J. **Violência Intrafamiliar na Adolescência na Cidade de Puno – Peru.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2006, vol. 14, nº 4, Ribeirão Preto, ISSN 0104-1169. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 02 out. 2006.

TAVARES, M. **Estratégias Específicas em Entrevistas.** In: CUNHA, J. A. et al. In: CUNHA, J. A. et al. *Psicodiagnóstico V*, 5. ed. rev. - Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, cap. 8, p. 75-87.

VALLE, T. G. M. **Reciprocidade Sócio-Afetiva da Criança com Fissura Lábio-Palatal e sua Família.** São Paulo, 2000, 170p. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

VAN KOLCK, O. L. **Técnicas de Exame Psicológico e suas Aplicações no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

ZILBERMAN, M. L.; BLUME, S. B. **Domestic Violence, Alcohol and Substance Abuse.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2005, vol. 27, supl. 2, São Paulo, ISSN 0104-1169. Disponível em <http://www.bvs-psi.org.br>. Acesso em 02 out. 2006.

WECHSLER, S. M. (1999). **Guia de procedimentos éticos para a avaliação psicológica.** In: S. M. WECHSLER; R. S. L. GUZZO (Orgs.), *Avaliação Psicológica: Perspectiva Internacional* (p. 133-141). São Paulo: Casa do Psicólogo.

WILLIAMS, L. C. A. **Abuso Sexual Infantil.** In: *Sobre Comportamento e Cognição: Contribuição para a Construção da Teoria do Comportamento.* Santo André. Ed. ESETEC, 2002, vol. 7.

WOLFE, V. V. **Child Sexual Abuse**. In: G. MASH; R. BARKLEY, *Treatment of Childhood Disorders*. New York: The Guilford Press, 1998

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

Responsável pela criança _____,
concordo em participar da pesquisa: “RELAÇÕES FAMILIARES PÓS VIOLÊNCIA SEXUAL DO PAI CONTRA A FILHA.”, e como responsável pela criança autorizo também a participação dela na mesma pesquisa, referente ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, nível de Mestrado, do

Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru. A pesquisadora, Silvia Cavalcante Vicentin, RG 5964044-5, se compromete a utilizar os dados apenas para fins de pesquisa e trabalhos científicos (incluindo a publicação dos dados), sendo todos os dados de identificação mantidos em sigilo. Os participantes poderão desistir da pesquisa a qualquer momento que desejarem.

Bauru, ____/____/____

Assinatura do responsável

Pesquisadora: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Ficha de Identificação	Nº. _____
Dados pessoais:	
Nome:	Data da aplicação:
Sexo:	Data de nascimento:
Local:	Idade:
Nome da mãe:	Idade:
Profissão:	Grau de instrução:
Constelação familiar dos filhos:	

Nome	○	○	○	○	○	○
Idade	—	—	—	—	—	—
Escolaridade	—	—	—	—	—	—

APÊNDICE C

QUADRO REFERENCIAL PARA ANÁLISE DO TDCF

(Baseado em BECKER, 1989, BORGES; LOUREIRO, 1990, CORMAN, 1979, CUNHA, 2003, MAGGI, 1970, RETONDO, 2000 e VALLE, 2000)

Variáveis	(x)	Interpretação
1. Tamanho das figuras		
- Maior: uma ou mais figuras em relação às demais.		- Dominância e/ou valorização das figuras maiores sobre as outras.
- Igual: a fig. E, como o de outro, ou de outras.		- Competição; identificação.
- Menor: a fig. E, em relação aos outros.		- Baixa auto-estima; sentimento de inferioridade.
2. Seqüência de figuras		
- Fig E em primeiro lugar (fora da situação real).		- Liderança; sentimento de superioridade; desejo de ser valorizado.

- Fig. E em último lugar (fora da situação real).		- Sentimento de inferioridade; baixa auto-estima.
- Invertida (iniciando pela criança de menor idade até alcançar às figuras dos pais).		- Desejo de ser valorizado e de ser o centro de atenção.
3. Posição das figuras entre si		
- Distanciamento (entre figuras).		- Desunião; dificuldade na comunicação; distanciamento emocional.
- Distanciamento da fig. E, das outras.		- Sentimento de exclusão; de rejeição ou discriminação, dificuldade de interação.
- Aproximação da fig. E de uma ou várias delas.		- Necessidade de apoio; de identificação ou dependência.
- Figuras ligadas (dando-se as mãos, ou linhas que as unem).		- Interdependência; falta de liberdade individual; isolamento grupal.
4. Omissões		
- De figuras essenciais (pais e irmãos).		- Conflitos; sentimento de rivalidade.
- Da própria fig E.		- Baixa auto-estima; Sentimento de ser excluído; rejeitado; fuga de situações problemáticas.
- Partes do corpo (na fig. E, e/ou em outras).		- Conflito em relação à parte omitida; dificuldade de relacionamento; receio em encarar a problemática.
5. Posição na Página		
- Parte superior.		- Expressão de fantasias; sentimento de poder.

- Parte superior.		- Expressão de fantasias; sentimento de poder.
- Parte inferior.		- Depressão; insegurança; sentimento de inferioridade.
- Parte direita.		- Extroversão; socialização.
- Parte esquerda.		- Introversão; inibição.
- Posição central.		- Valorização da pessoa ou grupo representado; segurança; equilíbrio.
- Colocação estranha (ex: no verso, flutuando).		- Tensão; conflito; sentimento de inadequação, imaturidade.
6. Barreiras		
- Figuras circunscritas em círculos; quadrados ou outro tipo de separação.		- Bloqueios; afastamento ou isolamento.
7. Inclusão de outros elementos		

- Animais; brinquedos; casas; paisagens; etc...		- (Interpretação referida às condições do E/ e da situação familiar).
- Linha de apoio na base das figuras.		- Insegurança.
8. Sombreados, rasuras e rabiscos		
- Em determinadas figuras.		- Conflito ou desejo de afastamento das pessoas representadas.
9. Ordem no desenhar das figuras		
- Primeira figura (fig envolvida na problemática).		- Valorização da pessoa representada; desejo de ser o primeiro; desejo de denúncia do problema.
- Última figura.		- Desvalorização ou conflito com a pessoa representada.
10. Ênfases especiais		
- Destaque na decoração ou nos detalhes de alguma(s) figura(s).		- Valorização.
- Destaque da fig E.		- Auto-suficiência; egocentrismo; desejo de ser valorizado.
- Exclusão da fig E.		- Sentimento de isolamento; de rejeição e/ou de inadequação.
- Desenho descuidado de determinadas figuras.		- Desvalorização da figura mal desenhada.
11. Qualidades do grafismo		
- Pressão dos traços: - forte - débil		- Expansão vital; impulsos expressivos. - Inibição da expressão vital.
- Consistência no traço.		- Energia e vitalidade.
- Linha grossa.		- Energia; auto-confiança ou agressividade e hostilidade ao meio.
- Linha fina.		- Insegurança; timidez; falta de auto-confiança.
- Traço contínuo.		- Decisão e auto-afirmação.
- Avanços e recuos no traçado.		- Ansiedade; insegurança; emotividade.
- Traço trêmulo.		- Medo e insegurança.
12. Elaboração das figuras		
- Estrutura semelhante entre as figuras (no todo).		- Dificuldade na identidade pessoal; precária individualidade.
- Estrutura diferente entre as figuras (no todo ou em função do sexo).		- Identidade pessoal.
- Estrutura semelhante nas figuras paternas e nas fraternas.		- Distanciamento entre os subsistemas, maternos e fraternos.
13. Colorido		

- Apenas a fig E.		- Valorização da figura E.
- Cor diferente de uma figura em relação às demais.		- Determinação; valorização da figura correspondente.
- Cores semelhantes nas figuras. Paternas e fraternas (diferentes entre ambos os grupos).		- Diferenciação dos subsistemas da família.
- Cores semelhantes nas figuras do próprio sexo.		- Diferenciação sexual (separação por sexo: mãe e filha; pai e filho).
- Cores preferidas (utilizadas).		- Valorização.
- Cores rejeitadas (utilizadas).		- Desvalorização.
- Cores semelhantes nas figuras envolvidas com o problema.		- Conflito.

APÊNDICE D
ROTEIRO DE CRITÉRIOS OBJETIVOS DO TDCF EM FUNÇÃO DAS
DIMENSÕES INTERACIONAIS DA FAMÍLIA
(Baseado em VALLE, 2000)

1 – COMUNICAÇÃO (Questões 5,6,17,18,19,20,21,24 e 25)

1.1- Inadequada

Desenho: distanciamento entre as figuras, distanciamento da figura E. das demais figuras, figuras separadas por algum elemento (incluindo figura E.), figura E. abaixo ou acima das demais, figura E. não colorida, todas as figuras não coloridas.

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela isolamento, brigas, rivalidade, competição.

1.2– Sem problemas: os indicadores acima não aparecem.

2 – REGRAS (Questões 3,4,7,8 e 21)

2.1 – Autoritárias

Desenho: figura é desenhada em primeiro lugar, porém, bem diferenciada das demais (maior, destaque da figura), associado à resposta que indique imposição de normas sobre os demais.

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela autoritarismo, imposição da vontade de um sobre os demais.

2.2 – Omissas: respostas indicam que não há punição por parte dos pais, quando necessário, ou muita permissividade na família.

2.3 – Sem problemas: os indicadores acima não aparecem.

3 – PAPÉIS (Questões 2,6,17,18,19,20 e 21)

3.1 – Indiferenciados

Desenho: figuras desenhadas com o mesmo tamanho, mesmas vestimentas, mesmas cores.

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela imprecisão em todos os subsistemas (conjugal, parental, fraternal, filial).

3.2 – Sem problemas: os indicadores acima não aparecem.

4 – LIDERANÇA (Questões 3,6,7,8 e 21)

Desenho: figura do pai, da mãe, do pai e da mãe juntos, de outros, é desenhada em tamanho maior que as demais, acima das demais ou em posição central em relação às demais.

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela se há precisão ou imprecisão no subsistema conjugal (pai e mãe), e também se há imprecisão no subsistema parental (se a figura de liderança é outra, que não os pais, como um dos filhos, por exemplo).

5 – CONFLITOS (Questões 2,5,9,10,11,12,13,14,15 e 16)

5.1 – Presentes e sem busca de solução

Desenho: omissão da figura E. ou de outras figuras essenciais na família, omissão da figura envolvida com a problemática, omissão de partes essenciais do corpo da figura E., vários ensaios, auto-localização, rasuras.

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela que os conflitos não convergem para a busca de solução.

5.2 – Quando os indicadores acima não aparecem, indica enfrentamento da família na busca de soluções para os conflitos.

6 – AGRESSIVIDADE (Questões 5,12,18, e 20)

6.1 – Destrutiva

Desenho: figuras desenhadas com indicação de agressão à outra figura, rabiscos, rasuras, correções de forma intensa, pressão nos traços, rasgos no papel, figura E. ou demais não coloridas (associadas a respostas do questionário).

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela agressividade voltada para destrutividade.

6.2 – Sem problemas: os indicadores acima não aparecem.

7 – AFEIÇÃO (Questões 9,10,11,12,13,14,15,16,22,26 e 27)

7.1 – Figura preferida pelo examinando

Desenho: figura colorida com a cor preferida do sujeito, figura apresenta destaques, decoração, retoques, figuras de mãos dadas com outras.

Questionário: quando as respostas indicam alguma das características acima, voltadas para as figuras: E., mãe, pai, criança, irmãos, todos, outros.

7.2 – Figura rejeitada pelo examinando

Desenho: figura colorida com a cor rejeitada pelo sujeito, desenho descuidado, mal elaborado.

8 – INDIVIDUAÇÃO (Questões 1,2,22,24 e 25)

8.1 – Presente

Desenho: figura E. desenhada e/ou identificada pelo nome ou como membro da família, figuras essenciais identificadas, semelhanças ou diferenças no estilo e forma das figuras desenhadas (focalizando o sexo das figuras ou os subsistemas).

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela a presença dos diferentes membros da família como independentes. Indica também que existe aceitação e respeito à individualidade e às diferenças de cada membro.

8.2 – Dificultada

Não há distinção entre os membros da família, sujeito não nomeia ou identifica, no desenho, cada membro, a família aparece em “bloco”, sem distinção entre as pessoas.

9 – INTEGRAÇÃO (Questões 1,3,4,5,6,9,12,23,24,25 e 27)

9.1 – Não Gratificante

Desenho: figuras aparecem distanciadas, com a cor rejeitada pela figura E., rasuradas, mal desenhadas, presença de omissões de figuras ou figuras desenhadas com barreiras (separação entre elas).

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela desconforto de um ou mais membros, isolamento, brigas.

9.2 – Gratificante: os indicadores acima não aparecem.

10 – AUTO-ESTIMA (Questões 3,4,9,10,11,12,22,26 e 27)

10.1 – Baixa

Desenho: figura E. distanciada das demais, desproporcional às demais, mal desenhada, colorida com a cor rejeitada, não colorida, omissão da figura E., figura E. com deformações, rabiscos, rasuras, vários ensaios.

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela baixo auto-apreço por parte do sujeito e sentimentos de desvalorização e rejeição.

10.2 – Alta

Desenho: figura E. é bem decorada, colorida com a cor preferida, expressão de rosto sugere sentimentos positivos, desenhada em primeiro lugar.

Questionário: quando as respostas envolvem alguma das características acima, revela auto-apreço por parte do sujeito, aceitação de si mesmo, valorização.

APÊNDICE E

ROTEIRO DA ENTREVISTA

(Baseado em AZEVEDO; GUERRA, 2003).

DADOS PESSOAIS

DATA:

Nome:

Idade:

Local de nascimento:

Instrução:

Profissão:

Outros dados:

História de Vida

- A.** Como era sua família de origem? Seu pai, mãe, irmãos? Como era a disciplina em casa? Você apanhava? Por que? Você tinha amigos? Você trabalhava em casa? E fora de casa? Quando começou a trabalhar fora? Se pudesse você voltaria à sua infância? Por quê? Como foi sua adolescência? Que sonhos você tinha? Com que idade começou a namorar? Como foram os namoros? Você se casou (ou amigou)? Quantas vezes?
- B.** Você sofreu algum tipo de violência sexual na infância? Como foi? Quem foi? O que você sentiu? Alguém a ajudou? Quem? Alguém a condenou? Quem? A quem você contou? Comente.

PARTE II

Sua Família

- A.** Como é sua família? Como é cada pessoa de sua família? Os meninos e as meninas da sua família são tratados da mesma forma? Têm as mesmas responsabilidades? O que é um dia típico da vida da sua família?
- B.** Como é o seu companheiro atual? O que você acha dele? Se você pudesse voltar atrás, voltaria a viver com ele? Por quê?
- C.** Como vocês lidam com problemas de sexualidade na família? Vocês se abraçam e beijam? Vocês ficam nus na frente das crianças? A maneira como vocês lidam com a sexualidade é diferente de como seus pais lidavam com a questão? Por quê?

PARTE III

A Violência Sexual

- A.** Como você ficou sabendo da violência sexual? Quem contou a você? Quando? Como? O que foi dito? Quem abusou? Que idade tem ele? Como foi a violência sexual? Quando ocorreu? Com que frequência? Onde você estava quando isso ocorria? De quem você acha que foi a principal responsabilidade pelo que ocorreu? Por quê?

PARTE IV

A Revelação da Violência Sexual

- A.** Quais foram as suas reações quando você soube? Você teve dúvidas? Você teve dificuldade para falar com seu (sua) filho (a) sobre isso? Como você fez? E com seu companheiro (marido)? Como você poderia descrever o que você sentiu? Com quem você falou sobre isso fora da família?
- B.** Qual foi a reação de seu companheiro? O que ele disse? Você acreditou nele? Por quê?
- C.** Qual foi a reação de seu (s) filho (s) ou sua (s) filha (s) vitimizado (a) (s)? E dos outros filhos? E o que você sentiu com relação a cada um deles? Você acreditou nas crianças? Por quê?

PARTE V

Os Efeitos da Revelação da Violência Sexual

- A.** Qual o efeito da revelação da violência em relação a você e em relação a você e:
- seu companheiro?
 - seu (sua)s filho (a)s vitimizado (a)s?
 - as outras crianças?
 - Você mudou? Como mãe? Como esposa? Como mulher? Em que sentido?
- B.** Quais são seus sentimentos agora, sobre você, suas crianças - especialmente vitimizada (s), seu companheiro? Quais são seus planos de futuro? Como pretende executá-los?

- C. Qual foi a principal lição que você aprendeu? O que diria a outras mães não só para parar, mas principalmente, para prevenir a violência sexual de crianças e adolescentes no lar?

APÊNDICE F

CASO MODELO

1. Ficha de Identificação Criança
2. Desenho Criança
3. Questionário do TDCF Criança
4. Formulário de Observação do Comportamento do Examinando no TDCF Criança
5. Quadro Referencial para Análise do TDCF Criança
6. Relato Integrativo do TDCF e do Questionário Criança
7. Relatório Fundamentado na Teoria Sistêmica Criança e Mãe
8. Ficha de Identificação Mãe
9. Desenho Mãe
10. Questionário do TDCF Mãe
11. Formulário de Observação do Comportamento do Examinando no TDCF Mãe

- 12. Quadro Referencial para Análise do TDCF Mãe
- 13. Relato Integrativo do TDCF e do Questionário Mãe
- 14. Roteiro da Entrevista de Anamnese Mãe

1. Ficha de Identificação Criança

TDCF

Ficha de Identificação		Nº. _____
Dados pessoais:		
Nome: XXXX	Data da aplicação: 10/02/06.	
Sexo: Feminino.	Data de nascimento: 25/05/95.	
Local: Programa Sentinela.	Idade: 10 anos.	
Nome da mãe: XXXX	Idade: 37 anos.	

Profissão: Do lar.

Grau de instrução: 4^a. série.

Constelação familiar dos irmãos:

Nome	X	X	X
Sexo	F	F	M
Idade	8	7	4

2. Desenho Criança

3.Aspectos formais do desenho da criança:

TDCF – Formulário: observação do comportamento da criança no TDCF (desenho e questionário)

Aspectos formais do desenho:

desenhos itens	Cça	Pai	Mãe	1°. irmão(ã)	2°. irmão(ã)	3°. irmão(ã)	4°. irmão(ã)	Outros
Ordem: 1ª. e última figuras.	3	1	2	4	5	6		
R. C.: retocagem, complementação.								
V. E.: vários								

ensaios.								
R.: rabiscação.								

- (**X**) Cumprimento das ordens (desenha uma família, colore, responde às perguntas do questionário).
- (**X**) Insegurança (formula questões, como: “não sei fazer”, “está bom?”, “o que faço agora?”, fica parado esperando apoio...).
- (**X**) Inibição (mantém a cabeça baixa, evita o contato de olho a olho com o aplicador, esconde o desenho entre os braços, responde por monossílabos ou frases curtas...).
- () Cooperação (realiza a tarefa prontamente, interessa-se por ela, sente-se á vontade, faz comentários sobre o que realiza...).
- () Agitação (não para quieta, não permanece na realização do teste...).
- () Desmotivação (faz comentário como: “não quero fazer”, “quero ir embora”, “estou com preguiça”, trabalha mecanicamente...).
- () Dispersão (distraindo-se com barulho fora do local de aplicação da prova, para de realizá-la para fazer perguntas não pertinentes, manifesta-se alheia...).
- () Dependência (pergunta pelo(a) acompanhante – pai, mãe ou outra pessoa – quer ver onde se encontra...).

3. Questionário do TDCF Criança

TDCF – Questionário

Nome: _____

Data: _____

1. Quem são estes, na família? (pai, mãe, - apontar uma a uma as figuras desenhadas, da esquerda para a direita).
Pai, mãe, eu, minhas duas irmãs e o meu irmão.
2. Está faltando alguém nesta família? Se a resposta for sim, perguntar: quem?
Não.
3. Porque você desenhou primeiro esta figura? (apontar a primeira, da esquerda para a direita).
Porque foi o primeiro que me veio na cabeça (pai).

4. Porque você desenhou por último esta figura? (apontar a última da esquerda para a direita)
Porque é o mais novo (irmão).
5. Como eles se dão?
Bem.
6. O que eles estão fazendo?
A irmã de 6 anos está com saudades (do pai) e a de 8 anos está com raiva (da X), o menor tem saudade.
7. Eles têm lugar certo para comer, dormir ou assistir televisão?
Para comer tem horário, para dormir também e para ver TV também.
8. Eles têm horário para fazer as tarefas em casa?
Tem horário.
9. Qual deles você gosta mais?
Mãe.
10. Qual parte do corpo que você gosta mais dele(a)? (apontando a figura escolhida).
Olho.
11. Qual parte do corpo que você gosta menos dele(a)? (apontando a figura escolhida).
Cabelo.
12. Qual deles(as) você gosta menos? **Pai.**
13. De quem o papai gosta mais?
Do meu irmãozinho.
14. De quem o papai gosta menos?
De mim.
15. De quem a mamãe gosta mais?
De mim.
16. De quem a mamãe gosta menos?
Não sei.
17. O que o papai faz, quando uma das crianças faz tudo certinho?
Nada..., ele dizia que eu nunca ia ser nada na vida.

18. O que o papai faz, quando uma das crianças faz alguma coisa errada?
Batia.
19. O que a mamãe faz, quando uma das crianças faz tudo certinho?
Ela elogia e diz que gosta de mim.
20. O que a mamãe faz, quando uma das crianças faz alguma coisa errada?
Só conversa.
21. Quando o papai e a mamãe estão em casa e as crianças querem sair, para quem elas pedem permissão? **Para mãe, mas ela mandava ir pedir para o pai.**
22. Destas pessoas que você desenhou, qual delas parece mais com você? **Mãe.**
23. Ele(a) (apontando a figura Ego) ficou alguma vez sozinho(a) em casa? **Sim, pq. Todos vão para escola e os meus pais vão trabalhar.**
24. Se ele(a) (apontando para a figura Ego) tivesse alguma coisa importante para dizer, a quem contaria? (apontar uma a uma as figuras desenhadas, fora a figura Ego). **Mãe.**
25. Por que ele(a) (apontando para a figura Ego) está longe ou perto do papai ou da mamãe? (abordando a proximidade ou distanciamento entre as figuras desenhadas). **Porque a gente nunca se deu bem (ela e o pai).**
26. Qual destas cores você gosta mais? (apontando). **Vermelho.**
27. Qual destas cores você gosta menos? (apontando). **Verde.**

4. Quadro Referencial para Análise do TDCF Criança

TDCF – Quadro referencial para análise.

Variáveis	(x)	Interpretação
1. Tamanho das figuras		
- Maior: uma ou mais figuras em relação às demais.	X	- Dominância e/ou valorização das figuras maiores sobre as outras.
- Igual: a fig. E, como o de outro, ou de outras.		- Competição; identificação.
- Menor: a fig. E, em relação aos outros.		- Baixa auto-estima; sentimento de inferioridade.
2. Sequência de figuras		

- Fig E em primeiro lugar (fora da situação real).		- Liderança; sentimento de superioridade; desejo de ser valorizado.
- Fig. E em último lugar (fora da situação real).		- Sentimento de inferioridade; baixa auto-estima.
- Invertida (iniciando pela criança de menor idade até alcançar às figuras dos pais).		- Desejo de ser valorizado e de ser o centro de atenção.
3. Posição das figuras entre si		
- Distanciamento (entre figuras).	X	- Desunião; dificuldade na comunicação; distanciamento emocional.
- Distanciamento da fig. E, das outras.		- Sentimento de exclusão; de rejeição ou discriminação, dificuldade de interação.
- Aproximação da fig. E de uma ou várias delas.		- Necessidade de apoio; de identificação ou dependência.
- Figuras ligadas (dando-se as mãos, ou linhas que as unem).		- Interdependência; falta de liberdade individual; isolamento grupal.
4. Omissões		
- De figuras essenciais (pais e irmãos).		- Conflitos: sentimento de rivalidade; ciúmes das figuras omitidas.
- Da própria fig E.		- Sentimento de ser excluído; rejeitado; não receber afeto dos demais.
- Partes do corpo (na fig. E, e/ou em outras).	X	- Conflito em relação à parte omitida; dificuldade de relacionamento; receio em encarar a problemática.
5. Posição na página		
- Parte superior.		- Expressão de fantasias; sentimento de poder.
- Parte inferior.		- Depressão; insegurança; sentimento de inferioridade.
- Parte direita.		- Extroversão; socialização.
- Parte esquerda.		- Introversão; inibição.
- Posição central.	X	- Valorização da pessoa representada; segurança; equilíbrio.
- Colocação estranha (ex: no verso, flutuando).		- Tensão; conflito; sentimento de inadequação, imaturidade.
6. Barreiras		
- Figuras circunscritas em círculos; quadrados ou outro tipo de separação.		- Bloqueios; afastamento ou isolamento.
7. Inclusão de outros elementos		

- Animais; brinquedos; casas; paisagens; etc...		- (Interpretação referida às condições do E/ e da situação familiar).
- Linha de apoio na base das figuras.		- Insegurança.
8. Sombreados, rasguras e rabiscos		
- Em determinadas figuras.		- Conflito ou desejo de afastamento das pessoas representadas.
9. Ordem no desenhar das figuras		
- Primeira figura (fig envolvida na problemática).		- Valorização da pessoa representada; desejo de ser o primeiro; desejo de denúncia do problema).
- Última figura.	X	- Desvalorização ou conflito com a pessoa representada.
10. Ênfases especiais		
- Destaque na decoração ou nos detalhes de alguma(s) figura(s).		- Valorização.
- Destaque da fig E.		- Auto-suficiência; egocentrismo; desejo de ser valorizado.
- Exclusão da fig E.		- Sentimento de isolamento; de rejeição e/ou de inadequação.
- Desenho descuidado de determinadas figuras.		- Desvalorização da figura mal desenhada.
11. Qualidades do grafismo		
- Pressão dos traços: - forte - débil		- Expansão vital; impulsos expressivos. - Inibição da expressão vital.
- Consistência no traço.		- Energia e vitalidade.
- Linha grossa.		- Energia; auto-confiança ou agressividade e hostilidade ao meio.
- Linha fina.	X	- Insegurança; timidez; falta de auto-confiança.
- Traço contínuo.		- Decisão e auto-afirmação.
- Avanços e recuos no traçado.	X	- Ansiedade; insegurança; emotividade.
- Traço trêmulo.		- Medo e insegurança.
12. Elaboração das figuras		
- Estrutura semelhante entre as figuras (no todo).		- Dificuldade na identidade pessoal; precária individualidade.
- Estrutura diferente entre as figuras (no todo)	X	- Identidade pessoal.

ou em função do sexo).		
- Estrutura semelhante nas figuras paternas e nas fraternas.		- Distanciamento entre os subsistemas, maternos e fraternos.
13. Colorido		
- Apenas a fig E.		- Valorização da figura E.
- Cor diferente de uma figura em relação às demais.		- Determinação; valorização da figura correspondente.
- Cores semelhantes nas figuras. Paternas e fraternas (diferentes entre ambos os grupos).		- Diferenciação dos subsistemas da família.
- Cores semelhantes nas figuras do próprio sexo.		- Diferenciação sexual (separação por sexo: mãe e filha; pai e filho).
- Cores preferidas (utilizadas).	X	- Valorização.
- Cores rejeitadas (utilizadas).	X	- Desvalorização.
- Cores semelhantes nas figuras envolvidas com o problema.		- Conflito.

6. Relato Integrativo do TDCF e do Questionário Criança

DÍADE 8:

Criança:

A percepção que a criança manifestou de seu ambiente familiar, por meio do desenho realizado, demonstra de forma bastante clara a problemática vivenciada por X e por toda a família, quando percebe-se: ela e a mãe chorando, os membros da família distanciados entre si e o pai representado de uma forma “caricata”, desenhado como uma figura de um monstro (dentes pontiagudos, olhos alongados, sombrancelhas inclinadas, diferente dos demais da família).

O pai é o primeiro a ser desenhado, mas, ao término do desenho de todo o grupo familiar, ele fica por último, projetando os outros membros acima e à frente da figura do pai. X deixa claro que se sente rejeitada pelo pai (Q: 14), e que entendia o papel do pai no grupo familiar como alguém que exercia domínio sobre os filhos e a esposa (Q: 21; D: 1), relacionando-o, portanto, com uma figura que trazia tensão e conflito para a

família (Q: 13 e 25; D: 5 e 9). X denotou também se sentir inferiorizada, rebaixada pelo pai, que pareceu criticá-la com uma frequência que a incomodava, fazendo com que se sentisse desvalorizada dentro e fora do grupo familiar (Q: 17; D: 13).

Ela e a mãe aparecem mais próximas ao pai do que o restante da família, ambas chorando, tornando bem característico quem são as pessoas da família que X avalia estarem mais envolvidas na problemática, e, além disso, em sofrimento com a situação. X parece estabelecer um bom vínculo com a mãe, relacionando-a com uma figura de proteção, amor e confiança (Q: 9, 15, 19 e 24), fato pouco comum para outras crianças, o que é muito saudável e pode ajudá-la a superar com mais tranquilidade o momento que está vivenciando.

Quanto aos três irmãos, X parece tentar excluí-los da problemática, desenhando-lhes mais afastados, alegres e sorridentes. Porém, isso pode estar relacionado a uma percepção equivocada da criança em relação aos irmãos, ou esquiva em sentir-se culpada pelo afastamento do pai do lar (Q: 6; D: 3), podendo causar dificuldades no relacionamento familiar (D: 4).

Apesar de ainda conservar características importantes para um bom desenvolvimento, como valorização de si mesma (D: 13), X demonstra estar bastante abalada com a situação, o que pode dificultar a identidade pessoal e comprometer a individualidade da criança, causando conflitos (D: 12 e 13), se não for bem estabelecido o apoio da família para esse momento delicado pelo qual vem passando.

7. Relatório Fundamentado na Teoria Sistêmica Criança e Mãe

DÍADE 8:

RELATÓRIO FUNDAMENTADO NA TEORIA SISTÊMICA:

Por meio dos recursos utilizados para a avaliação deste grupo familiar, pode-se perceber algumas dificuldades, principalmente no referente à **comunicação** da família e à maneira como vêm se articulando os **papéis** de cada membro do grupo, após a saída do pai de casa.

Parece que a família necessita melhorar a **comunicação**, principalmente no que se refere à exposição dos sentimentos relativos à problemática envolvendo o pai e a

criança (Q: 6). Neste sentido, parece que somente a mãe e a criança “alvo” do problema têm tentado fazê-lo (Q: 24 e 25).

A família tem também demonstrado que há dificuldade em lidar com o fato de o pai ter “extrapolado” seu **papel** no referente ao seu comportamento com a filha (Q: 6). O fato pode estar relacionado também com o **papel** autoritário que ele parecia exercer no grupo familiar (Q: 17 e 18).

Em detrimento disto, os **conflitos** expressos através do instrumento demonstram ter sempre relação com o agressor (Q: 2), tanto relacionado à violência com a criança, quanto relacionado ao fato de a família ter que se reorganizar com a saída dele do lar. A mãe demonstra dificuldade em exercer a **liderança** do grupo (Q: 3), que ficava por conta do pai, mesmo fazendo de forma inadequada. As **regras**, importantes para o bom funcionamento da família, também ficavam por conta do pai (Q: 17, 18 e 21), e aparentemente eram autoritárias e inadequadas.

Como consequência, a mãe demonstra, através do instrumento, desejo encoberto de que o pai ainda estivesse integrado ao grupo (Q: 3), e parece que todo o grupo tem tido dificuldade na **integração** após a saída do pai do lar (Q: 6), demonstrando haver uma relação mais hierárquica do que afetiva entre o grupo (Q: 4 e 25). Disto decorre que a **afeição**, neste grupo, pareça insatisfatória, demonstrando estar mais voltada a alguns membros do grupo que a outros (Q: 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 22).

A família não demonstrou problemas relativos à **agressividade**, parecendo que era um comportamento mais relacionado ao pai (Q: 17 e 18).

A **individação** não parece expressiva pelos membros do grupo familiar (Q: 6 e 21), que demonstra valorizar pouco os aspectos relacionados à **auto-estima** (Q: 14, 16, 17), incluindo auto-imagem, competência e sentimento de pertencimento.

Em resumo, a análise deste grupo familiar indicou dificuldade na maneira como vêm se reorganizando após a saída do pai de casa, principalmente em relação à comunicação, à liderança e aos papéis de cada membro do grupo. Isso compromete a integração grupal e faz com que pobres padrões de afeição sejam vivenciados pela família.

8. Ficha de Identificação Mãe**TDCF**

Ficha de Identificação	Nº. _____
Dados pessoais:	
Nome: XXXX	Data da aplicação: 10/02/06.
Sexo: Feminino.	Data de nascimento:
07/05/68.	

Local: Programa Sentinela

Idade: 37 anos.

Profissão: Do lar.

Grau de instrução: 6^a. incomp.

Constelação familiar dos filhos:

Nome	X	X	X	X
Sexo	F	F	F	M
Idade	10	8	7	4

9. Desenho Mãe

10. Questionário do TDCF Mãe

TDCF – Questionário

Nome: _____

Data: _____

1. Quem são estes, na família? (pai, mãe, - apontar uma a uma as figuras desenhadas, da esquerda para a direita).
Pai das crianças, T. (filho), eu, M. (filha), o tio deles (G. – irmão do marido), E. e X. (filhas)
2. Está faltando alguém nesta família? Se a resposta for sim, perguntar: quem?
Não.
3. Porque você desenhou primeiro esta figura? (apontar a primeira, da esquerda para a direita).
Porque ele está se despedindo (marido).

4. Porque você desenhou por último esta figura? (apontar a última da esquerda para a direita)
Porque ela é maior, eu coloquei ela em cima (X).
5. Como eles se dão?
Bem.
6. O que eles estão fazendo?
X e E. estão brincando, eu observando, o pai se despedindo do T. e meu cunhado brincando com a M.
7. Eles têm lugar certo para comer, dormir ou assistir televisão?
Não tem lugar para comer e nem horário. Mas para o resto tem.
8. Eles têm horário para fazer as tarefas em casa?
Quando chega da escola.
9. Qual deles você gosta mais?
Não tem.
10. Qual parte do corpo que você gosta mais dele(a)? (apontando a figura escolhida).
*** Não tem preferido.**
11. Qual parte do corpo que você gosta menos dele(a)? (apontando a figura escolhida).
*** Não tem preferido.**
12. Qual deles(as) você gosta menos?
Do marido.
13. De quem o papai gosta mais?
Da M.
14. De quem o papai gosta menos?
Da X.
15. De quem a mamãe gosta mais?
Não tem.
16. De quem a mamãe gosta menos?
Não tem.

17. O que o papai faz, quando uma das crianças faz tudo certinho?

Não falava nada.

18. O que o papai faz, quando uma das crianças faz alguma coisa errada?

Ele brigava, batia.

19. O que a mamãe faz, quando uma das crianças faz tudo certinho?

Elogia.

20. O que a mamãe faz, quando uma das crianças faz alguma coisa errada?

Conversa.

21. Quando o papai e a mamãe estão em casa e as crianças querem sair, para quem elas pedem permissão? **Para a mãe.**

22. Destas pessoas que você desenhou, qual delas parece mais com você? **X.**

23. Se ele(a) (apontando para a figura Ego) tivesse alguma coisa importante para dizer, a quem contaria? (apontar uma a uma as figuras desenhadas, fora a figura Ego). **X.**

24. Por que ele(a) (apontando para a figura Ego) está longe ou perto do papai ou da mamãe? **Não sei dizer (distância da filha).**

25. Qual destas cores você gosta mais? (apontando). **Verde.**

26. Qual destas cores você gosta menos? (apontando). **Vermelho.**

11.Aspectos formais do desenho:

TDCF – Formulário: observação do comportamento da criança no TDCF (desenho e questionário)

Aspectos formais do desenho:

desenhos itens	Cça	Pai	Mãe	1º. irmão(ã)	2º. irmão(ã)	3º. irmão(ã)	4º. irmão(ã)	Outros
Ordem: 1ª. e última figuras.	7	1	3		4	6	2	5
R. C.: retocagem, complementação.								

V. E.: vários ensaios.								
R.: rabiscação.								

- (**X**) Cumprimento das ordens (desenha uma família, colore, responde às perguntas do questionário).
- (**X**) Insegurança (formula questões, como: “não sei fazer”, “está bom?”, “o que faço agora?”, fica parado esperando apoio...).
- (**X**) Inibição (mantém a cabeça baixa, evita o contato de olho a olho com o aplicador, esconde o desenho entre os braços, responde por monossílabos ou frases curtas...).
- (**X**) Cooperação (realiza a tarefa prontamente, interessa-se por ela, sente-se á vontade, faz comentários sobre o que realiza...).
- (**X**) Agitação (não para quieta, não permanece na realização do teste...).
- () Desmotivação (faz comentário como: “não quero fazer”, “quero ir embora”, “estou com preguiça”, trabalha mecanicamente...).
- () Dispersão (distrai-se com barulho fora do local de aplicação da prova, para de realizá-la para fazer perguntas não pertinentes, manifesta-se alheia...).
- () Dependência (pergunta pelo(a) acompanhante – pai, mãe ou outra pessoa – quer ver onde se encontra...).

12. Quadro Referencial para Análise do TDCF Criança

TDCF – Quadro referencial para análise.

Variáveis	(x)	Interpretação
1. Tamanho das figuras		
- Maior: uma ou mais figuras em relação às demais.	X	- Dominância e/ou valorização das figuras maiores sobre as outras.
- Igual: a fig. E, como o de outro, ou de outras.		- Competição; identificação.
- Menor: a fig. E, em relação aos outros.		- Baixa auto-estima; sentimento de inferioridade.
2. Seqüência de figuras		

- Fig E em primeiro lugar (fora da situação real).		- Liderança; sentimento de superioridade; desejo de ser valorizado.
- Fig. E em último lugar (fora da situação real).		- Sentimento de inferioridade; baixa auto-estima.
- Invertida (iniciando pela criança de menor idade até alcançar às figuras dos pais).		- Desejo de ser valorizado e de ser o centro de atenção.
3. Posição das figuras entre si		
- Distanciamento (entre figuras).	X	- Desunião; dificuldade na comunicação; distanciamento emocional.
- Distanciamento da fig. E, das outras.		- Sentimento de exclusão; de rejeição ou discriminação, dificuldade de interação.
- Aproximação da fig. E de uma ou várias delas.		- Necessidade de apoio; de identificação ou dependência.
- Figuras ligadas (dando-se as mãos, ou linhas que as unem).		- Interdependência; falta de liberdade individual; isolamento grupal.
4. Omissões		
- De figuras essenciais (pais e irmãos).		- Conflitos: sentimento de rivalidade; ciúmes das figuras omitidas.
- Da própria fig E.		- Sentimento de ser excluído; rejeitado; não receber afeto dos demais.
- Partes do corpo (na fig. E, e/ou em outras).	X	- Conflito em relação à parte omitida; dificuldade de relacionamento; receio em encarar a problemática.
5. Posição na página		
- Parte superior.		- Expressão de fantasias; sentimento de poder.
- Parte superior.		- Expressão de fantasias; sentimento de poder.
- Parte inferior.		- Depressão; insegurança; sentimento de inferioridade.
- Parte direita.		- Extroversão; socialização.
- Parte esquerda.		- Introversão; inibição.
- Posição central.	X	- Valorização da pessoa representada; segurança; equilíbrio.
- Colocação estranha (ex: no verso, flutuando).		- Tensão; conflito; sentimento de inadequação, imaturidade.
6. Barreiras		
- Figuras circunscritas em círculos; quadrados ou outro tipo de separação.		- Bloqueios; afastamento ou isolamento.
7. Inclusão de outros elementos		
- Animais; brinquedos; casas; paisagens;		- (Interpretação referida às condições do E/ e

etc...		da situação familiar).
- Linha de apoio na base das figuras.		- Insegurança.
8. Sombreados, rasguras e rabiscos		
- Em determinadas figuras.		- Conflito ou desejo de afastamento das pessoas representadas.
9. Ordem no desenhar das figuras		
- Primeira figura (fig envolvida na problemática).		- Valorização da pessoa representada; desejo de ser o primeiro; desejo de denúncia do problema).
- Última figura.	X	- Desvalorização ou conflito com a pessoa representada.
10. Ênfases especiais		
- Destaque na decoração ou nos detalhes de alguma(s) figura(s).		- Valorização.
- Destaque da fig E.		- Auto-suficiência; egocentrismo; desejo de ser valorizado.
- Exclusão da fig E.		- Sentimento de isolamento; de rejeição e/ou de inadequação.
- Desenho descuidado de determinadas figuras.		- Desvalorização da figura mal desenhada.
11. Qualidades do grafismo		
- Pressão dos traços: - forte - débil		- Expansão vital; impulsos expressivos. - Inibição da expressão vital.
- Consistência no traço.		- Energia e vitalidade.
- Linha grossa.		- Energia; auto-confiança ou agressividade e hostilidade ao meio.
- Linha fina.	X	- Insegurança; timidez; falta de auto-confiança.
- Traço contínuo.		- Decisão e auto-afirmação.
- Avanços e recuos no traçado.	X	- Ansiedade; insegurança; emotividade.
- Traço trêmulo.		- Medo e insegurança.
12. Elaboração das figuras		
- Estrutura semelhante entre as figuras (no todo).		- Dificuldade na identidade pessoal; precária individualidade.
- Estrutura diferente entre as figuras (no todo ou em função do sexo).	X	- Identidade pessoal.
- Estrutura semelhante nas figuras paternas e nas fraternas.		- Distanciamento entre os subsistemas, maternos e fraternos.
13. Colorido		
- Apenas a fig E.		- Valorização da figura E.
- Cor diferente de uma figura em relação às demais.		- Determinação; valorização da figura correspondente.

- Cores semelhantes nas figuras. Paternas e fraternas (diferentes entre ambos os grupos).		- Diferenciação dos subsistemas da família.
- Cores semelhantes nas figuras do próprio sexo.		- Diferenciação sexual (separação por sexo: mãe e filha; pai e filho).
- Cores preferidas (utilizadas).	X	- Valorização.
- Cores rejeitadas (utilizadas).	X	- Desvalorização.
- Cores semelhantes nas figuras envolvidas com o problema.		- Conflito.

13. Relato Integrativo do TDCF e do Questionário Mãe

DÍADE 8:

Mãe:

A análise do instrumento utilizado com a mãe para avaliar a percepção da mesma em relação ao seu grupo familiar demonstrou que a mãe de X tem ciência do momento delicado por que vem passando o grupo familiar após a problemática envolvendo X e o pai. Ao se desenhar, a genitora coloca-se sem as mãos, distanciada do marido, que mostra de perfil, incluindo a figura de seu irmão (tio G.), personagem ciente do problema e figura de apoio para a mãe.

A genitora demonstra algum sofrimento em relação ao afastamento de seu marido do lar, após situação complicada com a filha, (Q: 3 e 6), porém, mesmo assim a genitora denota apoiar a filha, em detrimento ao marido (Q: 12), o que é muito positivo para que a família possa adequar-se à nova situação. Porém se não for bem trabalhado,

este tipo de apoio pode desenvolver sentimentos de competição entre mãe e filha, além de sentimentos de exclusão e rejeição, indicando conflito e imaturidade no comportamento da mãe (D: 1, 2, 3 e 5).

A genitora representa as figuras dos membros da família todos em separado, com expressão sofrida. Porém, chamam atenção algumas coisas em suas projeções: a sua própria figura, bem como a figura da segunda filha (que ela aponta como a preferida do pai – Q: 13), aparecem com as mãos escondidas, o que pode significar receio em encarar a problemática (D: 4), e quem sabe até mesmo uma atitude de protesto pela forte ligação das duas figuras com o agressor. Ainda em relação a essa filha, desenha um irmão seu, tio da criança, com os braços em posição de ajuda, o que pode sugerir que também a mãe tenha certa preferência por esta filha, e não somente o pai, como ela representou.

Além disso, parece importante destacar que a mãe projeta o filho mais novo abraçado ao pai, o que justifica no questionário como sendo uma despedida (Q: 6), podendo denotar certa preocupação da mãe com o filho mais novo. Essa diferenciação que a genitora faz em seu desenho provavelmente está relacionada com a maneira como faz a diferenciação dos subsistemas familiares (D: 13), e pode se relacionar ainda a dificuldades na identidade pessoal (D: 12), não tendo clareza sobre que recursos utilizar para garantir o apoio aos outros filhos.

Se assim for, explica-se o fato de a genitora demonstrar em seu desenho vivenciar sentimentos como ansiedade, insegurança e emotividade (D: 11), o que pode culminar em isolamento grupal (D: 3), se não estiver bem entendido seu papel de mãe, figura de proteção, aproximação entre os filhos, e união do grupo familiar. Pode ser de ajuda para o grupo o fato de a mãe, apesar de todas as adversidades, ainda conservar características positivas como energia, vitalidade e valorização de si mesma (D: 5). Isso poderá impulsionar a família para um re-descobrimento de novas formas de interação, ou um aprimoramento daquelas já existentes.

14. Roteiro da Entrevista Mãe

ENTREVISTA/OBSERVAÇÃO

DADOS PESSOAIS

DATA: 10/02/06.

Nome: **XXXX**

Idade: **37 anos.**

Local de nascimento: **Pernambuco**

Instrução: **6ª. série incompleta.**

Profissão: **dona de casa.**

Outros dados:

PARTE I

História de Vida

A. Como era sua família de origem? Seu pai, mãe, irmãos? Como era a disciplina em casa? Você apanhava? Por que? Você tinha amigos? Você trabalhava em casa? E fora de casa? Quando começou a trabalhar fora? Se pudesse você voltaria à sua infância? Por quê? Como foi sua adolescência? Que sonhos você tinha? Com que idade começou a namorar? Como foram os namoros? Você se casou (ou amigou)? Quantas vezes?

Somos em 10 irmãos, eu morava em Pernambuco. Vim para São Paulo com 24 anos, quando eu casei, mas só fiquei 3 anos casada. Foi o meu primeiro namorado, que eu comecei a namorar com 17 anos.

Depois de um ano eu já conheci o pai da X e amaziei com ele, a gente viveu 15 anos juntos.

A vida com os meus pais era boa, meu pai foi um homem muito bom, ele morreu faz 4 anos. Minha mãe é viva, mora em PE, a maioria dos meus irmãos também. Os meus pais eram muito rígidos, a gente só podia sair pra ir pra igreja. Com os meus irmãos a relação era boa.

Eu sempre trabalhei na roça, quando fui pra São Paulo trabalhei como doméstica depois eu vim pra cá e nunca mais trabalhei.

B. Você sofreu algum tipo de violência sexual na infância? Como foi? Quem foi? O que você sentiu? Alguém a ajudou? Quem? Alguém a condenou? Quem? A quem você contou? Comente.

Não.

PARTE II

Sua Família

A. Como é sua família? Como é cada pessoa de sua família? Os meninos e as meninas da sua família são tratados da mesma forma? Têm as mesmas responsabilidades? O que é um dia típico da vida da sua família?

A família está passando por um período difícil, porque as crianças sentem falta (do pai – agressor), mas eu falo que ele está viajando e que não vai voltar agora, que ele vai ganhar bastante dinheiro pra gente.

B. Como é o seu companheiro atual? O que você acha dele? Se você pudesse voltar atrás, voltaria a viver com ele? Por quê?

Ele tinha o lado bom de colocar tudo em casa, mas ele fez isso, que é o lado ruim dele.

C. Como vocês lidam com problemas de sexualidade na família? Vocês se abraçam e beijam? Vocês ficam nus na frente das crianças? A maneira como vocês lidam com a sexualidade é diferente de como seus pais lidavam com a questão? Por quê?

Ele era um pai que aconselhava muito os filhos sobre “não sair com pessoas erradas”, eu também, mas só isso. Ele falava pra “se guardar”.

PARTE III

A Violência Sexual

A. Como você ficou sabendo da violência sexual? Quem contou a você? Quando? Como? O que foi dito? Quem abusou? Que idade tem ele? Como foi a violência sexual? Quando ocorreu? Com que frequência? Onde você estava quando isso ocorria? De quem você acha que foi a principal responsabilidade pelo que ocorreu? Por quê?

Eu percebi que a X estava respondona. Fui perguntar para ela, que começou a chorar e contou que o pai estava mexendo com ela. Na hora eu fiquei em dúvida, procurei o Conselho Tutelar pra conversar e ela fez os exames, ela ainda é virgem.

PARTE IV

A Revelação da Violência Sexual

A. Quais foram as suas reações quando você soube? Você teve dúvidas? Você teve dificuldade para falar com seu (sua) filho (a) sobre isso? Como você fez? E com seu companheiro (marido)? Como você poderia descrever o que você sentiu? Com quem você falou sobre isso fora da família?

Eu fiquei em dúvida, mas não falei disso com ele, ele estava viajando. Ele chegou e depois foi uma intimação na minha casa, ele foi parar a delegacia e na mesma hora a gente foi pro abrigo, porque ele é muito violento. Depois o juiz determinou que ele saísse de casa, nós voltamos pra casa, e agora ele não mora mais com a gente.

B. Qual foi a reação de seu companheiro? O que ele disse? Você acreditou nele? Por quê?

Ele ficou desesperado, chorando, disse que podia ter conversado com ele o invés de ir na delegacia.

C. Qual foi a reação de seu (s) filho (s) ou sua (s) filha (s) vitimizado (a) (s)? E dos outros filhos? E o que você sentiu com relação a cada um deles? Você acreditou nas crianças? Por quê?

Ela (E.) ficou muito abatida, chorou, disse que é muito triste ter um pai assim.

PARTE V

Os Efeitos da Revelação da Violência Sexual

A. Qual o efeito da revelação da violência em relação a você e em relação a você e:

- seu companheiro? **Não tivemos mais relação sexual, toda hora ficava lembrando disso.**
- seu (sua)s filho (a)s vitimizado (a)s? **Não mudou nada.**
- as outras crianças? **Também não mudou.**

Você mudou? Como mãe? Como esposa? Como mulher? Em que sentido? **Eu mudei, penso que já sofri demais e agora tenho que dar a volta por cima.**

B. Quais são seus sentimentos agora, sobre você, suas crianças - especialmente vitimizada (s), seu companheiro? Quais são seus planos de futuro? Como pretende executá-los?

Dele eu tenho dó, e no resto estamos bem.

C. Qual foi a principal lição que você aprendeu? O que diria a outras mães não só para parar, mas principalmente, para prevenir a violência sexual de crianças e adolescentes no lar?

Não quero falar disso com ninguém.

ANEXO A
QUESTIONÁRIO DO TDCF
(Baseado em VALLE, 2000)

Nome: _____

Data: _____

1. Quem são estes, na família?
(pai, mãe, - apontar uma a uma as figuras desenhadas, da esquerda para a direita).
2. Está faltando alguém nesta família? Se a resposta for sim, perguntar: quem?
3. Porque você desenhou primeiro esta figura? (apontar a primeira, da esquerda para a direita).
4. Porque você desenhou por último esta figura? (apontar a última da esquerda para a direita)

5. Como eles se dão?
6. O que eles estão fazendo?
7. Eles têm lugar certo para comer, dormir ou assistir televisão?
8. Eles têm horário para fazer as tarefas em casa?
9. Qual deles você gosta mais?
10. Qual parte do corpo que você gosta mais dele(a)? (apontando a figura escolhida).
11. Qual parte do corpo que você gosta menos dele(a)? (apontando a figura escolhida).
12. Qual deles(as) você gosta menos?
13. De quem o papai gosta mais?
14. De quem o papai gosta menos?
15. De quem a mamãe gosta mais?
16. De quem a mamãe gosta menos?
17. O que o papai faz, quando uma das crianças faz tudo certinho?
18. O que o papai faz, quando uma das crianças faz alguma coisa errada?
19. O que a mamãe faz, quando uma das crianças faz tudo certinho?
20. O que a mamãe faz, quando uma das crianças faz alguma coisa errada?
21. Quando o papai e a mamãe estão em casa e as crianças querem sair, para quem elas pedem permissão?
22. Destas pessoas que você desenhou, qual delas parece mais com você?
23. Ele(a) (apontando a figura Ego) ficou alguma vez sozinho(a) em casa?
 - Em caso de resposta afirmativa: por que?
 - Em caso de resposta negativa: com quem ficou?
 (apontar uma a uma as figuras desenhadas, fora a figura Ego).
24. Se ele(a) (apontando para a figura Ego) tivesse alguma coisa importante para dizer, a quem contaria?

(apontar uma a uma as figuras desenhadas, fora a figura Ego).
25. Por que ele(a) (apontando para a figura Ego) está longe ou perto do papai ou da mamãe? (abordando a proximidade ou distanciamento entre as figuras desenhadas).
26. Qual destas cores você gosta mais? (apontando).
27. Qual destas cores você gosta menos? (apontando).

ANEXO B

FORMULARIO DE OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO DO EXAMINANDO NO TDCF (DESENHO E QUESTIONÁRIO) (Baseado em VALLE, 2000)

Aspectos formais do desenho:

desenhos itens	Cça	Pai	Mãe	1º. irmão(ã)	2º. irmão(ã)	3º. irmão(ã)	4º. irmão(ã)	Outros
Ordem: 1ª. e última figuras.								
R. C.: retocagem,								

complementação.								
V. E.: vários ensaios.								
R.: rabiscação.								

- () Cumprimento das ordens (desenha uma família, colore, responde às perguntas do questionário).
- () Insegurança (formula questões, como: “não sei fazer”, “está bom?”, “o que faço agora?”, fica parado esperando apoio...).
- () Inibição (mantém a cabeça baixa, evita o contato de olho a olho com o aplicador, esconde o desenho entre os braços, responde por monossílabos ou frases curtas...).
- () Cooperação (realiza a tarefa prontamente, interessa-se por ela, sente-se á vontade, faz comentários sobre o que realiza...).
- () Agitação (não para quieta, não permanece na realização do teste...).
- () Desmotivação (faz comentário como: “não quero fazer”, “quero ir embora”, “estou com preguiça”, trabalha mecanicamente...).
- () Dispersão (distrai-se com barulho fora do local de aplicação da prova, para de realizá-la para fazer perguntas não pertinentes, manifesta-se alheia...).
- () Dependência (pergunta pelo(a) acompanhante – pai, mãe ou outra pessoa – quer ver onde se encontra...).

ANEXO C

TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNESP BAURU